



Presente **PERFEITO**

Spin-off do livro: A menina do CEO

autora best seller da amazon
JÉSSICA LARISSA





Presente **PERFEITO**

Spin-off do livro: A menina do CEO

autora best seller da amazon
JÉSSICA LARISSA

Presente PERFEITO

Spin-off do livro: A menina do CEO

autora best seller da amazon

JÉSSICA LARISSA

Presente Perfeito

Copyright © 2020 Jéssica Larissa

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos aqui são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: L.A Capas

Beta: Carla Freitas

Revisão: Natália Dias

Diagramação: Natália Dias

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem a autorização da autora. Ressalva para trechos curtos usados como citações em divulgações e resenhas, com autoria devidamente identificada. A violação dos direitos autorais é crime estabelecidos pela lei no. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

NOTA DE AUTORA

Querido leitor, diante do triste momento em que estamos vivendo, eu desejo de todo o coração que você e a sua família estejam bem. Este pequeno livro retrata o dia a dia de um casal tão amado por vocês, com momentos cômicos, cheios de risadas e muito, muito amor. Espero que seu dia se torne melhor a cada frase lida e que os espinhos do seu caminho se tornem mais suportáveis a cada risada. Eu dedico este livro a você, leitor.

Com amor, Jéssica Larissa...

ÍNDICE

[NOTA DE AUTORA](#)

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[BÔNUS](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[EPÍLOGO](#)

[OUTRAS OBRAS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

SINOPSE

O amor deles era proibido pela diferença de idade, mas era forte demais para ser parado.

Em “A menina do CEO”, Carlos Eduardo jurou nunca mais amar alguém, mas Beatriz não era qualquer “alguém”.

Você chorou, sorriu e se apaixonou pelo casal Cadu e Bia. Agora, o que acontecerá quando um novo integrante chegar à família de forma inesperada? Em “Presente Perfeito”, você irá rir e se emocionar com o dia a dia inusitado do mais novo casal Ferraz e, claro, suspirar com o nascimento do presente mais que perfeito.

Atenção: O livro possui linguagem crua e sexo explícito (+18)

PRÓLOGO



CARLOS EDUARDO

Já passava das sete horas naquela noite escura e nebulosa. O trânsito impenetrável nos arredores do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro impedia que o motorista dirigisse o *sedan* mais rápido. Olhei o relógio pela milésima vez enquanto cruzava e descruzava as pernas, impaciente, no banco de trás do carro, sabendo que estava atrasado para o jantar na casa da minha pequena sedutora.

Suspirei e fechei os olhos, louco de saudade de Beatriz, tentando a todo custo me controlar e manter a calma no meio do tráfego interminável de veículos. Há quinze dias, precisei viajar com urgência para Nova Iorque, a fim de resolver algumas questões pendentes na filial americana da Ferraz Engenharia. Tentei levar Beatriz comigo, é claro, mas Felipe foi enfático ao não permitir. Além de tudo, ela não poderia faltar tantos dias na faculdade.

Enquanto respirava fundo, enfiei a mão no bolso direito do paletó e segurei a caixinha aveludada contendo um anel de noivado que comprei em Nova Iorque alguns dias antes do voo de volta para o Brasil. Não iria esperar mais. Já estávamos juntos há alguns meses, e Beatriz era a mulher que eu amava. Esses dias

separados, além de me deixarem com as bolas azuis e com o pau dolorido, deixaram-me louco de saudades em todos os sentidos.

Sentia falta de conversar com ela depois de fazermos amor gostoso dentro do carro, ou até mesmo às pressas no meu apartamento. Sentia falta de sorrir ao vê-la falar da faculdade com entusiasmo, do quanto ela ficava linda e sexy quando se irritava com alguma coisa. E o cheiro dela... Diabos! Era a coisa mais deliciosa do mundo.

O sinal abriu, e eu pedi ao motorista para pegar outra rota menos conturbada. Como se não bastasse todo o estresse do trânsito, eu estava morto de fome e cansaço após várias horas dentro do voo.

Quando cheguei ao meu apartamento, tomei um banho às pressas, correndo contra o tempo para encontrá-la. Barbeei-me e me vesti casualmente com uma calça jeans e camisa polo. Peguei as chaves do *Aventador* e corri para a garagem. Eu parecia um adolescente no início da puberdade: bobo e ridiculamente apaixonado.

Não havia conversado muito com ela naqueles últimos dias como eu gostaria. Beatriz estava focada no projeto de preservação das tartarugas, seguindo de perto as etapas de construção do resort, e eu entrei de cabeça no trabalho para terminar as análises o mais breve possível para poder voltar logo para o Brasil, para os braços da minha menina.

Infelizmente, um dia antes do meu retorno, Bia havia pegado uma virose e estava de cama. Não poderíamos sair para transar gostoso e passarmos um tempo juntos como eu havia planejado fazer assim que retornasse. Primeiro porque, naquele momento, ela precisava de outros cuidados além do meu pau. Segundo porque, desde que Felipe descobriu o meu envolvimento com a sua filha, impôs algumas condições desnecessárias e extremamente imbecis para que eu pudesse continuar a vê-la. Aquele filho de uma puta!

Ele a levaria e a buscaria na faculdade todos os dias para garantir que não sairíamos para trepar por aí. Uma vez por semana, eu tinha permissão para levá-la para jantar, desde que deixasse o endereço e o telefone do estabelecimento em suas mãos. E jamais, em hipótese alguma, eu poderia deixá-la em casa após o horário combinado. Claro que eu não havia concordado com aquela palhaçada, pois Beatriz era maior de idade e dona do próprio nariz. Além disso, eu sabia que era apenas implicância da parte dele. Felipe queria me ver sofrendo pelo o que eu havia feito. No entanto, Beatriz achou melhor concordarmos com as condições dele ao menos por um tempo. Segundo ela, ainda era dependente do pai e já havia dado a ele desgostos demais em um período muito curto de tempo. Não tive outra opção a não ser concordar, até aquele fatídico dia.

Em poucos minutos, estava estacionando em frente à casa de Beatriz. Uma fina garoa começava a cair, pintando a calçada com as gotas de chuva. A noite estava um pouco gélida e logo um relâmpago cortou o céu negro, indicando que uma tempestade se aproximava.

Bufei impaciente devido ao frio, desci do carro e apertei a campainha. Após me identificar pelo interfone, o portão foi destravado e Karine me recebeu na porta, sorridente, convidando-me para entrar.

— Eduardo, boa noite — disse e se encaminhou para o lado, dando-me passagem. — Entre.

— Boa noite, Karine, como vai? — cumprimentei-a e dei um passo para o interior aconchegante da casa, ouvindo o ranger da porta sendo fechada às minhas costas.

— Estou bem! — respondeu animada, acompanhando-me, e apontou na direção do sofá. — Se sente um pouco. Beatriz está na cozinha e Felipe no escritório. O jantar ficará pronto logo.

Assenti e a vi passar a mão nos cabelos presos em um rabo de cavalo.

— Eu irei chamá-la — comunicou.

Balancei a cabeça em concordância, mas não foi necessário esperar mais nem um segundo para ver minha diabinha, pois, logo em seguida, Beatriz saiu da cozinha e correu na minha direção com um sorriso brando. Os cabelos castanhos estavam soltos e as madeixas compridas balançavam sobre os seus ombros como cascatas. Um vestido soltinho de cor vermelha emoldurava e cobria o corpo delicioso que tanto me enlouquecia. Só de vê-la, senti a garganta ficar seca de desejo.

— Amor, até que enfim você chegou! Que saudades — disse rouca e me abraçou fortemente, passando os dedos entre os fios dos meus cabelos da nuca.

— Também estava louco de saudades, princesa — respondi, apertando o seu corpo contra o meu, sussurrando em seu ouvido. — Você está linda.

— Gostou? — perguntou com a voz manhosa e passou a ponta do dedo no meu abdômen, por cima da camisa.

Todo o meu corpo se arrepiou.

Diabos! Ela queria me matar vestida daquele jeito provocante.

Passei minhas mãos por suas costas e a abracei com mais força. O cheiro dos sais de banho vindo da sua pele instigou todos os meus sentidos, e eu ofeguei. Era um aroma cítrico, marcante e sensual, que me fez pensar no quanto amaria cheirar cada pedacinho daquele corpo e depois lambe-lo. Senti meu pau enrijecer, louco de saudades, e subi minha mão até o seu pescoço enquanto os meus lábios procuravam a boca macia e volumosa. Contudo, fui interrompido por uma onda de espirros vindos dela, o que fez Beatriz afastar-se e limpar o nariz com o auxílio de um lenço.

— Desculpe, eu... — Ela voltou a espirrar seguidamente.

Preocupado, toquei o seu ombro e a encarei.

— Querida, você está muito mal, precisa ir ao médico — falei, observando o quanto seu nariz estava vermelho e a pele do seu rosto, pálida. — Vamos, eu levo você.

— Não será necessário, Cadu — disse ela após mais uma onda de espirros. — É só uma virose e uma dor de garganta chata. Fui ao médico mais cedo e já estou usando antibióticos. Vou ficar bem.

— Tem certeza? — perguntei e voltei a agarrá-la pela cintura, colando nossos corpos. — Quero te ver bem logo, porque estou contando os dias para meter o pau em você — brinquei.

Ela gargalhou e se afastou um pouco. Segurou minhas mãos, conduzindo-nos na direção do sofá, e sentou-se do meu lado, cruzando as pernas.

— Sim, eu tenho certeza — respondeu sorridente, colocando a mão sobre o meu peito. — Senti tanto a sua falta. Esses foram os quinze dias mais longos de todos.

Suspirou.

— Também senti a sua falta... — Toquei o seu queixo, fazendo Beatriz me encarar. Os longos cílios piscaram e uma covinha voltou a surgir nas suas bochechas. — Tem ideia do quanto foi difícil passar quinze dias sem poder tocar você?

Aproximei-me e inspirei o aroma do seu pescoço.

— Sem poder beijá-la, acariciar o seu corpo, enfiar a língua na sua boceta...

— Cadu... — Gargalhou e me deu um tapa no ombro. — Como você é descarado!

Segurando o seu pulso, puxei Beatriz para mais perto e aproximei as nossas bocas, almejando beijá-la.

— Eu sou louco por você, garota.

Senti sua respiração ficar tensa, e ela mordiscou o lábio levemente enquanto fitava a minha boca. Estávamos loucos para

nos agarrar ali, matar a saudade e sanar o desejo que nos consumia como fogo.

— Você pode ficar doente também se me beijar agora.

— Eu sei — respondi, sabendo que poderia ser eu a ficar de cama na próxima semana, mas estava ligando o foda-se. — Não ligo.

— O papai vai matar nós dois se pegar a gente se agarrando...

Não esperei que Beatriz terminasse a frase e a beijei ali mesmo, no sofá da casa de Felipe.

Chubei seus lábios deliciosos e enfiei minha língua na sua boca morna, enquanto descia as mãos pelo seu ombro, apalpando um dos seios em seguida. Senti meu pau se contraindo e não consegui segurar um gemido sofrido e doloroso. Beatriz ofegou, sem ar, e me afastou com uma das mãos. O rosto pálido havia tomado uma tonalidade rosada, e o peito subia e descia.

— Amor, espera... — Bia tentou falar algo, mas eu voltei a interrompê-la com outro beijo, desta vez mais intenso e ardente. A vontade de tê-la em meus braços estava corroendo o meu corpo. Eu já não suportava mais.

Segurei o seu rosto com uma das minhas mãos e com a outra deslizei até seus quadris, cavando e apertando a carne macia, deleitando-me com o prazer que era tocá-la. Alcancei a parte interna da sua coxa e a senti quente, tão chamativa que precisei de todo o meu autocontrole para parar com as carícias ousadas.

— Bia, não posso mais concordar com as loucuras do seu pai. Não somos mais crianças — sussurrei contra a sua boca. — Chega de amassos e rapidinhas no carro.

Naquele instante, senti seu corpo estremecer e sorri quando ela se afastou, encarando-me amedrontada.

— Cadu, o que... O que está dizendo? — murmurou.

Segurei sua mão e a levei até os meus lábios, decidido a seguir com os meus planos para aquela noite.

— Acho que está na hora de darmos o próximo passo.

— Que passo? — questionou com os olhos arregalados e surpresos.

Esbocei um sorriso e acariciei o seu queixo levemente, fitando os olhos de quartzo verde que reluziam. Devagar, enfiei a mão no bolso da calça e retirei a caixinha aveludada, sentindo meu peito palpitar. Suspirei lentamente, abri a caixa e, em um lento movimento, levei o anel de ouro trançado, cravejado com pequenos diamantes, até o alcance dos seus olhos.

Beatriz encarou-me, pálida, e levou a mão até a boca. Sorri mais uma vez ao ver que ela tremia e, sem esperar que dissesse algo, agachei o meu corpo e me ajoelhei no chão à sua frente. Um típico pedido de casamento, clichê e clássico, impossível de dar errado.

— Querida, aceita se casar comigo?

Primeiro ela começou a sorrir, depois o sorriso misturou-se às lágrimas e logo depois uma onda de espirros a atingiu. O brilho de felicidade que vi em seu olhar me fez ter certeza de que estava no caminho certo.

— Oh, meu Deus! — Levantou-se, trêmula, e segurou a minha mão. As lágrimas escorriam do seu rosto como uma cachoeira, mas ela sorria também. Tão linda!

Continuei encarando-a, receoso, com o coração apertado, imaginando se ela realmente desejaria se amarrar a alguém no auge dos seus dezenove anos. Aguardei uma resposta enquanto ela tentava secar o rosto com a outra mão.

— Oh, meu Deus, Cadu... — Puxou-me, fazendo-me levantar, e me abraçou alucinada. — É claro que eu aceito, amor. Como não aceitaria?

Soltei o ar que prendia, aliviado, e inspirei o seu cheiro. O peito estava sufocado de tanta felicidade. Queria gritar feito um louco para o mundo inteiro que aquela mulher era minha.

Afastei-me e voltei a segurar a sua mão esquerda, colocando o anel no seu dedo anelar. Acariciei sua palma levemente, e Beatriz piscou, tentando controlar as gotas de água salgada que escorriam pelos seus olhos.

Com cuidado, ela passou o dedo pelo diamante central cravado no anel de noivado e estendeu a outra mão na minha direção, mostrando o anel de família que eu havia dado a ela no hospital há alguns meses, quando foi baleada pela louca da Raquel.

— Mas e o anel que pertenceu à sua mãe? — questionou confusa.

Sorri mais uma vez e segurei a sua mão que carregava o anel de brilhantes. Beijei-a e disse:

— Este anel é uma tradição de família. Será seu até nosso filho encontrar a mulher que verdadeiramente valerá a pena compartilhar uma vida.

Sorrindo, Beatriz olhou para o outro anel e aguardou que eu falasse algo.

— E esse... — Fiz uma pequena pausa enquanto procurava as palavras que melhor definiriam o que eu sentia por aquela menina. — Esse será seu por toda a eternidade. Receba-o como uma parte do meu coração, querida.

Beijei sua mão e a vi sorrir, emocionada.

— Ah, Cadu! — Ela soltou um gritinho feliz e voltou a me abraçar. — Eu amo você. Como eu amo você.

Como uma resposta para tudo o que sentia, beijei Beatriz com desejo, esmagando os seus lábios contra os meus, e contornei sua cintura com as minhas mãos.

— O que acha de nos casarmos em três semanas? — sussurrei.

— Três semanas? Amor, está muito em cima.

— Eu quero você do meu lado sempre, Bia. Por mim, nos casaríamos amanhã mesmo. Não há por que esperar.

Ela sorriu, e eu a apertei mais contra o meu peito.

— Você é louco — murmurou. — Não podemos nos casar em três semanas. Mesmo que eu esteja louca para dormir e acordar com você todos os dias... É pouco tempo para organizamos um casamento. O ideal seriam dois meses.

— Não se preocupe. Eu dou um jeito. — Toquei o seu queixo delicado e fiz Beatriz me encarar. — Confia em mim?

Sorrindo, ela revirou os olhos e balançou a cabeça.

— Claro que confio, mas ainda acho que não será tempo suficiente.

Suspirei frustrado, sabendo que ela não cederia facilmente, mas eu também não era conhecido por desistir dos meus objetivos, muito pelo contrário.

— Um mês, Bia. Nem um dia a mais! — afirmei próximo à sua boca. — Nem um dia a mais, querida.

Ela ponderou por alguns instantes sem desviar os olhos dos meus.

— Na praia? — perguntou, passando as mãos pelo meu pescoço e mordiscando a pele. Senti todos os meus pelos se eriçarem junto com meu pau.

— Sim, na praia... — concordei aliviado e fechei os olhos quando senti suas mãos descerem até o cóis da minha calça.

Ela massageou o meu pênis e depois o apertou, fazendo-o corresponder com um espasmo. Eu iria enlouquecer se não me enterrasse dentro dela o mais rápido possível. Quanto mais louco eu ficava, mais Beatriz me provocava.

— Ao pôr do sol?

— Ao pôr do sol! — murmurei roucamente, inebriado de tesão.

Toquei a sua coxa levemente e afastei o meu rosto, mantendo nossos olhares focados um no outro, enquanto minha mão subia por debaixo da barra do seu vestido, ansiando em explorar cada centímetro da sua pele. Eu sentia sua respiração morna contra a minha boca, meu coração batia forte pela aproximação do seu corpo. Nós ficamos nos desejando e amando-nos em silêncio.

Enquanto voltava a beijá-la, ouvi um pigarro vindo da direção da porta do escritório e não precisei me virar para saber que era o Felipe. Provavelmente ele estava bravo, muito bravo, por me ver beijando Beatriz.

Diabos! Aquela era uma péssima hora para o meu futuro sogro aparecer.

— Papai? É... Estávamos conversando — disse Beatriz, assustada, enquanto arrumava o vestido.

Posicionei-me atrás dela para esconder a barraca que estava armada dentro das minhas calças e aguardei que ele dissesse algo.

— O que pensa que está fazendo, Ferraz? — questionou com as mãos trincadas e a ira estampada nos olhos. — Tire já as mãos da minha filha. Vocês estão dentro da minha casa! Tenha mais respeito.

— Não estava fazendo nada de mais, Felipe. Como você disse, estamos dentro da sua casa, e eu tenho os meus limites.

Felipe se aproximou mais, irritado, e Beatriz pressionou o corpo contra o meu, sabendo que eu estava em uma situação desconfortável e constrangedora para o momento. No entanto, a tentativa de me ajudar surtiu um efeito contrário quando senti meu pênis inchando ainda mais a cada roçar dos seus quadris na minha pélvis. Perdi o fôlego.

— A regra é clara, Ferraz! Nada de beijos, nada de sexo, nada de amassos! Será que esse seu amor consegue resistir a isso? — provocou de forma desdenhosa.

Fechei meus punhos e rangi os dentes, procurando não perder o controle diante das provocações dele. De toda forma, sabia que toda aquela rixa era por ciúmes e proteção da filha. Eu não era o maior exemplo de bom moço do mundo e tinha minhas parcelas de culpa por Felipe não confiar em mim. Afinal, fui um verdadeiro canalha por muito anos, e ele sabia de todas as mulheres que eu levava para a cama e tratava como lixo após me saciar sexualmente. Se não bastasse isso, ainda tirei a virgindade da sua princesinha.

— Papai, por favor, até quando vai ficar com isso? — questionou Beatriz em meio a um espirro.

Felipe a fitou impassível e respondeu:

— Até você ser independente e pagar suas próprias contas, mocinha. Até lá, vai viver conforme as minhas regras.

Balancei a cabeça e sorri sarcástico, louco para descontar meu desgosto nas fuças de Felipe. Era tão irônica que chegava a ser cômica a forma como o mundo dava voltas. Nesse meio tempo, perdi meu melhor amigo e ganhei um sogro e pior inimigo, que estava pagando para me ver morrer com as bolas roxas. Desgraçado!

— Querido, não seja tão duro com eles. — Estava tão vidrado e irritado, mantendo meu contato visual com Felipe, que mal percebi a chegada de Karine. — Não se lembra de como éramos quando namorávamos? Fazíamos amor igual coelhos, escondidos dos meus pais — disse, passando a mão nos ombros do marido.

Segurei-me para não sorrir ao ver a cara de espanto de Felipe e ouvir o grito chocado de Beatriz.

— Mamãe, me poupe dos detalhes!

— Karine, faça-me o favor. Agora não! — falou Felipe, bravo, encarando a mulher com um olhar repreensivo.

— Que bobagem! — Karine sorriu e ficou de frente para ele, desestabilizando-o. — Se bem me lembro, eu tinha a mesma idade que a nossa filha na época em que fizemos amor pela primeira vez, no portão da casa dos meus pais. Você se lembra, querido?

— Ka... Karine! — Engasgou-se.

Não consegui me segurar ao ver que Felipe ficava vermelho e sem fala, enquanto Beatriz encarava os pais como se visse um fantasma. Gargalhei, quebrando o silêncio que havia se formado na sala, e concluí:

— Acho que você está em desvantagem aqui, irmão.

Felipe fitou-me com os olhos afogueados, mas nada disse. Virou as costas e saiu na direção da cozinha, pisando duro no chão. Mantendo um sorriso brando no rosto, Karine chamou-nos para o jantar e seguiu a passos rápidos atrás do marido.

— Eu acho que vou vomitar...

Gargalhei mais uma vez e abracei Beatriz pelas costas, inspirando o seu cheiro.

— Respire e relaxe, meu amor. Vem, vamos jantar antes que eu te roube e te jante. — Pisquei.

Sorridente, ela balançou a cabeça de um lado para o outro e colocou a mão no meu braço. Seguimos juntos até a mesa de jantar.

Os minutos seguintes passaram como uma câmera lenta enquanto comíamos. Um clima mórbido e silencioso tomou conta do ambiente. Ninguém ousou dar uma palavra. Eu muito menos, já que Felipe estava sentado de frente para mim com uma faca na mão. Eu tinha amor à minha vida e ainda queria foder muito antes de morrer.

Ao terminarmos, Karine retirou a mesa com a ajuda da filha, deixando Felipe e eu a sós por alguns minutos. Pensei em conversar, tentar convencê-lo ou fazê-lo entender que eu amava a Bia e estava disposto a tudo para fazê-la feliz, mas hesitei. Eu já

havia tentado antes, milhares de vezes, mas Felipe não me ouvia, nem sequer me dava espaço, então, permaneci onde estava e em silêncio, odiando-me por fazê-lo me odiar.

Alguns minutos depois, Bia e sua mãe retornaram até a mesa. Beatriz sentou-se do meu lado, segurou a minha mão e anunciou que iríamos nos casar em breve.

Enquanto uma chuva torrencial caía lá fora e um forte raio cortava o céu, beijei sua mão e a trouxe para mim, dando um selinho em seus lábios, sentindo meu peito transbordar. Karine levantou-se e correu até nós, abraçando-nos. Olhei na direção de Felipe, aguardando que ele dissesse algo, mas seu olhar não indicava orgulho e felicidade, mas sim desprezo. Senti minha garganta ficar seca.

— Felipe, eu... gostaria muito de ter a sua bênção — falei e me levantei.

Dei a volta na mesa e caminhei na sua direção, mas parei quando ele resolveu dizer algo:

— Não precisou da minha bênção para fazer o que fez. Creio que agora não será necessário — disse e se levantou, arrumando o colarinho da camisa.

— Papai...

— Tudo bem, Bia. Está tudo bem. — Tranquilei-a, sem tirar os olhos dele.

Karine também tentou convencer o marido a deixar o orgulho e a teimosia de lado, mas foi em vão. Ele permaneceu irredutível.

— Está na hora de ir, Ferraz, minha filha precisa descansar. — Virou-me as costas, saindo na direção das escadas.

Suspirei profundamente, sem ânimo para uma nova discussão, e retornei minha atenção para Beatriz. Seu semblante estava aflito, angustiado, mas ela não hesitou em me abraçar e descansar o rosto no meu peito.

— Eu não queria que as coisas fossem assim. — Soluçou.

— Tudo bem, amor. Em algum momento, ele vai ceder. —
Abracei-a com mais força e me afastei. — Preciso ir.

Beatriz balançou a cabeça em concordância e disfarçadamente secou uma lágrima que escorreu pelo seu rosto.

Despedi-me da sua mãe e segui com Bia até a porta. No entanto, quando me aproximei da saída, um trovão ensurdecedor quebrou o silêncio. O temporal dava indícios de que não iria parar tão cedo. Pelos vidros das janelas, era possível ver a copa das árvores sendo balançada de um lado a outro pela força do vento e o quintal completamente alagado.

— Você não pode sair assim. É perigoso — disse Beatriz ao abrir a porta e sermos açoitados por uma lufada de vento e chuva. — O mundo está desabando lá fora.

— Bia... — Tentei justificar o motivo pelo qual eu precisava ir embora, com ou sem chuva, mas fui interrompido por Karine, que chegou logo atrás.

— Beatriz tem razão, Cadu. É perigoso — disse convicta. — O melhor é que durma aqui hoje e vá para casa pela manhã.

Virei-me na sua direção e respondi:

— Karine, eu agradeço, mas tenho certeza de que o Felipe não ficará muito contente com essa decisão.

— Eu me entendo com ele depois. Não se preocupe.

Ainda pensei por alguns instantes, decidido a recusar o convite e evitar mais um embate com Felipe pela manhã, mas mudei de ideia quando as duas me fitaram aflitas. Deixei meus ombros caírem, derrotado, e assenti.

— Ótimo. Eu vou levar alguns lençóis para o quarto de hóspedes — informou e virou-se para Beatriz. — Filha, não se esqueça de tomar o seu antibiótico.

Após despedir-se, Karine subiu as escadas e logo Beatriz também se retirou.

Fui para o quarto de hóspedes, tirei a camisa e deitei-me. Estava exausto devido à viagem, mas não conseguia dormir. Fiquei horas e horas rolando de um lado a outro, procurando desesperadamente pegar no sono e esquecer que o meu tormento diário estava em um quarto a poucos metros de distância de mim.

Minha consciência gritava para eu continuar ali onde estava, mas meu pau implorava para que eu saísse daquela cama e fosse até lá dar uns amassos nela, mesmo sabendo que aquele poderia ser o meu fim. Felipe me mataria com certeza.

Diabos!

Fechei os olhos e uma Beatriz sem-vergonha apareceu na minha mente com seu vestidinho vermelho na altura das coxas e os cabelos soltos. Praticamente podia sentir o seu toque no meu abdômen, descendo, arranhando e massageando o meu pau. Podia sentir o roçar dos seus lábios quentes nos meus enquanto as minhas mãos exploravam a sua bunda e desciam até o centro das suas pernas, deslizando um dedo na sua boceta.

Ofeguei. Sentia meu pênis babado, duro feito uma rocha. Estava quase gozando só em pensar nela. Eu sabia que não deveria fazer aquilo, que estaria infringindo as regras mais uma vez e que não merecia perdão. Só não sabia que a loucura que estava prestes a cometer mudaria para sempre nossas vidas.

Já passava das duas da manhã quando me levantei, sentindo meu pau dolorido, o corpo suado e febril de tanto tesão. Devagar, abri a porta e caminhei na direção do quarto dela, tateando as paredes para me nortear e não derrubar nada pelo caminho.

Abri a porta do seu quarto devagar, tomando cuidado para não fazer nenhum ruído, e entrei, fechando-a na chave.

Beatriz estava deitada de bruços, adormecida. De onde eu estava, conseguia ver a silhueta deliciosa do seu corpo debaixo das cobertas, iluminada pela fraca luz de um pequeno abajur em cima da mesa de cabeceira.

Aproximei-me devagar, admirando cada pequeno detalhe do seu rosto angelical, ouvindo o som da sua respiração misturando-se com o barulho das gotas de chuva no telhado.

Estava frio, mas meu corpo estava quente e completamente arrepiado.

Puxei os lençóis que a cobria, deitei-me do seu lado e fui certo em seu pescoço. Inspirei seu cheiro, mordisquei e lambi a pele macia enquanto minhas mãos desciam até o seu quadril, apalpando sua carne em todos os lugares.

— Cadu? — Ouvi um murmúrio sonolento escapar da sua garganta e continuei a acariciá-la, faminto. — Por que demorou tanto?

Gemi roucamente quando sua voz dengosa me atingiu. Logo, uma mão ousada serpenteou pelo cóis da minha calça, provocando e apertando a cabeça do meu pau.

— Eu não deveria estar aqui. Você sabe... — sussurrei, ofegante, mas não conseguia parar de apertá-la. Estava ali para me queimar, disposto a sofrer todas as consequências.

— Estou com saudades. — Virou-se e inclinou a cabeça na minha direção, oferecendo os lábios volumosos para mim.

Aceitei a oferta de bom grado. Beije-a e montei em cima do seu corpo. Abri suas pernas com as minhas enquanto acariciava sua boca com a língua e invadia a barra do shortinho que ela usava, constatando a falta de calcinha. Fiquei louco.

— Quero te lambar toda. Cada pedacinho dessa boceta.

Louco de desejo, mordi sua boca e descí, abrindo as suas pernas o máximo que consegui, deixando minha mulher toda abertinha para mim.

Com um único puxão, coloquei a barra do short para o lado e abri os grandes lábios da sua vagina com uma das minhas mãos. O feixe de nervos rosado e carnudo ficou exposto a poucos

centímetros do meu rosto, e Beatriz grunhiu, agarrando-se aos lençóis da cama.

Eu podia sentir o cheiro da sua excitação, picante e estimulante, inebriando-me como um tarado que não fazia sexo há anos. Enfiei o nariz entre as suas dobras e inspirei seu aroma, segurando-me para não gozar na calça. Em seguida, lambi a boceta que tanto me enlouquecia, da entrada até o montinho pulsante. Enfiei e retirei a língua algumas vezes, chupei e mordisquei o clitóris vermelho, fazendo-a espernear e morder o travesseiro para não gritar.

Deixei seu canal melado, escorrendo de desejo. Ela estava louca de vontade de ser possuída. Retirei seu shortinho e me livreí da calça que eu usava em frações de segundos. Dei a mesma atenção à blusa que cobria os seios pequenos e os lambi, um após o outro.

— Ah, Cadu... — choramingou, abrindo mais as pernas quando passei a esfregar seu clitóris com a cabeça do meu membro. Eu estava ofegante, suave e tremia, desesperado para me enterrar dentro dela. Não suportaria esperar por mais tempo e ela também não.

— Preciso entrar em você, menina — murmurei e me afastei um pouco para ver os lábios carnudos da sua boceta abrindo e fechando quando eu pincelava meu pau para cima e para baixo.

— Eu quero você... — grunhiu baixinho.

Putaquepariu!

Ela estava melada, quente, pronta para me receber. Era praticamente impossível resistir a mais um segundo naquela tortura deliciosa.

— Quero que monte em mim e me engula todo — sussurrei, sabendo que me derramaria em menos de um minuto se eu tomasse o controle.

Ela assentiu, mordiscando o lábio, e me posicionei em cima da cama.

Segurando a base do meu pau, ajudei Beatriz a se firmar em cima do meu colo e, em uma única investida, ela desceu, rebolando lentamente, arrancando-me suspiros e gemidos dolorosos, sugando-me todo até o fim.

Diabos! Xinguei mentalmente ao ver a gulosa me envolver por completo, devagar, com a testa franzida e a respiração ofegante, deixando-me melado com o seu prazer.

— Cadu, eu... Ai! — gemeu sem controle e jogou o corpo para trás, tremendo.

— Bia, inferno... — murmurei, perdendo a razão quando a vi gozar no meu pau com uma única sentada.

Puxei-a bruscamente e a beijei para abafar seus gemidos, sentindo seu corpo estremecer em meus braços e as unhas afiadas arranhando as minhas costas. Joguei-a de costas na cama e abri suas pernas bruscamente, penetrando a sua boceta com uma única estocada, até sentir minhas bolas tocarem na sua bunda, sem desgrudar as nossas bocas.

Nossos gemidos e grunhidos misturaram-se com o barulho da chuva e eu a comi ferozmente, metendo e tirando sem pena, dando tudo o que Beatriz queria. Gozei dentro dela como um louco, vibrando e enchendo seu canal com o meu prazer, abandonado em meio ao orgasmo enlouquecer que me consumia.

Quando terminei, desgrudei nossas bocas e retirei o pau lentamente, afastando o meu corpo e abrindo mais as suas pernas para ver o líquido esbranquiçado escorrendo do seu canal.

Seu sexo ainda pulsava e estava levemente inchado devido às minhas investidas. Gemi e abri seus grandes lábios com os meus dedos, sentindo o pênis ficar duro de novo com aquela cena imoral e deliciosa.

Fitei-a e a vi com os olhos fechados, mordendo o punho, completamente entregue. Linda!

Abracei minha menina e a amei até os primeiros raios do sol surgirem no horizonte. Eu era dela, e ela era minha. A partir daquele momento, nossos caminhos estariam para sempre entrelaçados, mesmo que só viéssemos confirmar aquilo um mês mais tarde, no dia do nosso casamento.

CAPÍTULO 01



BEATRIZ

Apertei o botão do elevador que dava acesso ao andar do apartamento do Cadu e aguardei ansiosa, recostando-me nas paredes metálicas. Enquanto os segundos passavam, respirei profundamente, procurando mandar a ansiedade para longe, morta de medo de que ele descobrisse o quanto eu estava nervosa e ansiosa.

Fazia alguns dias desde que fui pedida em casamento e aceitei no mesmo instante. Estava eufórica naquela noite, pois o homem que eu amava queria se algar a mim pelo resto da vida. Que mulher com suas faculdades mentais perfeitas não ficaria feliz?

Era assim que eu me sentia: eufórica, feliz e realizada, porém, isso foi só até o momento em que a ficha caiu de verdade.

Meu Deus, eu iria me casar. No auge dos meus dezenove anos e sem terminar a faculdade. Iria subir ao altar e juraria amar um homem de quase dois metros de altura e faminto por sexo por toda a eternidade. Entrei em pânico.

Roí um pedaço de unha e senti meu coração gelar quando as portas do elevador se abriram. Dei um passo lento e trêmulo para fora, segurando-me nas portas para não desabar no chão, e finalmente saí de dentro da caixa de metal.

Peguei a chave do apartamento na minha bolsa, caminhei até a porta e a abri. Estava silencioso lá dentro e supus que Cadu tivesse dormido assim que desligou a ligação que me fez naquela manhã, informando que estava de cama, quase morto de tanta gripe.

Não pensei duas vezes antes de sair da faculdade e pegar o primeiro táxi que passou na minha frente. Assim que cheguei em frente ao prédio dele, todo um filme passou pela minha cabeça.

Eu iria me casar. Era realmente isso que queria desde os meus quinze anos? A dúvida martelou na minha cabeça e meu coração apertou.

Dei um passo para frente e entrei, fechando a porta nas minhas costas.

Segui direto na direção do seu quarto, pensando a todo momento que logo seria o nosso quarto, nossa cama e nosso apartamento.

Mordisquei o lábio e entrei. Perdi o fôlego quando o vi deitado na cama, dormindo profundamente enquanto a luz do sol que entrava pela janela de vidro iluminava o quarto, refletindo em seu rosto tão másculo e viril.

Aproximei-me devagar, observando sua testa franzida e a pele levemente pálida. Meu peito se apertou e o medo que eu sentia deu lugar à tensão ao perceber que o seu estado não era dos melhores. Toquei sua pele, preocupada, e senti minha mão esquentar. Ele estava quente, parecia queimar de tanta febre.

— Cadu? — chamei-o aflita e retirei uma parte do lençol que o cobria. Coloquei a mão no seu peito nu e o sacudi. — Amor, acorda, você está queimando.

— Bia? — Remexeu-se na cama e sussurrou o meu nome, ainda com as pálpebras fechadas. — O que faz aqui, amor?

— Vim ver como estava. Não imaginei que estivesse tão mal assim — falei, analisando sua expressão dolorosa.

Cadu abriu os olhos e me olhou. Toquei o seu rosto, retirando um punhado de cabelo que caía por sua testa, e forcei um sorriso.

— Nunca mais me permita beijá-la gripada. Eu sinto que vou morrer a qualquer momento — dramatizou.

Não consegui segurar um sorriso e gargalhei.

— Eu disse que não era uma boa ideia, Cadu. Você que estava com fogo dentro das calças e agora está aí de cama.

— Você me provocou, mocinha. — Levantou-se e se sentou escorado na cabeceira, colocando a mão na cabeça, permitindo que o lençol caísse até seus quadris.

— Que safado mentiroso — rebati. Ele sorriu de lado, e eu não pude me segurar também. Toquei o seu ombro de leve e descii minha mão até o seu peito forte. Suspirei. — Precisa ir ao médico. Você está péssimo.

— Eu vou ficar bem. — Ele segurou a minha mão e me puxou para mais perto do seu peito, fazendo-me soltar um grito, assustada. — Depois de tomar um banho, ficarei novinho em folha. Me acompanha? — perguntou com aquele sorriso presunçoso que era a sua marca registrada.

Eu o olhei, incrédula, imaginando o quanto ele era um cretino safado e gostoso. Os receios que eu sentia há poucos minutos pareciam ter se fragmentado em milhões de partículas e, naquele momento, só pensava em agarrá-lo.

— Claro que não, senhor Ferraz. — Sorri. — Vai entrar naquele banheiro e vai tomar um belo banho frio enquanto eu preparo um chá para você.

Senti sua mão entrelaçando a minha cintura e gargalhei quando ele aproximou o rosto do meu pescoço e disse:

— Por favor, Bia. Meu pau está duro. Está doendo...

— Carlos Eduardo Ferraz, vá logo para o chuveiro — ordenei em meio ao riso que eu não conseguia esconder enquanto tentava empurrá-lo.

— Não se nega um último pedido a um doente. Não percebe que estou morrendo?

Coloquei a mão sobre a boca para disfarçar a risada e balancei a cabeça.

— Você não está morrendo. Os mortos não sentem tesão — disse, procurando me manter séria.

— Só uma sentada, querida. Devagarzinho. Você faz tão gostoso...

Seu sorriso se ampliou, e eu senti minha respiração acelerar. Meu coração disparou no instante em que ele tocou os meus lábios com os seus dedos.

— Cadu, por favor, vá para o...

Calei-me quando a boca quente tocou o meu pescoço, beijando-o, e uma mão grande e pesada amassou um dos meus seios. Revirei os olhos, inebriada de prazer, quase perdendo a consciência e esquecendo o motivo pelo qual estava ali, até ser despertada por uma onda de espirros vindos dele.

— Diabos! — esbravejou irritado e se afastou um pouco. — Isso só pode ser castigo. Será alguma praga do seu pai?

Gargalhei mais uma vez e tentei me levantar, mas fui pega por suas mãos ágeis, que seguraram a minha cintura e me fizeram sentar no seu colo, mais precisamente em cima do seu pau.

— Cadu...

— Só uma sentadinha, amor. Bem devagar — sussurrou.

Suspirei profundamente e preendi o ar em seguida quando senti o tecido do lençol tocando as minhas pernas ao ser retirado do seu corpo. Sua pele estava quente, queimava em febre devido à virose que ele havia pegado de mim naquela noite de tempestades. Sabia que deveria interromper aquele jogo de desejo e sedução, pois não era o momento para aquele tipo de coisas.

Senti o membro rijo latejar debaixo da minha bunda e rebolei devagar.

A mão dele serpenteou para o cóis da minha calça, e eu joguei a cabeça para trás, abrindo as pernas, incapaz de resistir àquele homem.

Parecia que eu estava sendo abraçada por labaredas de fogo flamejantes, que me consumiam e me impediam de raciocinar coerentemente. Que espécie de perversa eu havia me transformado? Estava louca para ser possuída pelo meu noivo enquanto ele ardia na cama, doente.

— Cadu, por favor...

— Shhh... — Ofegante, deixei que ele descesse a minha calça até os tornozelos, colocando minha calcinha para o lado, passando os dedos pelas dobras da minha vagina. Sem dizer uma única palavra, ergui o meu corpo e desci novamente, encaixando-me na cabeça do seu pau.

Cadu gemeu, e eu gritei quando o membro entrou todo. Grosso, rijo e ardente como o inferno. Parecia uma barra de aço fervilhando no meio das minhas pernas, mas era tão bom, tão gostoso e quente... Provavelmente, eu precisaria de um tubo inteiro de creme para assaduras para aliviar as consequências que essa brincadeirinha me causaria.

Senti seus beijos queimarem o meu pescoço mais uma vez e um dedo ousado deslizou por entre as bandas da minha bunda, massageando o orifício que eu ainda mantinha intocado. Meu sangue gelou.

— Estou louco para enterrar o pau nesse cuzinho — disse ele, rente ao meu ouvido.

Minhas bochechas coraram, e eu abri a boca para revidar. Nem ferrando eu o deixaria enfiar aquela mangueira na minha bunda. Contudo, fui interrompida pelo alto e estridente toque do meu celular.

Levantei-me apressadamente, sem dar tempo de ele me impedir, e peguei o aparelho do outro lado da cama. Era o papai. Provavelmente estava à minha espera na rua da faculdade.

Subi minhas roupas apressadamente e senti o medo tomar conta de mim outra vez. Eu parecia uma garotinha perto daquele homem, como poderia satisfazê-lo por completo? Como poderia assumir o posto e ser a sua mulher?

— Querida, o que foi? — Cadu moveu-se até mim, com aquele membro enorme apontando para cima. Engoli em seco.

É, Bia. Ajoelhou tem que rezar. Pensei, mordiscando o lábio.

— O meu pai... Ele está ligando — falei nervosa e deixei o celular tocando em cima da mesa de cabeceira.

— É apenas isso que está te deixando arredia assim?

Balancei a cabeça em concordância, mas a expressão duvidosa que vi em seu semblante me fez perceber que ele não acreditava em nada do que eu dizia.

— Tem certeza de que é só isso, Beatriz? — questionou, arqueando a sobrancelha.

Soltei o ar que prendia em meus pulmões e deixei meus ombros caírem, derrotada. Não dava para fugir. Eu teria que ser sincera. Talvez ele pudesse me ajudar a não sentir tanto medo do futuro que nos aguardava.

— Tudo bem. São duas coisas. — Suspirei.

— Então diga! — Ele deitou-se na cama e colocou as duas mãos atrás da cabeça, deixando o corpo nu completamente à mostra.

Dei uma olhadinha rápida no abdômen definido, coberto com espessos pelos negros, e descí até o pênis avantajado, analisando a espessura brutal e as veias altas latejantes. Era tão imoral, rústico e lindo. A cabeça rosa e macia me chamava para chupar com tanta força que só percebi que estava babando quando ele pigarreou.

— E então, querida? — perguntou, sorrindo de lado. — Vai dizer o que está te incomodando ou quer dar uma chupadinha primeiro? Pode olhar mais de perto se quiser.

Recompus-me e respondi, mordiscando o lábio:

— Muito bem. A primeira coisa é que não irei fazer sexo anal! — Despejei de uma vez, apontando na direção do seu quadril. — Você é grande e não vou conseguir acomodar tudo isso.

Ele sorriu e segurou a minha mão, induzindo-me a continuar.

— E o que mais?

Um pouco desconcertada, virei o meu corpo e andei na direção da janela de vidro, passando a mão por meus cabelos. Olhei os carros transitando lá embaixo, pessoas indo e vindo, concentradas nos seus afazeres. Eu simplesmente não conseguia entender o motivo pelo qual eu me sentia daquela forma tão estranha.

— Por favor, me diga, está me assustando. — Ouvi sua voz baixa e confusa aproximando-se e me virei na sua direção.

— Cadu, você tem certeza de que quer... se casar? Tem certeza de que sou a mulher certa?

A expressão duvidosa que cobria o seu rosto deu lugar a algo parecido com medo, receio. Ele ficou parado por alguns instantes, como se estivesse analisando o que eu tinha acabado de falar.

— O que quer dizer? — perguntou seco, fitando os meus olhos, rangendo os dentes. — Está pensando em desistir? Não me quer mais?

Dei alguns passos na sua direção e parei a cerca de um metro de distância.

— Não é isso. Eu só estou com medo... — Abracei o meu corpo e continuei: — Você é um homem lindo, maduro e bem-sucedido. Sempre teve as mulheres que quis aos seus pés. E eu... sou só uma menina ainda na faculdade.

— Está com medo de que eu me arrependa do nosso casamento e procure outra, Beatriz?

Balancei a cabeça em concordância.

Percebi que sua expressão mudou pacificamente e seus olhos brilharam, intensificando ainda mais o azul oceânico das suas íris. Cadu sorriu, abraçou-me e girou o meu corpo no ar, arrancando alguns gritos surpresos da minha garganta.

— Diabos, menina, eu já estava pronto para cometer um assassinato — confessou assim que me colocou no chão, com as mãos ainda entrelaçadas na minha cintura. — Pensei que fosse me deixar por causa de outro, algum pirralho de vinte e poucos anos.

— O quê? Não! — Tentei dizer algo, mas ele me calou colocando um dedo nos meus lábios.

— Bia... — Aproximou-se e sussurrou no meu ouvido: — Eu quero me casar com você não apenas pelo sexo gostoso que fazemos ou porque tem um rosto lindo e um corpo deliciosamente sexy. Você é maravilhosa em todos os sentidos. É inteligente, esperta, bondosa. Me enlouquece com apenas um sorriso e me faz suspirar de orgulho quando defende seus ideais. Isso nenhuma outra mulher no mundo é capaz de me oferecer.

Senti meu coração bombardear forte e um suspiro aliviado escapou junto com uma lágrima solitária. Sorri, ainda sem saber se era de felicidade ou por meu noivo ter feito uma declaração de amor sussurrando no meu ouvido, completamente pelado.

Nossos lábios se encontraram levemente e, naquele momento, eu tive a certeza de que precisava. Eu queria aquilo, queria ser dele para sempre. Iria ser dele. Nada mais importava. Ele era o Cadu, o CEO dos meus sonhos, o homem que sempre amei.

Enquanto nos beijávamos, ouvi o toque do interfone e não precisei atender para saber que era o papai. Cadu colou sua testa na minha, respirando descompassadamente, e clamou sorridente:

— Por favor, Deus, não permita que você seja filha do Felipe na próxima encarnação.

Gargalhei, permitindo que meu sorriso transbordasse até os meus olhos, e respondi:

— Vá tomar seu banho, amor, deixe que eu me entendo com o papai.

CAPÍTULO 02



BEATRIZ

Entrei tensa no carro do meu pai, devido à forma contrariada que ele me encarava. Levei uma mão ao meu pescoço e suspirei, incapaz de dar prosseguimento àquelas imposições por muito mais tempo.

Papai sentou-se no banco do motorista e encarou a rua à sua frente, mantendo-se sério durante todo o tempo. Pela forma grosseira que segurava o volante, era claro que ele estava querendo esganar o meu noivo pela *afronta* de ter me chamado para o seu apartamento com a desculpa de estar gripado.

Deu a partida no carro, e seguimos para casa. Enquanto o veículo trafegava pelas ruas movimentadas do Rio, sentia minha garganta ficar seca. Eu estava no meu limite com aquela situação.

Recordei-me do suspiro profundo e doloroso do Cadu quando eu o pedi para ir tomar banho enquanto eu conversava com o meu pai. Era real o seu sofrimento emocional, tanto por ficarmos afastados, quanto pela amizade — agora destruída — que os dois tiveram.

Quando saí do seu apartamento, nem ao menos me despedi, pois não queria ocasionar mais uma discussão entre os dois, então, evitei que ambos se encontrassem.

Meu pai mantinha-se focado na direção. O maxilar cerrado indicava que também estava incomodado, mas o silêncio continuava reinando. As mãos firmes e fortes seguravam o volante com muita força, demonstrando o quanto os seus nervos estavam aflorados.

Cansada, suspirei e desviei minha atenção para a praia, quando passávamos pela orla do Leblon. Escorei o cotovelo na janela do carro, sentindo o vento bater em meu rosto e bagunçar os fios do meu cabelo, colando-os na minha testa. Os minutos se arrastaram, torturantes, e o clima tenso que surgiu me angustiava e massacrava o peito sem pena. Parecíamos dois desconhecidos, não um pai e uma filha que um dia se deram tão bem.

Angustiada, suspirei e virei-me na sua direção.

— Papai... Por favor, chega!

Ele inspirou profundamente, sem focar a atenção em mim, e parou o carro no acostamento. Era como se sentisse que havia chegado o momento de termos uma conversa civilizada. A cara de poucos amigos que estava estampada em seu rosto indicava o quanto havia tentado adiar aquele momento.

— Pai, eu cresci. Estou na faculdade. — falei decidida, mas senti minha voz falhar devido à secura que se formou na minha garganta. — Sei que errei quando traí a sua confiança...

Senti meus olhos arderem e puxei o ar com mais força. Papai continuava focado à frente sem me encarar, segurando o volante fortemente.

— Peço, por favor, que me perdoe. Te magoei, tenho consciência disso. Sei que o que fiz foi grave e imperdoável, mas amo o Cadu, papai. Eu o amo desde que era só uma menina. — Uma lágrima rolou pela minha face, e precisei parar por alguns instantes antes de continuar: — E dói muito ver os dois assim, como se fossem inimigos e não amigos de toda uma vida. Dói em mim saber que o senhor odeia o homem que me faz feliz. Não posso mais suportar conviver com isso. Preciso que se entendam por mim, por favor!

Quando terminei de falar, senti as lágrimas rolarem com força pelas minhas bochechas, enquanto minhas mãos tremiam descontroladamente. Sequei o rosto com a palma na mão e esperei pacientemente por uma resposta. Ouvi um longo suspiro escapar da sua garganta e, como um sopro de esperança, o tom da sua voz fez meu coração acelerar, buscando uma resposta autêntica e precisa.

— Eu sei, filha — disse pausadamente. — Sei que você o ama. E conhecendo o Cadu e todo o seu histórico, também sei que o sentimento é recíproco. Mas porra, Bia. Tinha que ser logo ele?

Papai virou o rosto na minha direção e me encarou severamente. A testa franzida e o maxilar cerrado deixavam claro o quanto aquela conversa o incomodava, mas, ao mesmo tempo, ele parecia querer colocar tudo em pratos limpos. Mesmo que fosse desconfortante falar sobre o assunto. Mesmo que doesse.

Engoli a saliva com dificuldade, mas meu corpo começava a relaxar, aliviado diante das palavras dele. Aquele era um bom começo.

— Não é fácil para mim aceitar que o bebê que segurei em meus braços quando nasceu se transformou em uma mulher. Uma linda e decidida mulher que agora vai se casar com o meu melhor amigo. — Tenso, ele passou a mão pela barba rala e a deslizou para o pescoço. — E mesmo você tendo crescido, Bia, continuará sempre sendo a minha menininha. Isso nunca irá mudar.

Percebi que seus olhos marejaram e ele se esforçou para não deixar as lágrimas caírem. Nunca vira o meu pai tão vulnerável e preocupado, mas apesar das barreiras que havia criado em seu coração, sabia que tudo o que ele queria era me proteger de tudo e de todos.

Ainda com as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas, aproximei-me e o abracei de lado, passando as mãos em volta do seu pescoço. Encostei minha cabeça em seu ombro, tremendo. Quando os soluços se aplacaram um pouco, voltei a falar:

— Sempre serei sua garotinha, pai. Sempre estarei com o senhor.

— Bia, prometa para mim que vai terminar a faculdade. E que nunca irá desistir dos seus sonhos — pediu e se afastou um pouco para me encarar. Seus olhos estavam vermelhos pela emoção.

Assenti, voltando a suspirar com alívio. Uma terna alegria cresceu no meu peito.

— Sim, prometo...

Papai sorriu e secou uma gota que escorria pela minha bochecha.

— E nada de filhos agora, está me entendendo? Ainda sou muito jovem para ser chamado de avô.

Gargalhei, passando as mãos pelos meus cabelos, sentindo o vento que entrava pela janela bater em meu rosto, refrescando os rastros das lágrimas que restaram na minha pele. Meu coração palpitava de emoção, mal cabendo em meu peito.

— Certo, papai. Nada de filhos agora — concordei.

Semanas depois...

— Positivo! — O mundo girou à minha volta, e eu quase caí no chão quando olhei o resultado do teste de gravidez que havia feito naquela manhã, algumas horas antes do meu casamento. — A senhora tinha razão, mãe.

Mamãe, que estava ao meu lado dentro do quarto, pegou o teste, trêmula, e me abraçou em seguida, sem dizer uma única palavra.

Pela conversa que havíamos tido na noite anterior, já sabíamos que aquela gravidez era possível devido ao antibiótico

que tomei algumas semanas atrás, que deve ter cortado o efeito do meu anticoncepcional. Ver o resultado em minhas mãos fez o meu ar parar, minhas pernas se assemelharem à gelatina e meu coração bombardear com força. Estava imaginando a tempestade com nome e sobrenome que iria enfrentar mais cedo ou mais tarde: meu excelentíssimo pai.

Saí dos braços da minha mãe e sentei-me na beirada da cama, colocando as mãos na minha testa.

— Apesar da conversa madura e reconfortante que tivemos...
— Puxei o ar e o soltei lentamente. — Confesso que não estava preparada para ver esse resultado — falei, incrédula.

Coloquei uma mão em meu ventre e o apertei levemente. Em seguida, levantei o olhar e fitei minha mãe. Ela me fitava com compaixão. De onde eu estava, sentia seus sentimentos conflitarem entre felicidade e medo. Mesmo assim, mamãe sorriu para disfarçar as lágrimas que se formavam em seus olhos.

— Minha filha, não quero que baixe esta cabecinha nunca.

Sentou-se ao meu lado, segurando a minha mão, e acariciou o meu rosto.

— Você me faz lembrar a mim mesma quando tinha mais ou menos a sua idade. Também era uma menina quando fiquei grávida de você e estou aqui agora, ao seu lado...

— Mãe...

Meu peito inflou diante das suas palavras de conforto e senti-me protegida e acolhida.

— Nunca desisti, querida. Nem fraquejei. Por mais difícil que tenha sido, eu e o seu pai te amamos desde o primeiro momento. — Com a voz falha, ela continuou: — E agora essa missão é sua. Sei que será uma mãe maravilhosa e o Cadu, um exemplo de pai.

Mais lágrimas jorraram pelos meus olhos e funguei baixinho, encostando a cabeça no seu ombro.

— Obrigada... — murmurei emocionada.

— Ei, ei, nada de choro, mocinha. Precisamos nos apressar e correr para o SPA, pois hoje será seu dia de princesa. Precisa estar relaxada, linda e cheirosa para a cerimônia mais tarde.

Com uma mistura de medo, felicidade e euforia, levantei a cabeça e a encarei.

— Mal posso acreditar que irei me casar com ele.

Sorri. Um sorriso tão amplo que chegava aos meus olhos.

Quando as notas nupciais começaram, passei pelo arco decorado com flores brancas, sendo guiada pelo meu pai, e curvei os lábios em um sorriso. Meus olhos iluminaram-se ao avistá-lo no altar montado na areia, de frente para o mar que eu tanto amava. O terno cinza e a camisa branca, sem gravata, deixavam-no tão bonito que minhas pernas ficaram bambas e fui tomada pelo nervosismo.

Os olhos oceânicos brilharam e eu via fascínio em seu semblante. Meu sorriso ampliava-se a cada segundo. Meu coração disparou, a testa suou e a respiração acelerou a níveis extremos. A emoção me tomou quase que incontrolavelmente quando a ficha finalmente caiu e eu me dei conta de que estava indo para ele, para a vida dele, que estava fincando minhas raízes em seu coração.

Quando cheguei ao altar, respirei fundo e procurei não me abalar ao ouvir a advertência do papai. Em meu íntimo, ainda buscava uma forma de dizer que ele seria avô. Pensar nisso me deixava apavorada. Havia quebrado o juramento que havia feito a ele. Meu coração doía só em imaginar o olhar decepcionado que veria em seus olhos mais cedo ou mais tarde. Também temia pela reação do Cadu. Não fazia ideia do que sentiria ou como agiria quando soubesse.

Estava entre a cruz e a espada. Apenas rezava em silêncio para que, no fim, tudo saísse bem e que o seu amor fosse capaz de

suportar todos os obstáculos que ainda enfrentaríamos.

— Não deixe que eu me arrependa disso, Eduardo — disse o meu pai, estendendo a minha mão para o meu futuro marido.

Vi a curva de um sorriso surgir nos seus lábios e respirei aliviada quando Cadu sorriu de volta. Ver os homens da minha vida finalmente se entendendo foi como sentir o ar voltar ao meu pulmão. Era libertador.

Cadu me encaminhou para o altar e o padre deu início à cerimônia que marcava o início da nova fase da minha vida.

Na hora dos votos, vi meu futuro marido segurar um papel, trêmulo, e o encarei em expectativa.

— Querida... — começou, mas sua voz falhou miseravelmente. No entanto, não me importava. Não era preciso que dissesse uma única palavra para eu saber o que ele tentava expressar. Seu olhar apaixonado e emocionado dizia tudo. Quando Cadu continuou, senti minha mão tremer sob a sua e funguei baixinho para não me derramar em lágrimas. Cada palavra do que disse fincou no meu coração e espalhou-se em minhas veias, mas foi a última frase que me tirou de órbita. — Porque você, Bia, é o meu céu ensolarado, é o mar que acalma os meus nervos, é o ar que preciso para respirar.

Não pude mais suportar.

Baixei a cabeça e fitei o chão, sentindo as lágrimas quentes banharem o meu rosto. Meu corpo estremeceu e tudo à minha volta se apagou, restando apenas eu e ele ali. Minha cintura foi enlaçada por suas mãos fortes e, sem esperar que o padre desse a ordem final, Eduardo ergueu a minha cabeça e beijou os meus lábios intensamente, sugando e lambendo cada milímetro da minha boca.

Ofegante e incapaz de continuar guardando aquele segredo comigo, não pensei em mais nada, muito menos nas consequências das minhas palavras. Meu coração gritava para que eu dissesse sobre o nosso filho ali, naquele momento tão significativo para as nossas vidas. Então, eu falei:

— Cadu... — sussurrei entre os seus lábios. — Estou grávida. Estou esperando nosso filho.

Meu marido afastou-se, incrédulo, e, por um segundo, tive dúvidas do que ele faria a seguir. Com a voz falha, contei-lhe sobre o teste que fiz naquela manhã, enquanto segurava as suas mãos e as levava até a minha barriga.

Todos à nossa volta estremeceram, chocados com a notícia inesperada, inclusive o padre, mas eu não liguei e continuei com o olhar perdido nas íris do meu marido.

— O meu netinho... — Ouvi a voz da minha sogra ao fundo e um resmungo do meu pai, mas nem isso foi capaz de mudar o foco da minha atenção.

— Porra! Vou ser pai! — gritou meu marido, erguendo-me e girando-me no ar, fazendo o meu coração dar saltos de alegria.

Quando os meus pés voltaram a tocar o chão, o padre finalizou a cerimônia e as pessoas aproximaram-se para nos felicitar pelo casamento e pela chegada do bebê. Minutos depois, quando a multidão havia se dissipado e a mãe do Cadu parou de me abraçar emocionada pelo neto, olhei de relance para a frente e percebi que papai se aproximava sério. Engoli em seco ao ver o desânimo que estampava o seu rosto e toquei o braço do Cadu, chamando sua atenção.

— Meus parabéns, Beatriz! — parabenizou-me com cara de poucos amigos e se virou na direção do meu esposo.

Ao longe, vi mamãe deixar a conversa com alguns convidados de lado e apressar o passo na nossa direção. Como em uma câmera lenta, senti o aperto da mão do Cadu na minha, mas logo ele a soltou bruscamente quando o meu pai acertou o seu maxilar com um forte e certo soco.

— Você destruiu a vida da minha filha, imbecil! Confiei em você por duas vezes! — vociferou.

— Papai! — gritei, assustada e trêmula, sentindo o medo aflorar os meus sentidos. Coloquei-me entre os dois. — Por que está fazendo isso?

— Felipe, chega disso... — advertiu Carlos Eduardo, impaciente, levando a mão até a boca machucada. — Não estrague meu casamento com a sua filha ou não responderei pelos meus atos.

Mamãe chegou logo em seguida e olhou no rosto do marido, balançando a cabeça, incrédula com o que tinha acabado de acontecer. Voltando sua atenção para mim, captei tristeza e desapontamento no semblante do meu pai.

— Você me decepcionou, Beatriz. Me prometeu que terminaria a faculdade e agora está grávida aos dezenove anos.

Engoli a saliva com dificuldade, sentindo o gosto amargo do remorso apossando-se do meu corpo, e segui os seus passos quando ele se virou e saiu, distanciando-se de onde estávamos.

— Será que meu pai vai me perdoar algum dia? — perguntei ao meu marido, enquanto ele me abraçava por trás em frente ao espelho do nosso quarto naquela noite.

Havíamos feito apenas uma reunião íntima com os mais próximos para comemorarmos nosso casamento. Assim que o evento terminou, seguimos para casa na intenção de descansarmos um pouco antes de pegar o voo para o Havaí no dia seguinte.

— Não se preocupe, Bia. Seu pai é uma anta de tão teimoso, mas ama você e vai amar o nosso filho também. — Senti a respiração quente do Cadu no meu pescoço e fechei os olhos lentamente. — Eu sou o homem mais feliz do mundo agora.

Apesar do inconveniente mais cedo, eu também estava feliz. Meu amor estava ali comigo, com os braços envolvendo a minha

cintura e as mãos firmes em meu ventre por cima da camisola transparente. Como havia sonhado com aquele momento...

— Eu também. Sonhei com este momento a minha vida inteira, Cadu.

Meu marido acariciou a minha barriga e inspirou o cheiro que emanava dos meus cabelos.

— Mas, agora, vamos esquecer o mundo lá fora um pouco. Quero você, querida — sussurrou.

— Tem razão, amor.

Senti as mãos quentes dele tocando o meu pescoço de leve, colocando meus fios de cabelo para o lado. Ele acariciou e apertou a minha pele. Seus lábios tomaram o lugar dos seus toques e beijos molhados foram distribuídos pela curva do meu pescoço. Arrepiei. Meu corpo inteiro correspondeu ao seu toque como o álcool inflamava o fogo.

Pouco a pouco, o tecido fino que me cobria caiu sob os meus pés, deixando-me completamente nua e pronta para ele. As roupas que ele usava tiveram o mesmo destino; foram arrancadas do seu corpo e jogadas no chão.

Continuei de costas para Cadu e ofeguei quando voltou a me abraçar de costas. Dessa vez, o corpo quente e nu colou-se ao meu de uma maneira tão intensa que não consegui segurar um gemido.

Senti os poucos pelos do seu abdômen rasparem nas minhas costas e o membro duro contraiu-se na altura da minha bunda. Grunhi, enlouquecida.

As mãos cobriram os meus seios e os apertaram fortemente, envolvendo os bicos sensíveis em seus dedos. Logo depois, desceu os toques ágeis pelo meu corpo, explorando cada pedacinho de pele, massageando e prensando os meus quadris.

Com a respiração ofegante, lambeu o meu pescoço e enfiou a língua na minha orelha. Ao mesmo tempo, cavou e esfregou cada dobra que eu possuía entre as coxas. A essa altura, meu corpo já

queimava, querendo-o, estimulado pelas doses de prazer que ele me proporcionava.

Tremi quando meu marido inclinou o corpo, firmando-se na parede, e encaixou o pênis rígido entre as minhas pernas, raspando a glândula e o comprimento cheio de veias vigorosas no meu clitóris. Não me penetrou, apenas me fez sentir todo o poder que eu exercia sobre ele.

Rebolei e empinei o corpo um pouco mais para facilitar que seu membro deslizasse com mais facilidade entre as minhas coxas. Virei o meu rosto na sua direção e as nossas bocas se encontraram, as respirações se misturaram e as línguas se fundiram.

A mão pesada desceu pelo meu abdômen, acariciando a pele nua até alcançar o meu ventre. Puxou o meu corpo para mais perto do seu e aprofundou o beijo, faminto, voraz, cheio de promessas de uma vida que estava apenas começando.

BÔNUS



FELIPE

Possesso de raiva, saí daquele casamento pisando firme no chão, enquanto contava até dez para não voltar lá e terminar de quebrar a cara daquele traidor de merda. Aquele babaca imbecil que ousou encostar a lagartinha nojenta dele na minha filha e engravidá-la. Maldito!

Entrei em casa o mais rápido que pude, batendo a porta com força. Caminhei até a cozinha, arrancando o paletó do meu corpo, joguei-o em cima de uma cadeira e afrouxei a gravata. Ao aproximar-me do que queria, peguei a garrafa de uísque em cima do balcão, enchi o copo e tomei um gole generoso, sentindo o álcool me rasgar por dentro. Estava nervoso, fora de mim.

Tudo o que havia construído e planejado para o futuro da minha filha havia sido destruído por puro capricho e irresponsabilidade daqueles dois. Sentia-me mais uma vez traído, apunhalado pelas costas.

Suspirei, sentindo-me cansado, derrotado, e sentei-me. Meu peito se apertava como nunca. Sentia amargamente o desprazer de ter falhado como pai. Havia falhado miseravelmente e pensar nisso massacrava por dentro. Doía...

Não sei quanto tempo permaneci ali no balcão, preso entre os meus pensamentos. Meu desejo era arrancar o pau daquele desgraçado. Perdi as contas de quantos copos de uísque tomei. Apesar do tempo que passei ali, aflito, supus ter perdido algumas horas desde que saí do casamento, pois Karine havia acabado de chegar em casa e subia as escadas apressadamente.

Naquele momento, soube que a guerra estava apenas começando, então, eu a segui até o quarto. Havia feito merda, tinha consciência disso. Karine teria razão em querer me esganar naquela noite.

Caminhei até o quarto, devagar, e parei em frente à porta. A luz do abajur estava acesa. O som dos suspiros e do choro dela era a única coisa que quebrava o silêncio. Porra! Meu coração quase parou.

Fiquei ali estagnado, observando minha esposa, sem saber o que fazer ou dizer. Karine estava de pé, com as mãos cobrindo os olhos, de frente para o armário de roupas.

Por um momento, eu me senti como o dono da razão e da verdade por ter quebrado a cara de Carlos Eduardo; no outro, pensei que fosse morrer de angústia quando vi minha mulher pegar uma mala, colocá-la sobre a cama e começar a enchê-la com suas roupas e pertences.

— Karine, querida, o que está fazendo? — chamei-a e dei um passo para o interior do quarto, indo em sua direção.

A mulher me fitou indiferente, secou os olhos com as mãos e empinou o nariz. O jeito típico que só ela tinha para me fazer entender que eu estava em maus lençóis.

— Estou indo para um hotel, Felipe! — Jogou todas as palavras em cima de mim, sem rodeios, sem pausas, sem explicações, e continuou arrumando a mala.

— Está brincando? Karine, o que deu em você?

Percebi que a coisa estava ainda mais feia quando ela sorriu histericamente. Deixou as roupas onde estavam e deu um passo na minha direção.

— O que deu em *mim*? — questionou, irritada. — A pergunta certa é: o que deu em você, Felipe?

A histeria deu lugar a mais lágrimas e logo Karine estava chorando como um bebê. Passei a mão pela minha cabeça e puxei o ar, nervoso e aflito. Minha testa suave devido à tensão que havia se formado.

— Você destruiu o casamento da nossa filha, Felipe. Como pôde?

Pegou um lenço no meio das roupas e secou o rosto molhado.

— Querida, pelo amor de Deus! — bradei. — Aquele babaca de merda engravidou a nossa filha! A nossa Bia. O que queira que eu fizesse?

Ela balançou a cabeça em negativa e lambeu os lindos lábios, fazendo-me prender o ar, receoso pelo que viria.

— Será que não se recorda da gente, Felipe? — Olhou-me, contrariada. — Não se lembra que eu tinha a mesma idade que a Bia quando você me engravidou?

Engoli em seco quando ela começou a relembrar a nossa vida há alguns anos. Éramos dois jovens com a paixão à flor da pele, loucos de amor e desejo um pelo outro.

— Querida, era diferente... — Parei de falar quando percebi que não tinha argumentos para justificar as coisas. Minha esposa ficou ainda mais irritada com isso.

— Claro que era diferente! Éramos dois adolescentes sem juízo e irresponsáveis. O que é totalmente o contrário do seu genro e da nossa filha. A Bia está na faculdade, Felipe, e o Cadu... Bom, acho que não precisarei falar mais nada sobre ele, não é? — Karine terminou de colocar as roupas na mala, fechou-a e voltar a me olhar.

— Mesmo com todas as dificuldades, não desistimos. Você deu o seu melhor, trabalhou dia e noite, entrou na faculdade, cuidou da gente e te apoiei em tudo. Também dei o meu melhor pela nossa família. Mas, agora, não posso permitir que continue fazendo isso com a nossa filha. Você nos envergonhou publicamente por puro capricho, puro egoísmo. Não aceita que a sua filha cresceu e se transformou em uma mulher independente.

Quando ela terminou, senti a secura em minha garganta, e minhas mãos tremeram. Não sabia ao certo se era apenas nervosismo ou orgulho ferido. Ainda assim, a ideia de imaginar aquele almofadinho tocando um dedo na minha princesa me dava arrepios.

— Meu amor, por favor, desfaça essa mala e vamos conversar civilizadamente. Porra! Serei avô aos quarenta anos, isso é desesperador!

Contrariando todos os meus pedidos, Karine pegou a mala e se aproximou de mim antes de dizer algo que certamente teria me infartado se eu não tivesse o coração forte.

— Se não tem maturidade para ser avô, é certo que também não tem para ser pai outra vez. É por isso que vou embora.

Dizendo isso, minha mulher passou por mim e se aproximou da porta, disposta a ir embora sem me dar maiores explicações. No entanto, enquanto eu tentava processar aquela frase, segurei em seu braço e a puxei para mim, deixando nossos rostos próximos, sentindo sua respiração quente no meu rosto.

Com dificuldade e quase sem fala, questionei:

— O que... O que você quer dizer com isso?

Após alguns segundos de silêncio e um breve suspiro, ela respondeu, olhando nos meus olhos:

— Minha menstruação está atrasada, estou sentindo enjoos matinais e os meus hormônios estão me matando. Só preciso fazer o teste para confirmar.

Quando meu cérebro terminou de processar o que minha esposa disse, senti o mundo girar e uma sensação desesperadora tomou conta do meu corpo.

Um filme passou pela minha cabeça e me recordei de quando a Bia nasceu, das noites em claro, dos primeiros passos, do primeiro dia de aula, da primeira festa, das fotos dela na praia com o meu melhor amigo e, por fim, da minha filha grávida.

Provavelmente morreria se tivesse que passar por tudo aquilo de novo.

— Puta merda! Acho que vou... desmaiar! — falei, levando as mãos até o colarinho e desabotoando a camisa que me sufocava.

Àquela altura do campeonato, já não tinha mais uma gota de sangue no corpo e só conseguia implorar em silêncio aos céus para que o bebê que a minha esposa esperava fosse um menino.

CAPÍTULO 03



CARLOS EDUARDO

Dentro de um vestido leve e estampado, Beatriz sacudia os quadris no ritmo da dança Hula, enquanto observávamos a apresentação das dançarinas em volta da fogueira, na praia próxima ao resort que estávamos hospedados em Honolulu, capital do Havaí.

Um pouco bêbado devido aos *drinks* que eu havia tomado, passei a mão na cintura dela e deslizei até a barriguinha que ainda não tinha vestígios de uma gravidez. Trinquei os dentes quando Bia rebolou para um lado e para o outro, passando o bumbum empinadinho nas minhas bolas, acompanhando o ritmo da dança das outras mulheres.

A respiração falhou, o pau cresceu e eu não conseguia parar de imaginar o momento em que meteria todo o meu pau naquele cuzinho gostoso, o único lugar do seu corpo que ainda era virgem. Não parava de pensar nele desde aquela tarde, quando peguei minha mulher em cima da cama, de quatro, e meti sem pena. Bia gemia, gritava e rebolava. Minha mulher me enlouqueceu com a visão tão devassa da bocetinha me recebendo e do cuzinho se contraindo quando ela gozou, querendo-me também.

— Amor, vamos voltar para o hotel. — Inclinei o corpo e sussurrei rouco no seu ouvido. Estava quase gemendo de tesão.

Puxei seu corpo um pouco mais para o meu e desci a mão até sua coxa.

— Tão cedo? Está tão divertido aqui. — Ela virou-se de frente para mim e passou as mãos pelo meu pescoço, ficando nas pontas dos pés. Os olhos esverdeados cintilavam para mim. — Não está gostando?

Sorri, fascinado com o quanto ela era linda, delicada e deliciosa. Principalmente agora que os seios estavam maiores e preenchiam as minhas mãos. Não me cansava nunca de admirá-la.

— Eu bebi além da conta. Gostaria de tomar um banho e descansar. — Pisquei, e Beatriz assentiu. Limpei a garganta, disfarçando a mentira deslavada que eu havia dito. A última coisa que queria naquele momento era descansar.

— Tudo bem, vamos.

Segurando a sua mão, caminhamos devagar pela areia, passando por alguns casais que aproveitavam o frescor da noite iluminada pela lua cheia. Em poucos minutos, estávamos de volta em nossa suíte no térreo do resort, com porta automática de vidro que dava acesso para uma área privada da praia.

Assim que entramos, puxei Bia para mim e enlacei sua cintura com as duas mãos, colando os nossos corpos. Ela suspirou e abraçou-me, sorrindo. Um sorriso tão radiante que fez meu coração dar saltos de felicidade por saber que era minha. Meu pau latejou de tesão enquanto eu analisava aquela boquinha vermelha, suculenta e quente. Ah, Bia... Como ela chupava gostoso, diabos!

— No que está pensando, Cadu? — perguntou enquanto descia a mão até o meu peito. — Está me olhando de uma forma safada demais — concluiu, curvando os lábios mais uma vez.

Toquei o seu rosto levemente, acariciei o pequeno queixo aveludado e raspei o dedo no seu lábio inferior, fazendo Beatriz entreabri-los.

— Estou pensando quando meu pau vai entrar nessa boquinha outra vez. — Pisquei. — E depois nessa bundinha linda.

Ela gargalhou e colocou o rosto no meu peito, abraçando a minha cintura.

— Cadu, como você é descarado! Não vou te dar a minha bunda. Eu não posso correr o risco de parar no pronto socorro em plena lua de mel.

Também sorri e a abracei mais forte. Logo depois, desci as mãos pelos seus quadris, cravando meus dedos em sua carne. Apertei o bumbum durinho por cima do vestido, amassei e abri suas nádegas com desejo e uma fome louca, colando seu corpo ao meu ainda mais.

— Não tenha tanta certeza, minha linda. Eu sempre consigo o que quero. E o que quero agora é te dar muito prazer pela parte de trás — sussurrei e enfiei a mão por baixo do seu vestido.

Senti seu corpo estremecer e, mais uma vez, ela gargalhou sem conseguir se conter.

— Querido, não vou deixar que encoste esse pau na minha bunda. Tenho amor aos músculos da minha cavidade preciosa. — Apressou-se em dizer e afastou a minha mão das suas nádegas — Eu quero sentir prazer, não ser arrombada. Você tem uma mangueira no meio das pernas — concluiu, engasgando-se com os risos.

Não consegui me segurar e gargalhei sem controle, afastando-a e olhando o seu rosto risonho.

— Porra, Bia. Cavidade preciosa? — questionei. — É cuzinho, meu amor. Um gostoso e apertado cuzinho.

Balançando a cabeça, ela piscou e desvencilhou-se dos meus braços, indo na direção do banheiro.

— Irei tomar o meu banho e trancarei a porta, marido. — Ela desceu o olhar e analisou o volume que havia se formado na minha virilha, mordiscando o lábio. Meu pênis estava quase rasgando a

calça de tão duro. — Você não é um esposo confiável, e eu ainda pretendo andar pelas ruas e me sentar elegantemente.

Balancei a cabeça sorridente e me sentei na poltrona no centro da suíte enquanto observava minha esposa caminhar rebolando na direção do banheiro, provocando-me.

Quando Beatriz retornou ao quarto, enrolada em um roupão branco, eu já estava completamente nu. Beije os seus lábios brevemente e segui para tomar o meu próprio banho, ansiando em retornar o mais rápido possível para beijar e lambe cada pedacinho do corpo dela.

Após me lavar rapidamente, sequei-me e envolvi os meus ombros e costas com um roupão preto, deixando a parte da frente aberta.

Retornei ao quarto, caminhando devagar, com um sorriso presunçoso no rosto, sentindo-me como um leão faminto prestes a abater e devorar cada pedacinho de carne da sua pequena, delicada e preciosa presa.

Enquanto andava na direção dela, parei a alguns metros de distância, constatando que Beatriz falava com alguém no *notebook*, e pigarreei. De onde eu estava, pude ouvir a voz de Felipe e me surpreendi ao ouvir um pedido de desculpas. No entanto, a única vontade que me assolava naquele momento era a de agarrar e beijar a minha mulher na frente dele, apenas para provocá-lo.

Imbecil! O local que ele havia me socado ainda doía constantemente.

Quando Beatriz se deu conta da minha presença, mordiscou o lábio e suspirou, analisando o meu corpo antes de dizer:

— Querido, vista uma cueca e vem aqui para a cama. Estou com a mamãe e o papai no *Skype*.

Que Deus me perdoasse, mas eu sorri e gargalhei muito por dentro só em imaginar a cara de horror do Felipe ao saber que eu estava pelado ali naquele momento, de frente para Beatriz.

Assenti para ela, curvando os lábios discretamente, e caminhei até os meus pertences para pegar um vidro de lubrificante. Fechei o roupão e me sentei ao lado da minha menina na cama, tomando cuidado para não deixar meu cacete aparecer por acidente pela abertura da peça de tecido.

— Olá, Felipe. Oi, Karine — cumprimentei-os.

Karine sorriu e me respondeu alegremente, perguntando como estavam as coisas. Enquanto o esposo, respondeu apenas um “oi” com a cara amarrada.

— *Filha, nós temos uma novidade para contar a vocês, mas iremos esperar que retornem!* — disse Karine, feliz, segurando a mão do marido.

Naquele momento, percebi que os olhos de Felipe brilharam e ele sorriu, fitando a esposa todo apaixonado.

— *Não saia de casa novamente, querida, ou eu enlouqueço e você será a culpada* — sussurrou para ela.

Franzi a testa ao ouvir o pronunciamento dele e fiquei ainda mais surpreso quando Karine colocou um dedo nos lábios do esposo e respondeu, arqueando a sobrancelha:

— *Não farei. Desde que você se comporte como deve.*

Que merda tinha acontecido para o Felipe se comportar daquela maneira? Parecia um filhote de gatinho de tão dócil.

— Como assim sair de casa? Mamãe, o que aconteceu? — indagou Beatriz, surpresa.

— *Irei contar tudo quando vocês voltarem, meu amor. Só liguei para saber se estão bem por aí. Depois conversamos com calma porque aqui já passou de meia-noite.*

Após se despedirem, minha mulher colocou o *notebook* sobre a mesa de cabeceira e retornou para a cama, deitando-se, pensativa, com as mãos atrás da cabeça. Imaginei que aquele silêncio se devia à curta conversa que teve com seus pais. Diante dos fatos, supus que as coisas não andavam muito bem entre eles

nos últimos dias, mas eu ainda não conseguia imaginar que espécie de novidade Felipe e Karine tinham para contar.

Deixando de lado os questionamentos sobre os dois, coloquei o lubrificante em cima da mesa de cabeceira e aproximei-me de Beatriz. Inclinei o meu corpo na sua direção e toquei o seu rosto.

— Está tudo bem? — questionei, chamando sua atenção para mim.

Ela suspirou e assentiu, fitando-me.

— Estou bem, meu amor. Só fiquei um pouco confusa com a conversa do papai.

— Então vamos tratar de esquecer isso! — sugeri e sorri, enquanto me movia para ficar em cima dela. — Tenho algo delicioso em mente para fazermos agora.

— Cadu, já conversamos sobre esse assunto de sexo anal.

Beatriz colocou a mão no meu peito e prendeu o lábio entre os dentes, tentando disfarçar um sorriso. Aproximei-me do seu ouvido, roçando meu rosto na sua pele, e sussurrei:

— Eu só quero beijar você.

Tirei uma mecha de cabelo do seu rosto, fitei seus olhos brilhantes e coleí minha boca na sua. Comecei beijando-a devagar, passando os lábios nos seus, sentindo a doçura quente da sua boca.

Quando ela abriu os lábios para receber a minha língua, ofeguei, sentindo meu membro enrijecer descaradamente, e penetrei sua boca da mesma forma que faria na sua boceta. Minha mulher ofegou, enfiando as mãos por baixo do roupão que eu usava, desfazendo o laço que prendia o tecido ao meu corpo.

Meu pau saltou para fora, acomodando-se em sua virilha, por cima da peça macia que cobria sua pele lisa e cheirosa. Ele estava tão duro, tão quente e inchado, que precisei me controlar para não abrir suas pernas e tomá-la ali, sem nenhuma preliminar. No

entanto, queria mais, queria todo seu corpo naquela noite. Queria comer sua boceta e a sua bunda desesperadamente.

Terminei de retirar o meu roupão e fiquei completamente nu em cima dela. Abri suas pernas devagar para me acomodar entre elas, desfiz o laço da peça que Beatriz usava e coleí os nossos corpos, gemendo com a sensação deliciosa de sentir a pele nua da minha menina fundindo-se à minha.

— Querido, eu pedi comida e... — Ela tentou dizer algo, mas eu a interrompi, beijando o seu queixo e subindo para a boca outra vez. — Amor, devemos... esperar...

Contudo, sem poder imaginar a tragédia que estava prestes a acontecer, ignorei as suas palavras e continuei a beijá-la, chupando a língua e mordendo os lábios inchados.

Desci, beijando o seu pescoço, chupando os seios lindos e acariciando a barriguinha esguia que carregava o meu orgulho: meu filhão. Em seguida, voltei a beijar e a morder o seu queixo.

— Bia... — adverti-a quando ela escorregou as mãos por minhas costas e deslizou até meu traseiro, apertando a minha carne. — Pare com isso, moça.

— Você quer enfiar o pau na minha bunda e eu não posso tocar na sua? Isso é injusto, Cadu — protestou, ofegante, e me apertou mais.

Gargalhei, olhando aquela carinha sapeca, e arqueei a sobrancelha.

— Nessa região ninguém toca, nem mesmo quando eu estiver morto!

— Estou realizando um sonho de adolescência. Sempre quis fazer isso na sua bunda — confessou sorrindo.

— Por quê? — questioneí curioso.

Afastei suas coxas ainda mais, deixando-a toda exposta para mim, e pinceleí a cabeça grossa do meu pau na sua abertura.

— Nós mulheres também sentimos tesão em bunda de homem. Gostoso...

Penetrei a glândula nela, mantendo a minha atenção focada no seu rosto, e Beatriz grunhiu, fechando os olhos.

— É gostoso, querida? Gosta de dar assim para o seu marido?

— Oh, sim... — gritou quando eu enfiei todo e segurei suas mãos, prendendo-as no topo da sua cabeça.

— Não é da bunda de homem que vocês gostam, mas sim de um pau grosso e quente metido lá no fundo.

Respirando descompassadamente, ela assentiu, e eu a beijei novamente. Continuei com o pênis dentro dela por vários minutos, sem me mover, apenas apreciando o prazer que era beijá-la e tê-la dentro dos meus braços. Inclinei o meu corpo para lambar os seios e me afastei um pouco, tirando o pênis do seu interior.

Quando a toquei intimamente, fui à loucura, pois Beatriz estava quente, melada e escorregadia. A bocetinha pingava de tanto que me queria.

Sem conseguir me segurar mais, ergui o meu corpo e fiquei de joelhos ao seu lado. Passei uma mão por baixo das suas costas e a outra entre as suas coxas, e então a virei bruscamente na cama. Beatriz soltou um grito, surpresa, quando em um rápido movimento, fiquei de pé no chão, segurei seus quadris e a ergui, colocando minha mulher de quatro, deixando seu rosto apoiado no colchão.

— Oh, meu... Ain... — choramingou.

Abri suas nádegas, deixando minha mulher toda abertinha para mim, revelando os lábios avermelhados do seu sexo e expondo o feixe de nervos do clitóris. Passei o polegar no montinho sensível, massageei e subi até alcançar o anel intocado de musculosos.

— Cadu, devagar... Por favor... — pediu com a voz entrecortada.

Inclinei o meu corpo para alcançar o seu ouvido e sussurrei:

— Eu vou lamber você e te deixar ainda mais molhada. Você vai gostar, princesa.

Voltei minha atenção para aquele traseiro lindo, abaixei-me e enfiei o rosto entre as suas coxas, fazendo tudo o que eu havia prometido, lambendo, sugando e penetrando Beatriz com a língua. Chupei seu clítoris e lambi seu canal até alcançar o ânus. Chupei aquela região com vontade, enquanto ela gritava e se contorcia, arranhando o colchão.

Quando senti que Bia estava preparada, lambuzei o cuzinho dela com o lubrificante e massageei a região em círculos, deixando-a ainda mais excitada e relaxada.

Estava tudo muito lindo e delicioso até o momento em que fiquei de pé e direcionei a cabeça do meu pau naquele burquinho tão apertado. Comecei enfiando a ponta do meu dedo delicadamente, e ela reclamou e se moveu para frente.

— Cadu, não me deixe tetraplégica, pelo amor de Deus!

Gargalhei com o comentário amedrontado dela e a acalmei, massageando seu traseiro. Parecia que Beatriz estava prestes a entrar em uma sala de cirurgia e não que iria dar a bundinha gostosa para o seu marido.

— Relaxa, meu amor. Vou enfiar devagar. Só a cabecinha, bem lentamente...

Pincelei a cabeça grossa na entrada lambuzada, desci um pouco, meti na boceta inchada e então voltei para o anelzinho. Empurrei devagar e senti o burquinho dando espaço para eu entrar.

Minha testa suou e o pau latejou de tesão só em imaginar que estava prestes a entrar naquele local proibido. Eu já sentia minhas bolas contraindo-se com a quantidade absurda de porra que derramaria dentro dela.

— Para, Cadu... Ai! Está doendo... — Aliviei a pressão quando ela reclamou, tentando me afastar, e enfiei uma mão entre

as suas pernas para massagear seu clitóris.

— Calma, calma... — sussurrei.

Beatriz relaxou um pouco e eu voltei a empurrar, tomando cuidado para não perder o controle e machucá-la. Estava tão gostoso sentir cada milímetro da cabeça do meu pau tomando espaço. Estava tão quente que era quase possível sentir o gozo saindo. Mas então, quando troquei a posição do meu corpo e dei um passo para frente, acabei pisando em algo escorregadio no chão. No ímpeto de me equilibrar, inclinei o corpo para frente, firmando-me nas costas de Beatriz, e sem querer penetrei a glândula no ânus dela.

— Aaaaiii! — Minha mulher berrou, tão alto que, por um instante, senti o chão e as paredes estremeceram. Meu corpo inteiro congelou, preocupado, quando a vi se deitar no colchão, levando a mão até o local. — Você vai me matar assim!

Putá merda! Olhei para o chão onde eu havia pisado e vi um creme esbranquiçado. Imaginei ter sido a própria Beatriz que havia deixado o produto cair ali.

— Perdão, querida. Perdão!

Abracei Beatriz de costas, acariciando os seus ombros, e beijei seu pescoço, enquanto ela ainda se contorcia, dolorida.

— Porra, Cadu. Está ardendo como o inferno!

Naquele momento, percebi que a coisa era ainda mais séria do que pensei. Eu nunca tinha visto minha esposa falar tanto palavrão em um período tão curto de tempo.

— Me desculpe, escorreguei em um pouco de creme que caiu no chão.

Ela assentiu e se virou para mim, colocando a mão no meu peito.

— Eu odeio você, sabia? — afirmou, curvando os lábios. — Odeio você e essa anaconda que você chama de pau. Cretino.

— Mentirosa. — Puxei-a para mais perto de mim, passando o braço em sua cintura, segurando seu maxilar com a mão livre, e deixei sua boca próximo à minha. — Você ama tanto o meu pau que agora está buchudinha, bebê.

Sorri ao ver suas bochechas corarem, e ela me beijou com suavidade. Continuei acariciando o corpo da minha mulher por alguns minutos, beijando e mordendo alguns pontos até ter certeza de que ela não sentia mais nenhum incômodo.

Enquanto ela gemia com as minhas carícias, coloquei Beatriz de lado, mordisquei o lóbulo da sua orelha e perguntei em um sussurro:

— Está pronta?

— Acho que nunca estarei pronta para isso — murmurou.

— Confia em mim, amor — supliquei. O medo de ela desistir já estava deixando-me com as bolas azuis.

— Não deu muito certo confiar em você da última vez — disse, sorrindo. — Naquele momento, entendi o significado de queimar a rosca.

— Porra! — Não consegui me segurar e gargalhei alto, acompanhado por Beatriz, que também sorria, descontraída, deixando-me com a cara típica de um bobo apaixonado. — Eu amo você, diabos! — falei entre risos e voltei a me encaixar atrás dela, de conchinha.

Alcansei o vidro de lubrificante que eu havia deixado em cima da cama, coloquei uma quantidade generosa em meus dedos e me afastei para espalhar o produto no seu traseiro. Abri suas nádegas com cuidado e, novamente, preparei-a para me receber, lubrificando e enfiando um dedo.

Encaixei a cabeça na entradinha dela e funguei em seu pescoço, deixando Beatriz relaxada.

— Devagar... Ai, ai.

Forcei lentamente, sentindo seus músculos cedendo, dando-me passagem para entrar. Trinquei os dentes e ofeguei quando a cabeça entrou quase que completamente, esmagando o meu pau. Diabos! Como era gostoso e quente. Aquela sensação estava alucinando-me.

Beatriz choramingou, colocando a mão na minha coxa, e eu empurrei um pouco mais. Entrou, gostoso, tão apertado que me fez grunhir.

— Não se mexe, fica assim... — pediu com a voz dolorosa e ofegante.

Usando todo o meu autocontrole, abracei minha mulher e inspirei o cheiro doce que exalava dos seus cabelos, procurando ficar imóvel por alguns instantes.

— Está tão gostoso. Você é deliciosa demais... — falei em seu ouvido, com a respiração pesada, tamanho era o prazer que eu sentia.

Contudo, nada no mundo havia me preparado para ir ao céu e ao inferno em questão de segundos nos momentos seguintes.

— Cadu, tem certeza de que não tem nada saindo aí atrás? — questionou, fazendo-me sorrir mais uma vez. — É estranho ter um negócio desse tamanho enfiado no rabo.

— Sim, eu tenho certeza. Acho... — respondi descontraído, voltando a enfiar mais, louco para meter tudo.

Beatriz gritou, e eu gemi. O coração quase enfartou quando ouvi uma batida brusca na porta, seguida de uma ordem que fez cada nervo do meu corpo explodir de ódio.

— Abram a porta! É a polícia!

Naquele momento, soube que a deliciosa ideia de comer o cu da minha mulher, naquela noite, havia escoado pelo ralo.

Maldição!

CAPÍTULO 04



CARLOS EDUARDO

— Abram a porta! É a polícia! — disse a voz grave em um português arrastado, mas com sotaque havaiano bem carregado.

Quem no inferno trouxe a polícia até aqui? Pensei, roxo de raiva, enquanto saía de dentro de Beatriz, frustrado e ofegante.

— Cadu, eu ouvi direito? É a polícia? — questionou minha pequena com os olhos arregalados, puxando os lençóis para esconder a sua nudez.

— Parece que sim, princesa, mas não se preocupe. Irei verificar. Deve ter sido algum mal-entendido.

Ela assentiu, assustada, e eu peguei o roupão, envolvendo o meu corpo com o tecido felpudo. Caminhei apressadamente até a porta, ansiando acabar logo com aquilo e voltar para os braços da minha mulher. Contudo, não foi bem esse o feito que consegui quando abri a porta.

— O que está acontecendo... — Tentei questionar, mas fui barrado por uma dupla de policiais baixinhos, gorduchos e armados, que apontavam suas armas na minha direção. Não tive alternativa a não ser me calar, estático.

— Mãos para cima! O senhor está preso acusado de agressão e tentativa de homicídio contra a sua acompanhante —

disse um deles, o mais rechonchudo, falando um português bem arrastado e de difícil compreensão, apontando o revólver para a minha cabeça.

Automaticamente, levantei minhas mãos, sem fala, imaginando que merda tinha acontecido com a cabeça daquelas pessoas para pensar algo do tipo. Nem me dei conta de que eu havia me esquecido de fechar o laço do roupão, enquanto analisava cada detalhe daquela situação, no mínimo, constrangedora.

Dei um passo para trás, respirando descompassadamente de nervoso, e foi quando vi uma senhora uniformizada logo atrás dos policiais, com a mão em cima de algo parecido com um suporte, contendo pratos, talheres e alguma outra coisa que supus ser o jantar que Beatriz havia pedido.

Putaquepariu!

— Céus, o que aconteceu? — Ouvi os passos da minha mulher logo atrás de mim. Ela estava angustiada, e me movi na sua direção.

— Não se mexa! — ordenou o outro policial com um sotaque mais marcante que o do outro homem, fazendo-me ficar imóvel.

— Senhora, não se preocupe. Você está a salvo agora! — disse a velhinha de cara fechada e sotaque igualmente carregado, aproximando-se um pouco mais. Seu português era um pouco melhor que o do homem. — Graças a Deus ouvi tudo no momento que trouxe o seu pedido e...

— Céus, não... Isso é um mal-entendido. Meu marido não estava me agredindo, pelo amor de Deus! — bradou Beatriz, aflita, chamando a atenção de todos para si.

— Mas eu ouvi a senhora gritando! Dizia que ele a mataria...

Foi então que, de repente, tudo começou a fazer sentido. Soltei o ar que prendia em meus pulmões, ainda sem saber se explodia de raiva ou se gargalhava da situação. A verdade é que

comer uma bunda nunca havia dado tanto trabalho e gerado tantos mal-entendidos. Eu já me perguntava se seria outra praga de Felipe.

Olhando para a minha esposa ao meu lado, senti meu coração se apertar.

Suas bochechas estavam ainda mais coradas, indicando seu embaraço e constrangimento, enquanto ela segurava o lençol com toda a força em volta do seu corpo. Até mesmo os policiais a encaravam, confusos. Imaginei o quão constrangedor era para minha menina vivenciar e explicar aquela situação.

— Senhora, senhores... Eu e o meu esposo estamos em lua de mel e nós estávamos fazendo amor. Entendem?

— Resumindo, ela estava me dando a parte de trás — concluí, antes que mais perguntas surgissem e eles prolongassem aquela conversa.

No instante seguinte, fui alvo do olhar alarmado e furioso de Beatriz, e de um sorriso cúmplice vindo dos policiais.

A velhinha me fitou chocada, arregalando os olhos acinzentados. Provavelmente, blasfemava-me internamente, pensando que eu era um perverso. Contudo, seu choque foi ainda maior quando baixou os olhos e soltou um grito horrorizado, levando a mão até a boca. Em seguida, fitou minha pequena e linda esposa com o semblante preocupado.

— Coitadinha... — murmurou.

Segui o rumo que o seu olhar havia feito até o meu quadril e senti todo o sangue fugir do meu corpo quando me dei conta de que meu pau estava à mostra, semiereto. Parecia que tinha vida própria quando balançava de um lado a outro sempre que eu me movia. Merda!

Naquela noite, provavelmente seria mesmo preso, acusado de agredir a minha esposa com o pau, ou de ter matado a velhinha de infarto.

— Céus, me ajude! — Beatriz colocou a mão no rosto, envergonhada, e eu fechei o roupão o mais rápido que pude.

No momento seguinte, ouvi o pigarro de um dos homens, seguido do seu pronunciamento:

— Creio que o mal-entendido foi resolvido... — disse, limpando a garganta para não sorrir. — Sinto muito pelo constrangimento, senhor! Nossas sinceras desculpas.

Franzi o cenho, irritado, e balancei a cabeça em concordância.

A velha senhora caminhou até Beatriz, tão nervosa e pálida, que pensei seriamente em ligar na emergência. Segurou sua mão, pedindo-lhe desculpas e informando que conversaria com o gerente do resort para que fôssemos recompensados com sessões gratuitas no SPA devido ao grande engano. Eu ainda tinha a nítida sensação de que ela não se simpatizava comigo.

Respirei fundo e segurei a porta, aguardando que saíssem.

Beatriz aceitou os pedidos de desculpas, tranquilizando a mulher, mas recusou a oferta. A senhora caminhou até o corredor, onde havia deixado o suporte com a nossa comida, e o trouxe para o interior da suíte.

— É por conta da casa! — falou, nitidamente ressentida, e logo depois saiu, sendo seguida pelos policiais.

BEATRIZ

Cadu fechou a porta do quarto e levou a mão até o pescoço, enquanto me fitava, tenso. Eu queria matá-lo pelo que havia dito aos policiais. Queria pegar aquelas bolinhas que ele chamava de saco e torcê-las até fazê-lo se ajoelhar no chão, pedindo-me perdão pela vergonha que me fez passar.

Se não bastasse tudo, meu bumbum doía como nunca, ardia como brasa a cada passo que eu dava no quarto. *Tudo culpa do fogo no rabo*. Pensei, choramingando internamente. Não deveria ter dado ouvidos aos desejos da cabeça de baixo dele. Ou melhor, não deveria ter dado a bunda.

Os hormônios da gravidez estavam me enlouquecendo. Eu só pensava em sexo dia e noite, e foi por isso, por causa do desejo incontrolável, que eu havia deixado Cadu enfiar aquele pênis enorme na minha bunda. Agora, sofria as consequências do ato, e uma delas seria passar uma semana sem conseguir me sentar direito. Não era justo.

Tive vontade de chorar, de ir embora e deixá-lo ali sozinho com aquele pau infernal.

Sentei-me na cama, irritada, segurando-me para não dar uns tapas nele, mas, como ainda estava toda melada de saliva, lubrificante e os próprios líquidos do meu corpo traidor, foi impossível me manter quieta naquela posição. Eu precisava de um banho urgentemente.

— Meu amor, você está bem? Está tão quieta! — perguntou ele, aproximando-se. Sentou-se do meu lado e tocou o meu rosto.

Foi a deixa que eu precisava para juntar forças e me levantar daquela cama. Empinei o nariz, disposta a ignorá-lo e nunca mais cair em tentação. Deixei os lençóis caírem no chão, deixando o meu corpo completamente nu, pois sabia que ele estaria olhando-me cheio de tesão. No entanto, eu o deixaria sofrer, da mesma forma que eu estava sofrendo.

Caminhei para o toalete apressadamente, passando em frente a um dos enormes espelhos que tinha ao lado da pia. Dei alguns passos na direção do *box*, mas parei no meio do caminho quando algo inusitado passou pela minha cabeça.

Respirando fundo, dei meia-volta e parei em frente ao meu reflexo, observando o meu corpo esguio com algumas marcas de

mordidas e chupadas. Aquele homem era um demônio tarado! Gritei em meus próprios pensamentos.

Virei as costas, decidida a ir em frente e olhar o tamanho do estrago. Devagar, virei o rosto na direção do espelho, levei as duas mãos até o meu traseiro, empinando-o, e abri as bandas da minha bunda.

O local estava avermelhado, com algumas marcas de sangue. Quase deixei uma lágrima escapar pelos meus olhos quando percebi que não havia sobrado nenhuma preguinha. Nem umazinha para contar a história.

— Querida? O que está fazendo?

Meu coração deu um salto e eu soltei um grito, assustada, quando meu marido se aproximou, fitando-me com as sobrancelhas arqueadas e um sorriso presunçoso no rosto.

— Estava mesmo fazendo o que estou pensando, Bia? — Sorriu.

Simplesmente não tinha como negar, pois ele havia visto cada detalhe do que eu estava fazendo em frente ao espelho.

— Sim! — confessei, segurando o choro. Eu queria matar aqueles hormônios que mudavam o meu estado de humor a todo instante, deixando-me louca. — Você fez um rombo na minha bunda, Cadu... — Solucei.

Percebi que seu semblante havia mudado de safado para preocupado. Correu na minha direção e abaixou-se, deixando-me confusa.

— Me deixe ver isso!

— O quê? Não! — protestei quando finalmente entendi o que ele quis dizer, afastando-o antes que ele enfiasse a fuça entre as minhas pernas para ver meu estado caótico. — Nunca mais permitirei que encoste esse pau monstruoso aí.

Atendendo ao meu apelo, Carlos Eduardo levantou-se e tocou o meu rosto, envolvendo-me na sua teia predatória.

— Se Deus fez assim, é porque cabe direitinho, querida — sussurrou.

Eu queria ter raiva, queria sentir ódio e desprezá-lo, mas, naquele momento, precisei ser forte e me segurar para não explodir em uma gargalhada. Quando dei por mim, estava chorando e sorrindo, abraçada ao meu marido ali, no centro do banheiro, enquanto ele acariciava os meus ombros e costas.

— Eu ainda não sei como fui me apaixonar por um tarado como você! — falei chorosa enquanto secava as minhas lágrimas com uma parte do roupão dele.

Cadu gargalhou e se afastou do meu corpo, fitando-me com o olhar tão azul e sereno que me arrancava suspiros sem perceber e com aquele sorriso *Colgate* que me deixava derretida no chão.

— Talvez tenha se apaixonado por mim exatamente por isso.

Balancei a cabeça, sem conseguir mais disfarçar um sorriso, e curvei os lábios. Era bem provável que o meu olhar brilhava também.

— Eu amo você, meu pequeno anjo. E amo toda essa bagunça que fez na minha vida. — Fitou-me, voltando a ficar sério, e desceu o olhar pelo meu corpo, analisando os meus seios inchados, parando no meu ventre.

Tocou minha barriga com tanta suavidade que senti os meus pelos se arrepiarem, correspondendo à sua aproximação.

— E eu amo o nosso filho, nosso pequeno presente.

Minha respiração acelerou, o coração bombardeou forte. Eu o amava cada segundo mais, desesperadamente. Nem sequer consegui me afastar ou negar-lhe um beijo quando ele retirou o roupão e agarrou o meu corpo, beijando-me com doçura.

Naquela noite, nós nos amamos apenas com toques, declarações de amor e carícias. Não houve penetração. Não teve sexo bruto. Era apenas o amor que sentíamos um pelo outro, em

cada batida do coração, em cada respiração descompassada, em cada toque eletrizante.

CAPÍTULO 05



BEATRIZ

Dias depois...

No momento em que coloquei os pés na plataforma, saindo do avião e pisando em solo carioca novamente, o mundo começou a girar à minha volta como um redemoinho. Meu estômago embrulhava. Até mesmo o perfume e a loção pós-barba do meu marido me davam ânsia de vômito.

Os enjoos da gravidez haviam começado tímidos, apenas um leve desconforto no início da manhã, mas, nos últimos dias, haviam se intensificado drasticamente, adiantando a nossa volta para o Brasil e dando um fim à nossa tão sonhada lua de mel no Havaí.

Eduardo segurou na minha mão, e seguimos na direção da área do desembarque para pegarmos as nossas malas e finalmente irmos para casa. Minhas costas doíam, os pés estavam levemente inchados, devido às várias horas que passei sentada, e a cabeça latejava como nunca.

— Amor, espera! — pedi quando não consegui mais suportar o mal-estar que havia se formado em meu estômago e parei no meio do caminho.

— Está tudo bem?

Senti suas mãos me acalentando, firmando-me pela cintura.

— São os enjoos. A viagem só piorou as coisas.

Levantei minha cabeça para fitá-lo e presenciei seu olhar preocupado analisando os detalhes do meu rosto com um misto de aflição e ternura. Era como se ele sentisse medo, mas ao mesmo tempo estivesse maravilhado com cada acontecimento.

— Eu sinto muito por isso... — falou, tocando o meu rosto. — Não queria que você sofresse.

Sorri ao ouvir aquelas palavras vindas de alguém que tanto significava para mim, sendo transmitidas por seus lábios e pelos olhos oceânicos através das suas expressões apreensivas.

— Eu vou ficar bem — tranquilizei-o e segurei sua mão, apertando a pele quente na minha. — Só preciso que você esteja ao meu lado.

Cadu sorriu, passou a mão pela minha cintura e me guiou novamente na direção do desembarque.

O mundo girou novamente quando dei um novo passo e o estômago roncou de fome, mas a simples lembrança de um prato de comida na minha frente fez a ânsia de vômito aumentar consideravelmente.

A garganta inchou, a boca encheu de água e um gosto amargo se instaurou na minha língua, causando uma sensação sufocante.

Sem conseguir mais me segurar, procurei o banheiro mais próximo e corri com toda pressa na direção do toalete indicado pela placa. No entanto, apesar dos meus esforços, a vontade de vomitar foi mais forte e eu parei em um canto do corredor. Encostei a cabeça na parede e firmei as duas mãos ali, vomitando tudo o que comi nas últimas horas.

— Bia? Meu Deus, você está passando muito mal.

— Cadu, por favor, saia daqui... Não quero que veja isso — implorei, ofegante, tentando impedir que ele presenciasse toda aquela sujeira que eu havia feito.

— Nem brinque com isso, menina. — Senti sua mão pousando sobre a minha e ele me puxando para o lado. Ele me afastou do vômito que escorria no chão, e eu quis morrer de vergonha naquele momento.

— Não era para você ter visto isso.

Meus olhos lacrimejavam devido ao esforço que eu havia feito, e eu mal conseguia me mover para olhá-lo.

— Sim, eu deveria. Você é a minha esposa, Beatriz. Tudo o que se passa com você e com nosso filho é também do meu interesse.

Assenti ainda desconcertada, mas não tive outra escolha a não ser aceitar o inevitável. Éramos nós três agora. Em qualquer situação, em todos os momentos.

— Vem, eu te levo até o banheiro para lavar o rosto.

Dizendo isso, meu marido me ergueu em seus braços fortes, forçando-me a passar as mãos pelo seu pescoço, e me levou até o toalete feminino, entrando porta adentro sem se importar com os olhares curiosos e chocados.

— Cadu, você não existe — falei, disfarçando o riso, enquanto escondia o rosto na maciez da sua camisa.

— Na saúde e na doença, lembra? Deveria saber disso quando me seduziu descaradamente, menina.

— Eu não te seduzi! — rebati cinicamente. — Você que é um safado e me engravidou.

Ele me colocou no chão em frente ao lavatório, aguardou que eu lavasse o rosto e a boca e, quando me virei, deparei-me com seu sorriso provocador, enquanto me analisava com atenção.

— Eu não fiz esse bebê sozinho, querida. Foi você que abriu essas lindas perninhas por livre e espontânea vontade e deu a bocetinha para mim — sussurrou sorridente, fazendo minhas bochechas corarem.

Balancei a cabeça, sentindo as forças se renovarem em meu organismo, e retirei uma mecha de cabelo que caía em cima dos meus olhos, imaginando o quanto a minha vida havia mudado.

Meu Deus... Eu era uma mulher casada. Iria ser mãe aos dezenove anos. Aquilo me assustava de uma forma enlouquecedora, mas eu sabia que independentemente de tudo, o Cadu estaria comigo, protegendo-me e me aquecendo em seus braços, não importando o que acontecesse.

— Está melhor? — perguntou e me puxou para si.

— Sim. Vamos...

Segurei sua mão e seguimos em frente, enquanto éramos alvos dos mais diversos olhares e sorrisos espontâneos das mulheres que estavam ali suspirando pelo meu marido.

Acordei no dia seguinte sentindo meu corpo quebrado e ainda cansado devido à viagem longa e exaustiva.

Senti a respiração do meu marido no meu pescoço e o corpo quente colado nas minhas costas, completamente nu da cintura para cima. Pelo ritmo profundo da sua respiração, presumi que ele estivesse mergulhado em um sono pesado e tranquilo. A mão protetora envolvia o meu ventre, quase me esmagando contra o seu corpo.

Movi-me devagar para não o acordar, retirei sua mão da minha barriga e me levantei quase correndo para não fazer xixi na calcinha. Quando retornei ao quarto, parei ao lado da porta, cruzei os braços e fiquei observando-o dormir.

Cadu havia virado na cama, ficando com a barriga para cima. Seu abdômen subia e descia lentamente, e o lençol tampava somente até a virilha, deixando os músculos daquela região em evidência.

Dei um passo na direção da cama e sentei-me ao seu lado, olhando os detalhes do seu corpo. Estava um pouco frio naquela hora da manhã e isso refletia nos pelos arrepiados do seu corpo. No entanto, seu sono parecia profundo. Eu não poderia tirar a sua razão. Ele estava cansado, pois a viagem de volta para o Brasil tinha sido longa e exaustiva.

Percebi que meu marido franziu a testa e gemeu, fazendo uma expressão que o deixava deliciosamente sexy. Parecia que ele sonhava com algo...

Desci o olhar, passando pela sombra da barba, pelos ombros e peito fortes, pelo caminho de pelos escuros que trilhava seu abdômen e sumia debaixo dos lençóis brancos. Notei que um volume considerável havia se formado naquela região e aquilo aguçou os meus sentidos de uma forma assustadora. De repente, senti minha boca encher de água e uma vontade insana me tomou.

Minha língua desejou com toda força sentir a textura e o sabor que somente uma região específica do corpo do meu marido poderia me proporcionar.

Engoli a saliva ofegante, mal podendo acreditar que eu estava sentindo desejo. Não um desejo comum ou tesão, mas um desejo irresistível que somente uma mulher grávida poderia entender. Eu ansiava por aquilo. Desejei desesperadamente sentir o gosto do pau e do sêmen do Cadu na minha boca.

Aquilo era insano...

Céus, eu deveria estar louca! Até porque nunca gostei muito daquela textura pegajosa na minha boca, muito menos no café da manhã. Mas, naquele momento, eu queria. Queria muito. Minha língua pingava saliva só de imaginar o gosto do meu homem.

Devagar, puxei o lençol do seu quadril, revelando a cueca *boxer* preta, e arregalei os olhos, surpresa com o quanto o pau dele estava duro sob o tecido. Ouvi outro gemido rouco escapar da sua garganta e, desta vez, tive certeza de que ele estava sonhando com sexo.

— Bia... — murmurou, mas não abriu os olhos e nem deu sinal de que estava acordado. Mordi os lábios e sorri em seguida, contente com a nova descoberta.

Talvez não fosse tão insano assim chupar o pau do meu esposo enquanto ele dormia, afinal, ele estava sonhando que me comia, o cretino.

Com cuidado, segurei o elástico da sua cueca e descii o tecido até abaixo das bolas pesadas, bem devagar para evitar que ele acordasse e me pegasse fazendo arte. O pau saltou para fora, tão comprido e grosso que senti uma fisgada entre as pernas. Aquele era mais um dos sintomas da minha gravidez... Os hormônios estavam loucos e minha libido aumentava de forma enlouquecedora a cada dia que passava.

Segurei aquele pedaço de carne quente, rochoso e rodeado de veias altas em minha mão e massageei a pele aveludada. Minha boca babou quando olhei a cabeça vermelha e percebi que um líquido transparente saía do pequeno canal. Coloquei a língua para fora, quase prendendo a minha respiração para não o acordar de repente, e toquei a ponta naquele mel. Ondas de prazer me consumiram quando senti o gosto salgado e excitante.

Abri a boca, incapaz de resistir a todas aquelas sensações, e envolvi a cabeça grossa completamente, passando a língua em volta e chupando com gosto, quase gemendo com o quanto era gostoso. Engoli mais, dando lambidas estaladas e molhadas, deliciando-me naquele pau melado.

Ouvi a respiração dele acelerar, mas não me importei em interromper o que eu fazia. Eu já estava completamente envolvida e louca para saciar o meu desejo. Lembrei-me de minha melhor amiga Gracy comentar certa vez que os homens amavam serem acordados com sexo oral pelas suas parceiras.

Cadu gemeu, e seu pênis latejou em minha boca. Senti seu corpo tremer e levantei minha cabeça para fitá-lo, deparando-me com o momento em que ele abriu os olhos, desnortado, e por

instinto empurrou o quadril, enfiando o pau no fundo da minha garganta.

— Bia, querida... Caralho! — Ofegou, fora de si.

Aquela arremetida me pegou completamente desprevenida e eu me engasguei. Não conseguia tomá-lo todo até a minha garganta, pois Cadu era grande demais.

Tudo aconteceu tão rápido que mal consegui processar todos os acontecimentos daquele segundo devastador.

A ânsia de vômito veio forte quando o primeiro jato do seu esperma golpeou o fundo da minha garganta, deixando-me entalada. Afastei-me rapidamente e libertei o pênis dele dos meus lábios para puxar o ar, no entanto, nada seria capaz de me preparar para a chuva de esperma que eu receberia no rosto, principalmente na entrada direita do meu nariz e olho.

Céus! Levei a mão ao meu rosto e tossi com força, quase sem fôlego, enquanto o Cadu tentava se levantar da cama para vir ao meu socorro. Entretanto, as ondas do orgasmo o impediam de se levantar. Tive vontade de estapeá-lo quando ele revirou os olhos, ainda gozando.

Cachorro!

— Bia, amor, perdão... Eu estava dormindo. Porra! Garota, o que você estava fazendo? — bradou após alguns segundos e se colocou de pé. Aproximou-se e deu um tapinha nas minhas costas para me ajudar a desentalar.

Pelo tom da sua voz, supus que ele estava preocupado e ao mesmo tempo irritado.

— Água... — murmurei, apontando na direção do frigobar em meio à crise de tosse, e tranquei os dois olhos.

Tentei abrir as pálpebras novamente quando ele se afastou para pegar a água, mas o olho ardia insistentemente e o líquido gosmento escorria, deixando meu desejo de lado, dando lugar à vontade de vomitar.

— Aqui, amor. Beba! — Pegou minha mão e guiou o copo até a minha boca, fazendo-me tomar um gole. — Você está uma gracinha com toda essa porra escorrendo pelo rosto.

Bufei quando ele sorriu e segurou o meu queixo. Usei a mão para manter o olho direito fechado e abri o outro para encará-lo.

— Você quase me matou entalada, Cadu... — reclamei e devolvi-lhe o copo.

Em seguida, segui na direção do banheiro para lavar o rosto. Cadu me acompanhou até a pia e aguardou que eu terminasse. Quando tive certeza de que não restava mais nenhum vestígio de esperma no meu rosto, sequei-me com o auxílio de uma toalha macia e voltei a fitá-lo com a sobrancelha arqueada.

— Eu sinto muito por isso... — desculpou-se e me puxou pela cintura, colando o meu corpo ao dele. Coberto apenas com o tecido da cueca, aproximou a boca do meu ouvido e disse: — Eu estava sonhando com a gente, Bia. Estava tão gostoso que não consegui controlar a reação natural do meu corpo ao abrir os olhos e ver minha esposa chupando o meu pau. Foi demais para mim.

— Cretino... Eu poderia ter morrido, sabia? — dramatizei.

Ele gargalhou e me apertou mais.

— Ninguém morre com um pouquinho de esperma na garganta, minha linda.

Passei minhas mãos pelo seu pescoço, pendurando-me no seu ombro, e sorri, lembrando cada momento da loucura que eu havia feito.

Malditos desejos de grávida...

Nossos risos transformaram-se em gargalhadas, e minha barriga já doía quando precisei correr até o vaso sanitário para jogar toda a água que eu havia tomado para fora. Água e mais uma coisinha...

Meu marido continuou ao meu lado em cada momento constrangedor e agonizante. Foi inevitável tentar afastá-lo quando

mais uma ânsia me atingiu e abaixei a cabeça na direção do vaso para vomitar. O Cadu manteve-se impassível em não me deixar passar por tudo aquilo sozinha.

Assim que me senti melhor, ele me carregou em seus braços e me colocou sentada dentro da banheira. Tirou a fina camisola branca que eu usava e deslizou minha calcinha de vovó pelas minhas pernas, deixando-me completamente nua. Olhou com curiosidade para o tecido cinza de algodão em suas mãos e, em seguida, fitou-me com o semblante divertido.

Minhas bochechas coraram. Eu nem ao menos me recordava da peça íntima que havia vestido durante a noite, assim que tomamos banho após chegarmos de viagem. Só queria ter uma noite tranquila e confortável, então acabei pegando qualquer coisa no guarda-roupa.

— Por favor, finja que não me viu vestindo isso. — Arranquei a peça horrorosa da sua mão e joguei longe.

Com certeza, eu era a última na fila das esposas *sexies* naquele momento.

Ele sorriu e se afastou para abrir a torneira. Em seguida, retirou a cueca e entrou na água morna, puxando-me para me sentar no seu colo, colocando as minhas pernas em cada lado do seu corpo. Ofeguei ao ser esmagada dentro do seu abraço, pousei a mão em seu peito e senti meu coração bombardear forte ao fitar seu olhar brilhante e apaixonado.

Suspirei...

— Você é linda! — disse com um sorriso presunçoso nos lábios e deu um beijo na ponta do meu nariz. — Mesmo usando uma calcinha idêntica às da minha falecida avó.

Gargalhei e o abracei mais forte, tendo a certeza de que o amor que eu sentia por aquele homem crescia descontroladamente a cada segundo que se passava.

CAPÍTULO 06



CARLOS EDUARDO

Algumas horas depois, estávamos entrando na casa dos pais de Beatriz. Karine nos recebeu na porta com entusiasmo, e o Felipe, apesar da carranca que fez quando me viu, compartilhava da mesma alegria que a esposa.

Entramos e nos acomodamos na sala de visitas após os cumprimentos e abraços calorosos. Karine e Felipe sentaram-se na poltrona à nossa frente, de mãos dadas e sorrisos de orelha a orelha.

Franzi a testa, observando-os desconfiado, sem conseguir compreender o que de fato tinha acontecido para os dois estarem tão felizes. Felipe foi quem mais me intrigou naquele momento. Por mais incrível que a situação pudesse ser, era o mais sorridente de todos os presentes no ambiente.

— Filha, estou tão feliz em ver vocês — disse Karine, sorrindo, enquanto acariciava a mão de Felipe entre as suas. — Me conte tudo. Como foi a viagem?

Beatriz sorriu, colocou uma mecha do cabelo brilhante atrás da orelha e suspirou.

— Foi maravilhoso, mamãe. — Sorri ao sentir as mãos quentes da minha menina massageando o meu braço por cima da

camisa social. — O Havaí é lindo e o Cadu... — Olhou na minha direção. — É o melhor marido do mundo.

— Linda... — Toquei o seu rosto e acariciei seu pequeno queixo até ser interrompido por um pigarro vindo de Felipe.

Desconectei nossos olhares e me recompus, fitando o homem. Foi um breve momento, mas consegui ver seu olhar ameaçador antes de ele disfarçar com um sorriso forçado. Ao menos estava tentando me engolir, isso já era um bom sinal.

— Querida, seu olho está vermelho? O que aconteceu? — questionou sua mãe ao fitar Beatriz novamente.

As bochechas da minha menina coraram.

Meus lábios se curvaram sorridentes e um leve inchaço no pau me fez arrumar a barra da camisa por cima do cós da calça. A lembrança do que havia deixado o olho da minha esposa vermelho me excitou, e eu não senti um pinga de remorso. A danadinha quase me matou pela manhã ao me acordar com um boquete delicioso.

— É mesmo, querida, o que aconteceu com seu olho? Eu não havia visto — provoqueei.

Ela me fitou com os olhos arregalados e franziu a testa. Senti suas unhas apertarem e machucarem a carne do meu braço, o que me fez suspirar um pouco mais, imaginando os arranhões que Bia deixou nos meus ombros algumas vezes quando fizemos amor.

Beatriz era tão linda e sexy que meu fôlego falhava sempre que eu a fitava.

Como eu amava aquela pequena encenqueira.

— Imagino que tenha sido o xampu quando lavou os cabelos hoje pela manhã, estou certo? — falei.

— Ah, sim... — mentiu, voltando-se para a mãe. — Foi o xampu. Mas enfim, me contem logo o motivo de tanta alegria! Eu nunca vi vocês tão felizes! — desconversou.

Karine abriu o sorriso novamente, e Felipe a acompanhou, passando os braços nas costas da esposa.

— Querida, você vai ter um irmãozinho, ou irmãzinha. Eu estou grávida!

Arregalei os olhos, surpreso, e fitei os dois. Felipe sorriu de lado, e Beatriz abriu um “O” com a boca.

— Oh, meu Deus! Não posso acreditar. — Levantou-se e caminhou até sua mãe, abraçando-a. — Nada poderia me fazer mais feliz.

Em seguida, abraçou o Felipe.

— Isso explica por que estavam se comportando de forma tão estranha. — Bia voltou a se sentar do meu lado e continuou: — Por que não nos disse antes?

— Queríamos esperar o retorno de vocês. Eu só confirmei depois que vocês viajaram. Naqueles dias, eu e seu pai tivemos um pequeno desentendimento, então não quis preocupar vocês — explicou Karine.

— Não foi um pequeno desentendimento, Karine — interrompeu Felipe, fitando a esposa. — Você saiu de casa logo após jogar a notícia na minha cara. Quase fiquei louco.

A mulher sorriu discretamente, e Beatriz os encarou com os olhos arregalados de confusão.

— Não seja tão dramático, querido. Só quis te dar uma lição — disse, massageando o braço do marido.

— Mamãe, por que saiu de casa? — questionou Beatriz.

Karine suspirou, encarou o marido brevemente e, em seguida, respondeu:

— Foi na noite do seu casamento, filha. Eu não poderia compactuar com a vergonha que esse teimoso nos fez passar, então saí de casa.

Encarei Felipe, surpreso com a revelação de Karine, mas o homem desviou o olhar para o chão, respirando profundamente. Era visível que ele estava incomodado e ainda magoado com os acontecimentos.

— Querido, não vai dizer nada? — Karine perguntou.

O homem encarou a filha por alguns segundos e logo depois dirigiu a atenção para mim. Os olhos escuros me analisaram com atenção, sérios, como se quisessem ler os pensamentos que vagueavam pela minha mente. Após alguns segundos, perguntou:

— Posso falar com você um momento? Em particular.

Arqueei a sobrancelha, mas assenti e o segui na direção da cozinha. Puxei uma cadeira em volta da mesa e me sentei.

— Diga, Felipe.

Enquanto eu aguardava o homem abrir a boca, Felipe pegou dois copos e nos serviu com uma dose de uísque. Sentou-se à minha frente e tomou um gole da bebida antes de começar a falar:

— Eu não sei se algum dia poderei te perdoar pelo que você fez, Carlos Eduardo. — Suspirou. — Mas, uma coisa é certa: Beatriz ama você de todo o coração, e eu não posso e nem irei mais interferir na felicidade da minha filha. — Cruzou as mãos em cima da mesa e continuou, mantendo a atenção focada no meu rosto. — Estou disposto a colocar uma pedra no que passou para vivermos em harmonia.

Soltei o ar que prendia em meus pulmões, sentindo-me aliviado por ouvir aquelas palavras, e assenti.

— Por favor, não magoe a minha filha. Nunca! Ela é uma boa menina.

— Eu jamais magoaria a Bia, Felipe. Ela é a minha vida — respondi, sendo o mais sincero possível.

Eu amava aquela mulher, mais do que algum dia achei possível amar alguém. Ele balançou a cabeça em concordância.

— Quero pedir desculpas pelo que aconteceu no dia do casamento de vocês. Eu fiquei fora de mim quando soube que ela estava grávida e não raciocinei direito. Sei que não tem como consertar o que aconteceu, mas...

— Eu entendo — interrompi-o. — Talvez eu tenha merecido aquele soco. Sempre soube o quão protetor você era com ela e, mesmo assim, me deixei levar pelo desejo e amor que sentia, e acabei a engravidando. Faria o mesmo se fosse com a minha filha.

Felipe assentiu mais uma vez, e eu estendi a mão, aceitando as suas desculpas e deixando nossas diferenças de lado.

— Amigos? — perguntei confiante.

— Não seja tão otimista, Ferraz! — advertiu, curvando os lábios sutilmente, e apertou a minha mão.

— Parabéns pelo bebê. É nítida a felicidade que estão compartilhando. Me sinto da mesma maneira.

Os olhos de Felipe brilharam, e ele se afastou um pouco, levando a mão até a barba.

— Eu não esperava por essa. — Sorriu descontraído. — Mas já amo tanto aquele garoto que nem consigo disfarçar o sorriso.

Franzi a testa quando ele enfatizou “garoto” e precisei me segurar ao máximo para não gargalhar.

— Garoto? Não é cedo demais para saber o sexo?

— Eu sinto que será um menino.

— E se for uma menininha? — questionei de forma provocativa, vendo o homem fechar a expressão.

— Deus não faria isso comigo. Já paguei todos os meus pecados aqui na Terra.

Gargalhei e peguei o copo à minha frente para tomar um gole. A bebida desceu queimando, mas não desfez o sorriso que eu carregava no rosto.

Alguns meses depois...

Dentro do consultório médico, senti minha testa suar quando segurei a mão de Beatriz e observei a médica levantar sua blusa e passar o gel condutor para realizar mais uma ultrassonografia. Na última que ela fez, apesar de ter nos deixado tranquilos com relação à saúde do bebê, não foi possível identificar o sexo devido à posição desfavorável que ele se encontrava.

— Vou ter um ataque de ansiedade, linda... — sussurrei e acariciei o rosto da minha mulher.

— Está com medo de que seja uma menina? — questionou com olhar aflito.

Beatriz sabia o quanto eu era ciumento e a sufocava com meu senso de proteção exagerado. Sabia que isso também se estendia ao nosso filho ou filha. Mas, apesar do aperto no peito em imaginar minha filha relacionando-se com algum marmanjo, a ideia de segurar uma princesinha com os olhos dela em meus braços me acalentou e eu sorri. Porra, eu amaria ter uma mini Bia como filha, da mesma forma que seria incrível segurar um garotão.

— Não, o sexo não importa. — Ela fungou emocionada pelo momento, mas não permitiu que uma lágrima caísse.

— Estamos quase lá — disse a médica, passando o aparelho no ventre da minha esposa. — Aqui está o bebê!

Olhei a tela congelada do monitor, ansioso para ver o que me aguardava, e senti meu coração acelerar quando ela circulou uma pequena área na tela.

— O rostinho... — A médica curvou os lábios, espantada, e nos fitou. — O bebê está sorrindo.

Lágrimas escaparam dos olhos de Beatriz, e meu coração bombardeou com força. O meu bebê estava ali, saudável, crescendo tão forte quanto um touro. Apertei a mão dela um pouco mais.

— E o sexo? Já consegue ver? — perguntou Beatriz.

— Só um momento. Estou quase lá — respondeu a médica.

Longos minutos se passaram enquanto ela analisava cada pequeno centímetro do ventre da minha esposa, olhando minuciosamente os detalhes do bebê.

— Consegui! — Sorriu e fez outro pequeno círculo na tela. — Conseguem ver?

Fitei a tela por alguns instantes, mas não consegui identificar absolutamente nada, exceto um ponto mais escuro. Como se adivinhasse o que se passava na minha cabeça, a mulher congelou a tela mais uma vez e virou-se na nossa direção:

— É um forte e saudável menino. Parabéns, papais!

Senti meu peito inchar com a revelação dela, e a respiração falhou. Curvei-me e abracei Beatriz com força, tocando os lábios nos seus, emocionado.

— Obrigado, querida — sussurrei em sua boca. — Obrigado por toda a bagunça que fez na minha vida. Nunca fui tão feliz.

Ela me abraçou forte e aninhou a cabeça no meu ombro enquanto sorria e chorava ao mesmo tempo.

— Nós vamos ter um príncipe, Cadu. Meu Deus, como sou grata...

Afastei o suficiente para encará-la e sequei as lágrimas que escorriam dos olhos esverdeados. Em seguida, voltei a beijá-la, ignorando a presença da médica na sala.

— Com licença... — Soltei os lábios de Beatriz e voltei a me ajeitar na cadeira, voltando a prestar atenção na médica.

A mulher de jaleco branco sorriu um pouco constrangida e sentou-se atrás da sua mesa com uma ficha em mãos.

— Preciso fazer algumas perguntas com relação ao parto. É importante que, de agora em diante, vocês conversem e decidam se irão optar pelo parto normal ou uma cesariana.

— Normal — disse Beatriz ao mesmo tempo em que eu abri a boca.

— Cesariana — falei e me virei na direção dela. — Bia, já conversamos sobre isso. Não quero que sofra.

Ela balançou a cabeça, um pouco irritada, e respondeu:

— Sim, Cadu, já conversamos sobre isso. E eu deixei claro o meu desejo de ter parto normal.

Fechei os punhos, contrariado com a teimosia dela, e analisei o corpo pequeno e a barriga protuberante. Aquilo com certeza não funcionaria. Diabos! Xinguei mentalmente ao imaginar pelo que ela teria que passar para ter o meu filho e me peguei fitando sua virilha.

— Bia, você é muito pequena. Não vai caber um bebê aí.

Suas bochechas ficaram levemente avermelhadas, e ela fechou a expressão, ficando constrangida e irritada. Foda-se. Ela mal conseguia receber o meu pau todo, como iria dar à luz a um Ferraz? Eu havia nascido com quase cinco quilos.

Ouvi a risada discreta da médica e me virei, sentindo o olhar bravo de Beatriz queimando-me antes de se virar também.

— Não se preocupe, senhor Ferraz. Sua esposa é perfeitamente capaz de ter um bebê por parto normal.

— Está decidido. Eu quero parto normal. Cadu, não adianta tentar me fazer mudar de ideia, pois minha decisão já está tomada.

A médica assentiu e fez algumas anotações na ficha.

— Já decidiu se o seu esposo vai poder estar com você na hora do parto? Ele pode assistir se você quiser — perguntou a médica.

— Eu acho que não seria uma boa ideia... — Beatriz tentou dizer, mas eu a interrompi, irritado.

— Claro que eu vou assistir. Nem morto perderei o nascimento do nosso filho, Beatriz.

— Cadu, por favor, não quero que você esteja olhando quando...

— Não vou sair do seu lado, menina — afirmei. — Quero estar lá quando nosso filho nascer, para te abraçar quando você sentir dor.

Ela suspirou contrariada, mas assentiu, fazendo com que eu me acalmasse um pouco.

— Tudo bem, mas você está proibido de olhar lá embaixo, OK?

A médica sorriu mais uma vez e prescreveu mais algumas vitaminas para Beatriz. Fez algumas anotações e nos dispensou da consulta. Felipe, Karine, minha mãe e Gracy, a melhor amiga de Beatriz, nos aguardavam na sala de espera da clínica. Todos se levantaram e quase correram na nossa direção para saberem da novidade.

Felipe ainda estava ranzinza após descobrir que a mulher teria gêmeos, um menino e uma menina, e em nenhum momento fez questão de esconder o desejo de que meu herdeiro fosse uma garotinha. Segundo ele, eu teria que pagar aqui na Terra pelos meus pecados.

Sinto muito, amigo. Não será desta vez!

Sorri de lado, passando a mão na cintura da minha mulher, e a trouxe mais para mim.

— E então? É menina ou menino? — perguntou Gracy, eufórica.

Os outros na sala nos fitaram ansiosos, mas eu fiz questão de olhar nos olhos de Felipe quando respondi:

— É um menino. — Sorri.

— Merda! — respondeu ele, ranzinza.

Karine abraçou o marido, sorrindo do seu descontentamento, e minha mãe se aproximou de Beatriz para acariciar sua barriga. Seus olhos não negavam o quanto ela estava feliz.

— Parabéns, amiga! — disse Gracy. — Dois Ferraz para chamar de seu não é para qualquer uma, não.

Todos sorriram e se aproximaram mais para nos parabenizar e acariciar o ventre da minha mulher, quase esmagando-nos em um abraço de família.

CAPÍTULO 07



CARLOS EDUARDO

Quando me sentei na cama, passei a mão pelo rosto e deslizei até o pescoço, tenso. A noite havia sido uma merda e eu me sentia um fodido. Pela primeira vez em meses, eu e Bia havíamos brigado por uma besteira.

Olhei para ela dormindo encolhida na pontinha da cama, com as mãos em volta da barriga, e suspirei. Beatriz não entendia o quanto era difícil para mim que ela continuasse frequentando a faculdade e voluntariando-se em projetos de proteção ambiental a essa altura da sua gravidez.

E se ela se machucasse de alguma forma? Poderia esbarrar em alguém nos corredores e machucar o bebê. Ou pior, poderia se desequilibrar e cair. Eu morreria se uma merda dessas acontecesse.

Minha vontade era largar tudo e segui-la para todos os lados que ela fosse. De preferência, eu a carregaria em meus braços para não correr riscos, mas a mulher era a teimosia em pessoa. Segundo Bia, gravidez não era doença e ela estava bem e saudável para seguir com suas tarefas sem a necessidade de ter a mim ou a qualquer pessoa como babá.

Diabos!

Ninguém havia me avisado que as mulheres grávidas eram tão teimosas. Eu iria acabar enlouquecendo pendurado no celular o dia inteiro para saber como ela estava, ou se sentia alguma dor. Até o final dessa gravidez, eu já não estaria mais lúcido pelo tanto de preocupação.

Deixei Beatriz dormindo e me levantei para tomar um banho para ir à empresa. Lavei-me rapidamente da cabeça aos pés, sequei-me e vesti uma roupa formal; uma camisa social branca e um terno azul escuro, combinando com a gravata preta.

Eu teria uma importante reunião naquela manhã e, depois de fechar os contratos, passaria o dia enfiado dentro do escritório resolvendo problemas.

Depois de pronto, aproximei-me dela, beijei o seu rosto e desci até a altura da barriga coberta pelo tecido fino do *baby doll* preto. Beatriz se mexeu, tirando a mão do ventre, mas não acordou.

Levantei a blusa devagar para não a despertar e toquei a ondulação do seu ventre suavemente, sentindo-me orgulhoso. Surpreendi-me ao ver que o bebê havia formado um pequeno montinho na parte mais alta da sua barriga. Aquela região estava mais quente do que o restante do seu corpo.

Ele se mexeu, e eu sorri. Meu coração dava saltos de felicidade ao imaginar que havia sido eu o homem que colocou aquele bebê ali. Beatriz carregava a minha criança, uma parte do meu corpo dentro dela.

Minha... Meus... A minha família...

Beijei sua barriga de leve, demorando-me no local que ele havia chutado, e saí.

O dia havia passado depressa enquanto me mantinha concentrado de frente para o computador. A reunião de mais cedo,

apesar do atraso, foi um grande sucesso. Mais um contrato milionário havia sido assinado.

Retirei o paletó quente que me sufocava e peguei o celular para ligar para Beatriz. Bufeí irritado quando a chamada caiu na caixa de mensagens pela terceira vez.

Durante todo o dia, ela apenas me respondeu uma mensagem informando que estavam bem e que eu não precisava ligar a cada meia hora, o que me deixou louco de preocupação. Precisei entrar em contato com a sua amiga para que me informasse sobre o andamento das coisas enquanto estavam na faculdade.

Olhei as horas no relógio em meu pulso, constatando que já estava um pouco tarde, comparado ao horário em que eu retornava para casa todos os dias.

Arquivei alguns relatórios que a secretária havia enviado e desliguei o computador, pronto para ir para casa. Só queria me perder no calor do corpo da minha esposa. Isso se ela ainda não estivesse chateada com as minhas exigências, pois, do contrário, eu dormiria de pau duro de novo. Suspirei.

Já havia recolhido os meus pertences e me levantado, quando a secretária informou que eu tinha uma visita urgente e inadiável. Como ela havia dito que seria rápido, decidi atender e aguardar.

Minutos depois, a porta foi aberta e uma mulher entrou, caminhando firmemente na minha direção. Não foi preciso muito para que eu pudesse reconhecê-la. Os cabelos estavam um pouco mais escuros, e a aparência estava mais madura e elegante. O olhar amendoado continuava o mesmo; lembrava-me descrença e traição.

— Cadu? Uau... Quanto tempo! — disse assim que se aproximou da minha mesa.

— Vivian... — Levantei-me, arrumando o relógio no pulso, e dei a volta, caminhando na sua direção. Parei a alguns metros de

distância.

Fitei a mulher com atenção, analisando seus movimentos enquanto ela inspecionava o lugar, admirada. Estava surpreso por ela estar justo ali no meu escritório, pois não imaginei que voltaria a vê-la tão cedo, muito menos no meu local de trabalho.

— Então agora você é o CEO! Não pensei que voltaria atrás na sua decisão de não viver na sombra do seu pai.

Ergui uma sobrancelha, quase me perguntando se ela estava em seu juízo perfeito.

— O que faz aqui? — questionei sem muita educação. Estava ansioso para retornar para casa.

— Oh, perdão... Não quis dizer nada que o ofendesse. Só fiquei... surpresa. — Deu um passo na minha direção.

— Não se preocupe com isso — respondi de forma neutra e calma.

A verdade é que essa não era a reação que eu esperava ter se algum dia voltasse a ver a mulher que destruiu a minha vida no passado. A mulher que eu amei e dei tudo, mas que me traiu descaradamente na minha própria cama.

Pensei que, quando esse dia chegasse, eu sentiria raiva, rancor, amargura ou ódio, mas não. Quando vi aquele olhar tão vívido na minha frente, não senti absolutamente nada. Era como se Vivian nunca tivesse existido, muito menos feito parte da minha vida. Era como se ela fosse apenas uma desconhecida.

— Você continua tão bonito — disse, aproximando-se mais um pouco.

— Obrigado — respondi de forma direta, seco.

A mulher suspirou e continuou encarando-me. Percebi que ela queria dizer algo, mas ponderou, mordiscando o lábio.

— Deseja mais alguma coisa? — perguntei um pouco impaciente.

Ela puxou o ar fortemente e segurou a alça da bolsa com mais força. Suas mãos tremiam.

— Eu... pensei que poderíamos tomar um café para conversarmos um pouco. Em nome dos velhos tempos.

Sorriu. Um sorriso tímido que não chegava aos seus olhos. Cruzei os braços na frente do corpo enquanto me recostava na mesa e respondi:

— Eu acho que isso não será possível. Estou indo para casa agora.

— Ah... Desculpe, não quis te atrapalhar. — Desviou o olhar brevemente e, em seguida, estendeu-me a mão. — Foi um prazer te rever.

Assenti, sério, e apertei sua mão, deixando claro que eu não carregava nenhum ressentimento do passado. Beatriz havia preenchido todas aquelas lacunas com amor. Com um olhar triste, Vivian virou-me as costas e caminhou na direção da porta, mas parou antes de abri-la e voltou a me fitar.

— Cadu... Sinto muito pelo o que aconteceu no passado — disse e esperou uma resposta.

No entanto, eu não respondi. Não havia o que dizer. Apenas esperei que ela entendesse o meu silêncio como um “adeus”.

— Eu sempre te acompanhei pela TV e pelas revistas de fofoca. Nunca consegui te esquecer.

Balancei a cabeça e sorri sarcástico, fazendo a mulher interromper a fala. Naquele momento, eu senti nojo e desprezo.

— Se me acompanha pelas mídias, sabe que agora sou um homem casado, com um filho a caminho. Eu amo a minha esposa, Vivian.

— Nós fomos noivos. Isso não significa mais nada? — perguntou esperançosa.

Sorri incrédulo, tendo a certeza de que ela precisava de um psiquiatra urgentemente.

— Se quer saber a verdade... — Descruzei os meus braços e voltei a pegar as minhas coisas, preparando-me para sair enquanto falava. — Você não passa de uma desconhecida para mim. Pensei que, quando voltasse a vê-la, eu reviveria aquele dia com raiva, mas pelo contrário... Não senti nada. Minha esposa não deixou nenhum espaço no meu peito para que eu pudesse te odiar. Agora, só estou ansioso para chegar em casa e vê-la.

A mulher arregalou os olhos e abriu a boca, incrédula, mas não disse uma única palavra. Assentiu e voltou a abrir a porta, saindo em seguida.

Que merda tinha sido aquilo? Perguntei-me ao caminhar na direção do elevador.

De uma coisa eu estava certo: o passado estava para sempre enterrado. A única coisa que me importava era o presente e o futuro ao lado da minha família.

Cheguei em casa uma hora mais tarde, quando finalmente consegui sair do trânsito. Estava com saudades de Beatriz, mas também estava puto de nervosismo e preocupação por ela ter me ignorado o dia inteiro.

Deixei o carro na garagem e corri para o elevador. Estava cansado e estressado.

Entrei no apartamento já tirando a camisa, coloquei o tecido em cima do ombro e olhei na direção da escada, imaginando se ela estaria em nosso quarto. Dei alguns passos naquela direção, mas parei quando senti um cheiro delicioso vindo da cozinha. Mudei o curso e caminhei rapidamente até o local, deparando-me com Beatriz próxima ao fogão, mexendo algo na panela.

Gemi baixinho quando desci o olhar e vi que ela usava uma camisola vermelha transparente, que revelava apenas um pequeno fio do que seria a sua calcinha. Seus cabelos estavam soltos e brilhantes, caídos sensualmente por suas costas, fazendo meu pau enrijecer instantaneamente. Quase que me esqueci do motivo pelo qual estava bravo com ela.

Limpei a garganta para chamar a sua atenção, e ela se virou. Sorriu, desligou o fogo e correu na minha direção, passando as mãos pelo meu pescoço. A barriga protuberante colou-se ao meu corpo e eu finalmente pude respirar, tranquilo.

— Surpresa! — falou sorridente e afastou o rosto para me fitar.

— Uau! — ofeguei, excitado. — Hoje é meu aniversário e eu não estou sabendo? — Segurei sua cintura e deslizei o meu toque até os seus quadris, apertando a carne. — Não tente me ludibriar, menina. Você me ignorou o dia inteiro, e eu estou puto por isso.

Beatriz sorriu, jogando a cabeça para trás, e em seguida voltou a me olhar, mordiscando o lábio inferior.

— Não gosto quando a gente briga, por isso decidi fazer um jantar especial para o meu marido. — Sua mão quente e macia desceu até o meu abdômen. Meu pau contraiu-se em resposta ao seu toque. — Gostou?

Inspirei o perfume suave que exalava dos seus cabelos, mas segurei sua mão quando desceu para o cóis da minha calça. Ela ainda me devia explicações.

— Não pode tentar me seduzir sempre que te der na telha, Bia. Você ignorou as minhas ligações, e eu estava preocupado. Entenda que só quero proteger vocês.

— Não ignorei você, amor. Simplesmente passei a tarde preparando uma surpresa. Vim direto para casa quando saí da faculdade.

— Bia... — chamei o seu nome como uma forma de advertência, e ela se afastou sorrindo, caminhando na direção da sala. — Poderia ter me avisado que ficaria em casa, assim eu não teria um calo nos dedos de tanto te ligar.

Ela parou e virou o rosto, olhando-me por cima do ombro com aquele olhar travesso que indicava que estava aprontando. Precisei usar todo meu autocontrole para não desviar minha atenção para a sua bunda.

— E que graça teria? — provocou, levando as mãos até o elástico da minúscula calcinha, deslizando o tecido pelas suas pernas e jogando-o no chão.

Merda! Ela estava jogando pesado.

Segui-a, sentindo-me como um animal irracional que só pensava com a cabeça de baixo. Beatriz andou na direção do sofá e se deitou, colocando os pés no braço do móvel, deixando as pernas levemente inclinadas.

A visão do seu corpo praticamente nu, entregue para mim, me fez ficar sem ar e eu gemi baixinho. O tecido fino da camisola me permitia ver as formas dos seios inchados e o ventre arredondado que tanto me orgulhava. Os cabelos compridos espalhavam-se pelo estofado, deixando minha menina tão sensual que minhas bolas doeram com a expectativa de tocá-la.

Ela sorriu, colocando um dedo na boca de forma provocativa, e eu me aproximei.

— Diabos, garota. Não me provoque, pois ainda não terminamos aquela conversa! — adverti ao me aproximar do seu corpo. Sentei-me próximo aos seus pés e toquei seu tornozelo levemente, massageando aquela região enquanto procurava o seu olhar.

— Você fica tão lindo quando está bravo.

Ela moveu as pernas devagar e as inclinou um pouco mais, colocando os pés em cima do meu peito, abrindo as coxas.

Salivei quando descí o olhar e vi a boceta toda depiladinha, chamando por mim. Meu pau babou quando Beatriz escancarou as pernas e mordiscou o lábio, convidando-me para prová-la. Usou as duas mãos para manter as pernas inclinadas e afastadas uma da outra. Em seguida, levou uma mão até o seu centro e começou a massagear o clitóris em círculos. Um dedo penetrou em seu interior, e ela gemeu, enlouquecendo-me. Senti todo o meu corpo estremecer, louco para possuí-la.

Não havia como resistir àquilo. Ela sabia que me tinha em suas mãos. Eu nunca tive chance contra o desejo que sentia pela minha pequena e provocante esposa desde o dia em que a toquei pela primeira vez.

Fiquei de joelhos no chão e puxei o seu corpo bruscamente para a beira do sofá, fazendo-a soltar um gritinho de susto e retirar o dedo da sua boceta. Seu mel escorreu entre as suas dobras de tão melada que estava, e meu pau doeu.

Levantei o olhar para fitar o seu e quis morrer quando vi os lábios entreabertos e a expectativa refletida em seu rosto.

— Quero sentir a sua boca lá embaixo — disse roucamente, deixando-me ainda mais irracional.

Segurei suas coxas com força e as inclinei mais, deixando seu sexo exposto, sem nenhuma barreira para me impedir de enfiar a língua no seu canal. Sua respiração acelerou, e Bia grunhiu assim que meti a boca entre suas pernas. Minha língua tocou o pequeno feixe de nervos e o lambeu. Meu pau contraiu e senti o líquido da minha excitação umedecendo a cueca.

O cheiro do sexo penetrou em minhas narinas, entorpecendo-me, impedindo que eu raciocinasse direito. Eu nem me lembrava mais do meu próprio nome. Meti a língua dentro dela, esfreguei o clitóris com um dedo e parei assim que seu corpo começou a tremer. Não queria que ela gozasse ainda.

— Cadu! — protestou ofegante, puxando os meus cabelos, mas eu não dei ouvidos. Subi minha boca para o seu corpo,

beijando e acariciando o seu ventre, adorando a minha menina como ela merecia.

Senti o bebê chutar no local em que minha mão pressionava e sorri. Meu peito inflou com uma mistura de desejo e honra. Honra por seu o homem daquela mulher. Honra por ser o pai daquela criança.

Coloquei suas pernas em volta do meu quadril e subi o tecido da camisola até o seu pescoço. Agarrei um seio com uma mão e chupei o outro, fechando a boca em volta do pequeno bico. Ela gemeu e mexeu os quadris para encontrar fricção.

Quando não suportei mais, alcancei os seus lábios e meti a língua dentro da sua boca, provando seu gosto doce. Minhas mãos trabalharam no zíper da minha calça, e eu desci a peça junto com a cueca. Meu pau saltou para fora, rígido, grosso e completamente melado.

— Gosta de dar assim para o seu marido? — sussurrei, agarrando o seu maxilar.

Afastei o meu corpo do dela, larguei o seu rosto e me firmei no encosto do sofá. Com a outra mão, levei o pau até a entrada da sua boceta.

Entrei, duro e firme, fazendo-a gritar.

— Oh, sim! — gemeu.

— Abre mais as pernas, quero meter tudo em você — exigi.

Sem protestar, Beatriz fez o que eu disse, arreganhando-se toda. Coloquei seus tornozelos em cima dos meus ombros, afastei-me um pouco para ver sua boceta me recebendo e tirei o meu pau quase todo. Voltei a meter, indo a loucura ao ver seu pequeno canal se abrindo para acomodar o meu pau. Ela era tão pequena e delicada que se tornava insano ver o seu sexo esticado me envolvendo.

Levei uma mão até o seu clitóris e esfreguei a carne macia. Ela grunhiu e fechou os olhos, arranhando o estofado com as

unhas. Não demorou muito para que ela gritasse, chegando ao clímax. Sua boceta estrangulou o meu pau ao se contrair com as ondas do orgasmo.

Fechei os olhos e parei os movimentos, cravando meus dedos na carne da sua coxa. O gozo saiu forte, enchendo seu canal com o líquido quente e me fazendo ver estrelas.

Ao abrir as pálpebras, encontrei seu sorriso presunçoso, provocante, de quem sabia que havia feito a tarefa de casa direitinho. Sorri.

— Eu não me importaria de ser recepcionado assim todos os dias — falei, ainda dentro dela.

Beatriz colocou a mão no meu peito, e eu inclinei o rosto para a frente, na intenção de alcançar os seus lábios. Firmei-me no encosto do sofá para não esmagar a sua barriga e a beijei de forma doce, apenas um pequeno lembrete do quanto ela era importante.

Suspirei e embalei o seu corpo dentro dos meus braços, tendo a certeza de que o que eu senti por Vivian, no passado, não foi nem um por cento do que sentia por Beatriz no presente.

Eu morreria e mataria por ela.

CAPÍTULO 08



CARLOS EDUARDO

Os meses passaram depressa e Beatriz já estava no último mês de gestação. Eu mal conseguia dormir à noite com medo de ela entrar em trabalho de parto. Até peguei uma folga da empresa para passar mais tempo com minha esposa.

Era véspera de Natal naquela noite. Estávamos na casa dos meus pais, reunidos para a ceia. Felipe e Karine também estavam presentes. Beatriz andava ao meu lado com as mãos nas costas, visivelmente cansada. A barriga estava enorme, envolvida por um vestido verde de saia esvoaçante, que caía aos seus pés. Estava linda.

— Amor, eu preciso me sentar — sussurrou enquanto conversávamos com alguns vizinhos e amigos da família ali presentes. — Sinto que minha barriga está pesando uma tonelada.

— Vou te levar até a sua mãe. — Apontei para onde Karine estava sentada ao lado de Felipe e da minha mãe, conversando.

— Preciso ir ao banheiro também ou irei fazer xixi na calcinha a qualquer momento. — Sorriu. — Me espere aqui, já volto.

— De forma alguma. Irei com você. — Segurei o seu pulso quando ela fez menção de se mover. Pedi licença as pessoas que conversavam conosco e a puxei na direção do toalete.

— Cadu, pelo amor de Deus, não sou uma inválida — bradou, puxando a mão do meu aperto. — Posso ir e voltar sozinha.

Ignorei o seu apelo e passei a mão na sua cintura, guiando-a na sala. Tinha medo de que ela tropeçasse e caísse. Ou pior, que alguém machucasse o bebê em sua barriga ao trombar com ela.

— Eu vou com você, Bia. Não discuta!

Ela bufou, revirando os olhos.

— Você está me sufocando, sabia?

— Não! Só estou protegendo vocês de possíveis acidentes.

Ela assentiu, já que não tinha nenhuma escolha, e seguimos juntos até o banheiro. Entramos, e eu me recostei na parede de frente para o vaso, enquanto cruzava os braços, aguardando Beatriz fazer xixi.

Bia me encarou com as sobrancelhas arqueadas e colocou a mão na cintura. Olhei em volta, pensando se havia algo errado, mas tudo estava em seu devido lugar.

— O que foi?

— Preciso que saia. Irei usar o vaso — respondeu, apontando na direção da porta.

— Qual a diferença? Eu posso aguardar aqui mesmo.

— Cadu, preciso fazer xixi sem que você me olhe.

— E qual o problema, querida? — perguntei sorridente. — Eu já vi tudo, não tem mais o que esconder. Posso dizer até quantas dobrinhas você tem aí embaixo.

— Não se trata disso. — Irritou-se. — Só quero fazer as minhas necessidades com privacidade.

Gargalhei ao fitar sua expressão séria e virei as costas, ficando de frente para a parede.

— Eu não irei sair daqui. Você pode se desequilibrar e cair.

— Carlos Eduardo, você vai me enlouquecer com esse senso de proteção exagerado.

— Amor, vou contar um minuto para você fazer xixi. Do contrário, irei me virar e esperar que faça na minha frente mesmo. Não posso te deixar sozinha, entenda isso.

Beatriz resmungou, mas não reclamou mais. Usou o vaso rapidamente, e me virei quando ela caminhou na direção da pia para lavar as mãos.

— Boa menina... — falei sorridente e a puxei para mim.

— Eu estou puta com você — declarou enquanto tentava me empurrar.

— Não me importo desde que você e o nosso pequeno Eduardo estejam seguros.

A menção do nome do bebê fez Beatriz se acalmar, mas ela tentou disfarçar um sorriso.

Não havia ficado muito contente quando Beatriz expressou o desejo de que bebê se chamasse Eduardo Felipe, contudo, não me opus. Se era importante para ela, eu deveria respeitar, mesmo que por dentro estivesse enciumado.

Ela se desvencilhou dos meus braços, lavou as mãos e as secou com uma pequena toalha branca.

— É melhor nós irmos. Minha barriga está roncando de fome. Já é quase meia-noite, então logo a ceia será servida.

Concordei com um aceno de cabeça, e saímos do banheiro. Mal chegamos onde sua mãe e seu pai estavam, e ela parou como se estivesse sentindo algo.

— Bia? Está tudo bem? — questionei preocupado, ficando na sua frente.

— Está sim — respondeu, passando a língua nos lábios. — É só que, de repente, senti vontade de comer algo diferente. Algo doce...

— Vamos até a cozinha, deve ter algum doce por lá.

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não, Cadu. Não é exatamente um doce. Estou com desejo de comer aquela fruta grande que tem a casca grossa, que tem um sabor forte e doce — falou, mostrando o tamanho da fruta com as mãos, deixando as palmas afastadas uns bons trinta centímetros uma da outra.

Precisei esconder o divertimento que se apossou do meu semblante quando me recordei de que era exatamente assim que ela representava o tamanho do meu pau quando eu pedia para comer o seu cuzinho.

Pigarreei, e Felipe, que conversava com a esposa e minha mãe, nos fitou preocupado.

— Está tudo bem por aí? — questionou.

— Beatriz está com desejo — respondi, tentando adivinhar de que fruta ela estava falando.

Torci para que tivesse uma delas aqui na casa da minha mãe ou no nosso apartamento, já que todos os comércios da cidade estavam fechados naquele horário.

Nos últimos dias, minha esposa vinha tendo desejos estranhos, principalmente durante a madrugada, o que quase me deixava louco. Há duas noites, precisei rodar a cidade inteira para comprar sorvete de cajá.

Beatriz colocou a mão na cabeça, tentando lembrar o nome da fruta, e mais uma vez lambeu os lábios.

— Meu Deus, me lembrei! — disse eufórica. — É jaca. Eu estou louca para comer uma grande e doce jaca... — Lambeu os lábios quase como se sentisse prazer só por falar o nome da fruta. — Amor, compra uma para mim, por favor? Preciso comer uma jaca agora mesmo.

Abri e fechei a boca algumas vezes, imaginando em que momento eu havia jogado pedra na cruz. Como e onde eu iria achar

uma jaca àquela hora, em plena véspera de Natal?

— Meu filho, você precisa encontrar uma jaca — falou minha mãe sorrindo. Ela se levantou e caminhou na direção de Beatriz. Colocou a mão sobre a protuberante barriga e a acariciou orgulhosa. — Meu netinho não pode nascer com cara de jaca.

— Meu amor, será que podemos esperar até amanhã? Tentarei achar uma jaca para você.

Seus olhinhos me fitaram decepcionados, e até pensei que ela iria chorar quando pedi para esperar até o dia seguinte. Xinguei-me internamente por isso, pois partia meu coração vê-la triste. Agora, eu só precisava fazer uma mágica e tudo ficaria bem.

— Querido, eu também estou com vontade de comer jaca. — Karine se levantou com certa dificuldade, segurando a mão do marido, e caminhou até a filha. Sua barriga estava imensa.

Diabos! Agora eram duas grávidas querendo jaca. Como iria explicar para as duas que eu não era o Papai Noel?

— Karine, meu amor, não temos uma jaca por aqui — disse e olhou o relógio em seu pulso. — E já são quase meia-noite, logo iremos comer.

— Acho que sei onde encontrarão uma jaca. — Minha mãe se apressou em dizer.

— Eduardo e Felipe, não se diz não a uma mulher com desejos. Vão agora mesmo atrás dessa jaca.

Porra! Que merda eu havia feito para merecer aquilo?

— OK, onde eu irei encontrar uma? — perguntei um pouco desesperado.

Minha mãe sorriu e, naquele momento, soube que ela estava aprontando algo. Eu só não sabia se resolveria os meus problemas ou se iria me ferrar ainda mais.

— Não se preocupem. O Joaquim, nosso vizinho, tem um pé de jaca em seu quintal. Batam em sua porta e peçam uma fruta a

ele. Ficarei com as esposas de vocês enquanto estiverem por lá.

— Tudo bem. Vamos lá, Felipe.

O homem assentiu e me seguiu na direção da porta. Eu conhecia bem aquele bairro, também conhecia a casa do senhor Joaquim. Ele não era alguém muito amigável, mas eu estava disposto a enfrentar tudo para conseguir essa jaca, ou dormiria no sofá da sala naquela noite.

— Cara, a Karine está me deixando louco com esses desejos — reclamou o Felipe enquanto caminhávamos pela rua iluminada. Por sorte, o clima estava agradável.

— Acredite em mim, irmão. Eu já paguei todos os meus pecados. — Sorri. — A Bia não me dá um pingão de descanso.

Suspirei lembrando as pérolas que a minha mulher aprontou até chegar ao último mês de gestação. A mulher não queria parar com a rotina agitada. Se eu não tivesse intervindo, ela ainda estaria frequentando a faculdade e o estágio como se não estivesse carregando um Ferraz em sua barriga. Meu cabelo já estava ficando branco.

Felipe gargalhou.

— Espere só até o bebê nascer. Sua vida nunca mais será a mesma.

— Isso não é engraçado — respondi, tentando disfarçar o sorriso.

A casa do senhor Joaquim ficava a poucos metros de distância da residência dos meus pais. Parei em frente ao portão enquanto analisava a escuridão que vinha do quintal. Parecia que não havia ninguém em casa naquele momento, ou todos já tinham se recolhido. Dei alguns passos até o portão e acionei o interfone.

Aguardei por cerca de um minuto e voltei a acioná-lo, mas nenhuma alma viva apareceu na porta.

Merda!

— Não há ninguém aqui — falei, passando a mão em meus cabelos. — O que faremos?

Felipe andou até o portão e acionou o botão constantemente. O barulho provavelmente acordaria até um morto, se tivesse um lá dentro. Contudo, nenhum sinal de que havia alguém em casa veio até nós.

— Porra! — xinguei irritado.

— Vamos ter que pular o muro — disse ele, analisando a altura do paredão.

— Não sei se é uma boa ideia invadir um terreno privado — adverti.

Felipe me encarou, arqueando a sobrancelha de forma interrogativa. Coçou o queixo, tenso, e suspirou.

— E o que você pretende fazer? Tenho certeza de que pular este muro será muito mais fácil do que encarar aquelas duas sem uma jaca na mão. Karine vai amassar as minhas bolas. Beatriz provavelmente fará o mesmo com você.

Andei de um lado a outro procurando uma solução, mas quanto mais os minutos passavam, mais certeza eu tinha de que pular o muro seria a única maneira de conseguir a bendita fruta.

Analisei as paredes pintadas com uma cor creme, constatando que não eram tão altas e não possuíam cerca de proteção. Daria para subir. Com sorte, eu não teria nem um osso quebrado quando pulasse para o outro lado.

— Inferno... — sussurrei irritado. De uma coisa eu estava certo: Beatriz iria me pagar na cama com juro por todas as loucuras que me fez fazer durante a gravidez. — Me dê cobertura, Felipe. Eu vou pular.

— Certo.

Arregacei as mangas da camisa cinza que eu usava e alcancei o topo do muro. Não foi difícil firmar os pés na parede

grossa e impulsionar o corpo para cima. Em alguns segundos, eu já estava do outro lado.

O quintal estava um verdadeiro breu, coberto pela sombra das árvores densas. Caminhei devagar, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho, e usei a luz do celular para tentar identificar a bendita jaqueira.

Lembrei-me de ter visto a árvore certa vez quase na parte dos fundos da casa, do lado esquerdo, e foi para lá que andei apressadamente.

O barulho de galhos quebrando-se debaixo dos meus pés me fez diminuir os passos para evitar fazer ruídos muito altos. Algum vizinho poderia ouvir e não seria muito bom para a minha imagem ter outro envolvimento com a polícia.

Vi a jaqueira a alguns metros de distância. Iluminei o chão para tomar cuidado onde eu pisava e tentei me apressar. Estava aflito para sair logo dali e chegar em casa. Nunca em minha vida havia me imaginado roubando jaca para a minha mulher grávida. Aquilo era loucura.

Logo eu, CEO das empresas Ferraz, conhecido internacionalmente no mundo dos negócios, estava naquele exato momento no quintal do meu vizinho de forma clandestina, tudo porque amava uma mulher e ela queria comer jaca.

Meu garoto ainda nem tinha nascido e já estava me enlouquecendo.

Quando finalmente alcancei a árvore, soltei um murmúrio aliviado por encontrar a jaqueira repleta de frutos.

Rapidamente, procurei uma fruta não muito grande para que eu pudesse me locomover sem dificuldade. Ao verificar se estava madura, retirei-a do pé. Um sorriso de alívio e satisfação brotou em meus lábios, mas foi embora tão rápido quanto havia chegado quando ouvi um rosnado tenebroso às minhas costas.

Congelei.

O ar de repente faltou, uma suadeira me atingiu e eu me virei tão lentamente quanto uma lesma.

O cachorro do vizinho me encarava com aqueles olhos escuros e as presas afiadas à mostra. Ele era grande. Na verdade, era gigante. Era um monstruoso vira-lata alaranjado.

Merda! Mil vezes merda.

— Cachorrinho bonzinho... — sussurrei, dando um passo para trás, e me choquei contra o tronco da jaqueira.

Meu coração quase parou quando ele latiu, tão alto que meus ouvidos zuniram. Naquele momento, soube que se eu não fosse para a cadeia, com certeza iria para o hospital.

Olhei para o lado, analisando a distância do muro do vizinho. Não era tão longe. Só precisava distrair o amiguinho e correr como um louco para não ser pego e ter o corpo despedaçado antes de alcançar o muro.

Ele latiu novamente e rosnou, aproximando-se cada vez mais. Minha testa suou.

— Calma, cachorrinho. Não podemos ser amigos? — Ouvi outro rosnado como resposta.

Definitivamente, depois daquela noite, Beatriz teria uma dívida infinita comigo. Eu iria reivindicar meu pagamento assim que conseguisse chegar em casa.

Dei mais um passo para trás, preparando-me para começar a correr, quando ouvi o barulho de um galho chocando-se com algo. Logo depois, a voz de Felipe me fez soltar o ar de alívio.

— Aqui, amiguinho... — chamou

O cachorro virou-se na direção do Felipe, latindo.

— No três você corre para o muro, Ferraz. — Deu alguns passos para trás e começou a contar. — Um... Dois... Três...

Puxei o ar com força e corri na direção do muro vizinho, ouvindo os latidos e rosnados estridentes na minha cola. Por sorte,

consegui jogar a jaca do outro lado e pulei, alcançando a parte mais alta. Impulsionei o corpo da mesma forma que eu havia feito antes, firmando os pés na parede, e finalmente consegui saltar, caindo de costas do outro lado.

— Inferno! — xinguei alto quando uma dor cortante me fez prender o ar, mas ainda assim me esforcei a me levantar. Minhas costas latejavam.

Algumas luzes da casa se acenderam e uma janela foi aberta antes que pudesse encontrar a jaca e correr.

— Ahh! — alguém gritou. — Um ladrão! Querido, liga para a polícia! Tem um ladrão no nosso quintal.

— Maldição!

Consegui me firmar de pé, gemendo de dor, e peguei a jaca toda despedaçada no chão. Arranquei a camisa às pressas para envolver a fruta gosmenta e voltei a correr. Encontrei o Felipe na rua, vindo correndo ao meu encontro. Ele parou e colocou as mãos nos joelhos, cansado.

— Pelo amor de Deus, me diga que conseguiu pegar a merda dessa jaca.

— Vamos... — Arfei e apontei para a camisa embolada. — Rápido! A polícia está vindo.

Ao chegarmos na casa dos meus pais, entrei pela porta dos fundos e fui direto para a cozinha. Coloquei a camisa em cima do balcão e retirei a jaca, colocando-a em um prato.

Felipe tinha ido para a sala, a fim de chamar as mulheres. Em menos de um minuto, as duas apareceram na cozinha, ansiosas.

— Meu amor, o que aconteceu? — Beatriz apressou-se na minha direção, aflita ao me ver sem camisa e com o cabelo completamente bagunçado.

Tocou o meu peito levemente, inspecionando o meu rosto.

— Nada que você não possa pagar, querida — respondi e curvei os lábios em um sorriso lascivo, passando a mão em sua cintura.

Minhas costas doíam quando eu me movimentava, e precisei me segurar para não xingar quando ela desceu a mão, massageando as minhas costelas. Tudo latejava.

— Ótimo. — Sorriu. — Então, agora eu irei comer.

Segurei o seu braço quando ela se afastou e a trouxe de volta para mim, encostando os lábios em seu ouvido.

— Fique bem forte para mim, porque eu não terei pena de você depois de hoje.

Ela sorriu envergonhada e olhou na direção de Felipe e Karine, que conversavam na ponta do balcão, enquanto a mulher pegava um gomo da fruta maldita. Bia voltou sua atenção para o meu rosto, passou as mãos pelo meu pescoço e mordiscou os lábios. Meu pau inchou instantaneamente.

— Promessa é dívida, Cad...

Naquele momento, vi seu sorriso morrer em seus lábios e Beatriz se afastou, colocando a mão na barriga.

— Ai! — reclamou, juntando as sobrancelhas.

— Bia, o que foi? — Minha testa começou a suar de nervosismo.

— Deus... Ai, Cadu... — Firmou-se no balcão e baixou o olhar, demonstrando que estava com dor.

Porra, não... Não podia ser. Não naquele momento. Ela ainda nem tinha comido a jaca! Toda aquela merda foi em vão?

— Beatriz, fala comigo.

— Cadu... Acho que nosso bebê vai nascer.

Senti o chão fugir dos meus pés e todo o meu corpo tremeu em expectativa, medo e ansiedade.

Porra! Caralho, o meu filhão iria nascer! Eu iria ser pai...

Até tinha me esquecido da dor que eu sentia nas costas. Só voltei a me lembrar quando, em um rápido movimento, ergui Beatriz em meus braços e rumei na direção da porta, quase correndo.

Bia protestou e minha carne latejou pelo esforço, mas eu estava pouco me fodendo. Ela precisava ir para a maternidade. Levá-la era exatamente o que eu iria fazer naquele momento.

CAPÍTULO 09



BEATRIZ

— Oh céus... — gemi quando mais uma contração me fez prender o fôlego e apertei a mão do meu marido com força.

As contrações eram suportáveis, mas estavam cada vez mais próximas uma da outra. Segundo a médica, isso indicava que as dores iriam aumentar logo e o bebê iria nascer a qualquer momento.

Já estava na sala de parto há algumas horas. Estava sentada dentro da banheira, sentindo a água morna envolvendo-me e acalmando. O dia estava prestes a nascer e o Cadu mantinha-se de joelhos à minha frente, segurando a minha mão e acariciando o meu rosto.

Parecia que seria ele que teria um bebê, pois a cada gemido de dor que eu soltava, ele ficava mais pálido. Não saiu um único momento do meu lado, nem ao menos para descansar um pouco ou comer algo. Nem mesmo para esticar os pés.

— Respira, querida. Puxa e solta o ar devagar... — disse com a voz falha. Sua testa suava de nervosismo.

— Cadu, meu amor, você precisa ficar calmo. Eu estou bem.

— Estou calmo.

Passou a mão na testa e deslizou até os cabelos. Os olhos apreensivos estavam focados no meu rosto. Sorri quando a

contração diminuiu e acariciei sua mão de leve, acalmando-o. Cadu estava prestes a ter um ataque de nervosismo.

— Nunca mais irei te engravidar, está me ouvindo? — sussurrou, sério. — Eu não posso te ver sofrendo tanto, Bia.

Meu coração se aqueceu quando ouvi suas palavras duras, mas ao mesmo tempo doces. Mesmo aflito, ele chegava a ser fofo. Eu o amei um pouco mais por isso.

— Cadu, eu estou bem. A médica disse que o bebê está ótimo e meu corpo está mais que preparado para ter o nosso filho. Vai dar tudo certo.

Inclinei-me um pouco mais para frente, alcançando os lábios macios, e os beijei. Cadu descansou a mão contra a minha, em cima da beirada da banheira, e senti a outra palma deslizar até o meu ventre. Seu toque suave acelerou o meu coração, e o bebê mexeu, arrancando-me um sorriso.

— Acho que ele sente quando o pai dele está perto — murmurei sorridente. Meu coração dava saltos no peito de tanto amor que eu sentia. Estava completamente envolvida naquele momento.

Eduardo sorriu brevemente, mas logo depois fechou a expressão, preocupado.

— Não iremos mais fazer sexo sem proteção — disse convicto, arrancando outra risada da minha boca. — Só irei tocar em você após três meses depois que começar a tomar o anticoncepcional e irei usar camisinhas para ter certeza de que não irá engravidar de novo. — Senti sua mão tocando o meu queixo e ele continuou: — Nem tente me enganar, menina.

Balancei a cabeça aos risos e passei a mão em seu pescoço, fitando o seu rosto. Seus olhos estavam vermelhos e aflitos. Eu quase podia dizer que ele sentia medo do que estava por vir.

Abri a boca para tranquilizá-lo e fazer algumas provocações, contudo, uma contração forte e dolorosa me fez prender as unhas

no ombro do meu marido. Eu gritei com toda força que tinha.

— Senhor! Aiiii!

O ar faltou em meus pulmões, e uma lágrima deslizou pelas minhas bochechas. A dor veio mais forte, agonizante.

— Merda, Bia. — Ouvi a voz tensa dele, mas não consegui levantar o meu olhar, pois logo que a contração passou, veio outra mais intensa, em um intervalo de poucos segundos.

— Oh, meu Deus!

As lágrimas me tomaram e a dor aumentou mais, fazendo-me contorcer o corpo. Senti minhas pernas moles, sem força, e me agarrei ao Cadu enquanto chorava, sentindo outra contração varrer o meu ventre.

— Eu vou te levar para a mesa de parto. — Ouvi sua voz distante, quase que como um sussurro, e logo depois ele chamou pela enfermeira.

Os braços fortes do meu marido me ergueram no ar, as lágrimas embaçaram a minha visão e a dor da contração aumentou, fazendo-me prender os dentes para não gritar enlouquecida. Um calafrio me cobriu da cabeça aos pés quando o ar fresco da manhã se chocou contra a minha pele nua e molhada.

Naquele momento, desejei arrancar o pau do meu marido com os dentes e prometi internamente que não seriam apenas três meses de castidade. Nunca mais faria sexo outra vez.

— Vou morrer, Cadu... — choraminguei quando ele me colocou sentada na mesa e me vestiu com a roupa hospitalar. — Por favor, não me deixe morrer sozinha.

Outra contração me fez gritar, e eu girei o corpo na cama de parto, apoiando os pés e deitando-me de lado, impossibilitada de continuar na mesma posição.

— Vai dar tudo certo. Não irei sair daqui.

Senti sua mão pesada massagear as minhas costas e suspirei, um pouco aliviada pela diminuição do incômodo naquela região.

Um forte medo me atingiu quando a ficha finalmente caiu. Chorei mais. Eu estava prestes a ter um bebê. Iria ser mãe. A realidade me açoitou com tanta força que senti todo o meu corpo estremecer.

No momento em que a médica, acompanhada de algumas enfermeiras, entrou na sala e me examinou, soube que estava perto. Pude ver isso no fundo do olhar contente que ela me dirigiu. A mulher informou que a minha dilatação estava quase completa, mas que a bolsa ainda não havia rompido. No entanto, era só uma questão de tempo para que isso acontecesse.

Suas palavras se confirmaram alguns minutos depois quando não aguentei mais ficar deitada e me ajoelhei em cima da mesa, firmando-me com minhas mãos. Eu sentia que era mais fácil suportar as contrações naquela posição.

O líquido quente escorreu pelas minhas pernas, e o Cadu se alarmou, andando de um lado a outro da cama hospitalar.

— Muito bem, mãezinha. Você está pronta — disse a médica, tocando o meu ombro levemente. — Deite-se, pois o seu bebê vai nascer.

— Não... — Solucei, balançando a cabeça, e levantei o rosto, olhando na direção de Carlos Eduardo. — Por favor, me abrace. Estou com medo.

Não precisei esperar nem um segundo para sentir seus braços rígidos segurando o meu ombro. E então, ele me abraçou com tanta força e amor que a dor pareceu se dissipar um pouco. Senti-me protegida. Naquele momento, soube que era capaz de enfrentar qualquer coisa ao lado dele.

Suas mãos massagearam as minhas, e a pele quente acalmou os meus nervos aflorados. A dor aumentou, rasgando-me por dentro, mas eu não senti mais medo.

— Aguenta firme, meu amor, você vai conseguir. — Sua voz estava embargada. — Agora você precisa se deitar.

— Não, por favor... — Balancei a cabeça entre os soluços e o apertei mais entre os meus braços. De uma forma estranha que eu não conseguia explicar, aquela posição, de joelhos e de frente para ele, deixava-me mais confiante.

— Tudo bem, mãezinha. Não precisa ficar com medo — falou a médica tranquilamente. — Preciso que você afaste seus joelhos o máximo que puder um do outro e incline o corpo um pouco mais para a frente. Senhor Carlos, pode firmá-la dessa maneira? Pode demorar um pouco.

— Não tem importância, eu farei qualquer coisa — respondeu ele e depositou um beijo na minha testa.

Fizemos como a médica havia instruído e eu me agarrei ao seu pescoço, trêmula. As contrações vieram fortes, uma após a outra, e eu usei toda a força que havia em meu ser para trazer o meu filho ao mundo.

O suor cobria a minha testa, as lágrimas banhavam o meu rosto e parecia que meu corpo iria se partir ao meio enquanto o Cadu limpava a minha pele e arrumava os meus cabelos. Não tive certeza se havia se passado segundos, minutos ou horas, pois eu havia me perdido no tempo em meio à agonia.

Meu corpo estava sem forças, minhas pernas tremiam, mas foi no choro estridente que ecoou na sala que eu me apeguei. As lágrimas de dor deram lugar a um sorriso agradecido.

A médica rapidamente colocou o lindo menino em meus braços, ainda com o cordão umbilical e completamente sujo de sangue. Naquele momento, só pude agradecer a Deus pelo presente que foi enviado para nós. Ele era tão perfeito quanto um anjo.

— Bem-vindo à minha vida, garotão — sussurrou o meu marido, segurando a mãozinha do bebê.

Levantei o olhar para fitá-lo, e meu coração deu um salto quando vi seus olhos lacrimejados de emoção. O orgulho era visível em seu rosto.

— Ele se parece com você... — sussurrei roucamente ao analisar os cabelos pretos e os cílios espessos do meu pequeno menino. A emoção me tomou.

— Ah, Bia... — murmurou com a voz entrecortada. — Como eu amo você, garota.

— Temos um filho. — Foi a única coisa que consegui responder.

Minha voz falhou pela emoção e um filme passou pela minha cabeça, desde o momento em que passei a ver o Cadu como o homem que eu amava. Eu era só uma menina na época. Agora, tinha o filho dele nos meus braços.

Aquilo era muito mais do que sonhei algum dia.

Sua testa colou-se à minha e só fomos interrompidos quando a médica e os enfermeiros precisaram pegar o bebê para limpá-lo e terminar os procedimentos do pós-parto.

Em alguns minutos, eu já havia trocado a camisola hospitalar e estava deitada de lado com meu pequeno Eduardo embalado nos meus braços novamente. Cadu estava sentado às minhas costas, e eu podia sentir sua respiração em meu rosto conforme seus dedos acariciavam os cabelos escuros e lisos do nosso filho.

— Com licença... — Ouvi uma suave batida na porta e logo ela se abriu.

Sorri quando papai e mamãe entraram com imensos sorrisos em seus rostos.

— Oi! — falei orgulhosa.

Os dois caminharam em nossa direção. Meu pai segurava a minha mãe pela cintura, e ela descansava a mão em cima da barriga volumosa. O vestido azul claro que mamãe usava batia na altura dos joelhos e a deixava deslumbrante.

Aproximaram-se e fitaram o pequeno Eduardo dormindo.

— Como ele é lindo, querida. Estou tão orgulhosa de vocês — disse minha mãe com os olhos lacrimejados.

— O pequeno Eduardo Felipe — falou meu marido.

Meu pai levantou o olhar, surpreso com aquela revelação, até então desconhecida para ele. Abriu e fechou a boca algumas vezes antes de caminhar na direção do Cadu e o abraçar de lado.

— Você fez um ótimo trabalho, Ferraz. É um lindo e forte garoto. Parabéns. — Percebi que sua voz embargou no fim.

— Obrigado, meu amigo.

A voz do meu marido saiu trêmula, minha mãe soluçou e eu agradei internamente a Deus pelo retorno de uma forte amizade.

Pensei em pedir um abraço coletivo, mas, no momento seguinte, o barulho de algo parecido com água derramando no chão chamou a atenção de todos. Fitei minha mãe e vi seus olhos se arregalarem. Então, ela olhou para os seus pés.

Uma poça de água havia se formado onde ela pisava, e o líquido escorria por suas pernas, pingando no chão, deixando a todos ali estáticos.

— Oh, meu Deus... A minha bolsa estourou.

CAPÍTULO 10



CARLOS EDUARDO

Algumas semanas depois...

Cheguei em casa por volta das sete da noite, morto de cansaço e de estresse. O dia havia sido difícil na empresa, com milhões de problemas a serem resolvidos e uma pilha de projetos para ser analisada.

O apartamento estava em total silêncio quando entrei, até mesmo a babá já tinha ido embora. Xinguei internamente, revoltado comigo mesmo por ter me atrasado tanto.

Retirei o terno cinza e suspirei irritado ao me lembrar de que Vivian havia me procurado novamente na empresa, insistindo para sairmos para conversar. Naquela ocasião, eu havia deixado claro que isso não iria acontecer, no entanto, precisava conversar com Beatriz sobre aquela mulher, pois não poderia correr o risco de Vivian tentar entrar em contato com a minha esposa para inventar alguma mentira ao meu respeito. Dela, eu poderia esperar tudo.

Enquanto comecei a tirar a camisa, subi as escadas e rumei na direção do quarto. Quando entrei, senti toda a raiva se esvair do meu corpo ao ver Beatriz deitada com o bebê na nossa cama. Os dois dormiam tão profundamente e serenos que meu peito se aqueceu. A preocupação deu lugar à felicidade.

Sentei-me ao lado dos dois e toquei os cabelinhos lisos do pequeno Eduardo. Sua boquinha estava toda lambuzada de leite, e o seio de Beatriz estava à mostra, molhando os lençóis, o que indicava que ambos haviam dormido enquanto o bebê mamava.

Observei aquela cena um pouco surpreso e maravilhado. Peguei um paninho branco que estava preso entre os dedos dela e sequei a boca do bebê. Em seguida, fiz o mesmo com o bico do seu seio e com a parte do lençol que estava molhada.

Ao terminar, peguei o bebê devagar, tomando cuidado para não o machucar, e o levei até o berço montado ao lado da cama. Beatriz havia decidido colocar o móvel ali devido às inúmeras vezes que acordava à noite para dar mamar.

Eduardo se espreguiçou todo quando seu minúsculo corpo tocou o colchão, fazendo-me sorrir admirado. Ele havia crescido e engordado tanto naquelas últimas semanas que se assemelhava a uma bolinha macia, empacotada em um macacão azul marinho.

Toquei as bochechas gorduchas e o cobri com o edredom antes de retornar para a cama.

Um raio cortou o céu quando me joguei no colchão macio ao lado da minha mulher, e uma fina garoa começou a cair. Precisava tomar um banho e relaxar, mas estava tão exausto que mal consegui me mover.

Fitei-a por um segundo, e minha atenção se focou no seio inchado e à mostra. Meu pau começou a inchar de desejo ao ver sua pele tão macia, tão deliciosa. Não transávamos há tantas semanas que eu já quase poderia imaginar como seria chupar aqueles bicos carnudos e enfiar o meu pau na sua carne quente.

Aproximei-me devagar e mergulhei o meu rosto na curva do seu pescoço para inspirar o perfume da sua pele. Beatriz cheirava a flores e a leite. Era tão bom, quase afrodisíaco.

Precisei usar todo o meu autocontrole para me afastar e evitar acordá-la. Minha menina estava exausta devido às noites em claro com o nosso filho. Por mais que tivéssemos uma babá para

ajudar com o pequeno enquanto ela se dedicava aos estudos, Beatriz fazia questão de assumir todas as necessidades do bebê à noite e em quase todo o período do dia.

Como ela havia amadurecido. Sorri, orgulhoso da menina-mulher com quem eu havia me casado.

Toquei seu rosto de leve, sentindo a textura aveludada da sua pele, e descí, deslizando os dedos pelo seu pescoço delicado. Gemi quando meus dedos tocaram o seio descoberto e meu pau inchou mais.

A carne era tão macia e rosada que não pude me conter. Envolvi um seio com minha mão gulosa, apertando e esfregando o bico sensível.

Beatriz acordou de susto. Abriu os olhos, confusa, e me encarou.

— Meu amor? — Olhou para os lados e em seguida voltou sua atenção para mim.

— Desculpe te acordar — murmurei rouco pelo desejo e apertei o seu peito um pouco mais, sentindo-me um egoísta por querê-la tanto.

Meu pau doía, apertado dentro da calça.

— Amor, o que está fazendo? — questionou, levando a mão até o sutiã para ajeitá-lo em seu corpo.

— Não faça isso, Bia.

Segurei sua mão, impedindo-a de cobrir o seio, e aproveitei para puxar o outro lado do sutiã para baixo, deixando os peitos deliciosos livres para serem degustados pela minha boca.

— Você é tão linda... — Abaixei a cabeça e toquei seus lábios delicadamente, para logo depois descer até o seu busto. — Deixa eu mamar em você, querida.

— Cadu, se afasta. Meu peito está pingando leite.

Senti suas mãos espalmando os meus ombros para que eu me afastasse, mas o desejo falou mais alto e eu não me movi. Pelo contrário, deslizei a língua até o bico sensível e o tomei dentro da minha boca.

— Querido... — Beatriz estremeceu sob o meu toque e arfou.
— Não seja cretino, Cadu.

Ouvi um gemido rouco escapar da sua boca quando suguei a auréola e levei a mão até o outro seio, esmagando-o.

O jato quente e doce encheu a minha boca, fazendo-me grunhir de tesão. Engoli todo o leite que ela me dava. Meu pau se contraiu, lutando por sua liberdade, e eu não pensei duas vezes antes de desabotoar minha calça e descer o zíper. O membro saltou para fora, tão duro como uma rocha, enquanto eu continuava sugando o seio da minha mulher. Ela gemia e se contraía, às vezes puxando o meu cabelo para mais perto, outras tentando me afastar do seu corpo.

Ela estava tão perto... Eu só precisava abrir suas pernas cobertas pela camisola, colocar sua calcinha de lado e entrar.

— Vou meter em você, Bia... — sussurrei ao cravar o olhar no seu rosto, fitando a boca rosada.

Suas bochechas estavam coradas e o olhar alarmado, como se ainda não acreditasse no que eu havia feito, mas eu acreditava. Sabia que a culpa do meu descontrole era do velho e incontrolável tesão.

— Você tomou o leite do bebê — murmurou incrédula.

— Sim. — Subi no seu corpo e baixei o meu rosto na direção da sua boca, murmurando roucamente: — E agora vou chupar lá embaixo.

Alcansei os lábios macios e os mordisquei, para logo depois envolver a minha língua na dela de forma lenta e imoral. Coloquei minhas pernas entre as suas e afastei suas coxas uma da outra,

dando espaço para que eu pudesse esfregar o meu pau no seu sexo por cima da calcinha.

— Cadu, espera... — disse, virando o rosto para o lado e tentando me empurrar com a mão em meu peito.

— O que foi, meu amor, ainda está dolorida? — Beije o seu pescoço e toquei o seu queixo para que ela me olhasse. — Posso te dar prazer de outras formas, a penetração pode esperar mais alguns dias.

Falei a última frase com um lamento tão grande que quase soltei um gemido de frustração. Meu pau estava tão duro que se eu não me controlasse, acabaria gozando nas calças.

Já eram quatro malditas semanas sem tocá-la de forma sexual devido ao resguardo. Eu estava enlouquecendo.

Beatriz gargalhou e balançou a cabeça.

— O que é tão engraçado? — questionei confuso.

— O que aconteceu com todo aquele discurso sobre não fazermos sexo nos primeiros três meses? E os preservativos? Eu não vejo nenhum.

Droga, eu nem me recordava disso.

— Querida, não pode levar em conta as palavras de um homem em um momento de adrenalina.

Seus dentes prenderam o lábio inferior, e ela voltou a sorrir. Colocou a mão em meu peito e me afastou.

— E eu disse que nunca mais faria sexo. Falei sério.

Meu pau latejou em resposta, frustrado e desiludido. Beatriz sorriu e saiu da cama. Provocou-me quando apertou os seios enquanto me fitava e os acomodava dentro do sutiã. Em um milésimo de segundo, levantei-me da cama e diminuí o espaço que havia entre os nossos corpos. Agarrei-a pela cintura.

— Não brinque com coisa séria, menina.

Como resposta, ela passou a mão em meu pescoço e levou os lábios aos meus por um breve momento.

— Eu só estou cansada, Cadu. E preciso de um novo banho — falou seriamente.

As olheiras profundas abaixo dos seus olhos deixavam claro o quanto Beatriz estava esforçando-se. Eu a admirava tanto por isso.

— Vem para a banheira comigo. Vou cuidar de você.

Ela assentiu sorrindo de lado e segurou a minha mão. Estávamos caminhando na direção do banheiro quando o bebê começou a chorar. Beatriz suspirou derrotada e virou o corpo para ir até o berço, no entanto, eu a impedi.

— Tome o seu banho e relaxe um pouco. Eu cuido dele.

— Tem certeza? — questionou, arqueando uma sobrancelha.
— Ele pode ter aprontado nas fraldas.

Gargalhei, já imaginando que espécies de traquinagens ele havia aprontado, e levei a mão até o queixo, coçando a barba por fazer. Beatriz ainda me fitava com o olhar divertido, mas ela merecia um momento de descanso.

— Sim, tenho certeza — falei.

Enfiei o pau dentro da cueca e arrumei o zíper da calça.

— Certo. Você sabe como trocar uma fralda cheia de xixi, já fez isso algumas vezes, mas caso ele tenha feito o número dois, é só limpar com os lenços umedecidos. É simples.

— Pode ir, eu me viro — respondi um pouco incerto.

Minha menina assentiu e seguiu para o banheiro. Caminhei na direção do pequeno Dudu. Era assim que minha mãe e Beatriz o chamavam.

O bebê chorava no berço, esperneando as perninhas e os bracinhos. Parecia incomodado. Quando me aproximei o suficiente

para tocá-lo, o cheiro da bombinha de fedor não deixou dúvidas de que ele havia aprontado.

Merda! Ainda tinha esperanças de ele não estar coberto de cocô.

— Oi, garotão — chamei e toquei sua barriga.

Os grandes olhos azuis me fitaram, e ele levou as duas mãozinhas à boca, fazendo barulhinhos estalados. Chupou o punho e voltou a chorar, irritado. Esse era o meu garoto, já queria mamar de novo.

— Será que você pode dividir a mamãe com o papai só um pouquinho? Aqueles peitos também são meus.

Ele não pareceu gostar muito da minha sugestão, pois abriu o berreiro. Sorri, orgulhoso da pessoinha que eu havia feito junto com a minha menina. O garoto tinha personalidade. Eu já imaginava o brilhante CEO que ele seria no futuro.

— Vem aqui, filho, o papai vai tirar essa bombinha de você.

Peguei o bebê em meus braços e o levei até a cama. Coloquei um brinquedo em suas mãos e arrumei as coisas que eu iria precisar para limpá-lo.

Comecei abrindo o macacão, um pouco desajeitado, mas finalmente consegui. Quando tirei a fralda, fiquei incrédulo ao ver o tamanho da bagunça que ele havia feito. Havia cocô até em suas costas. Não era possível que um neném daquele tamanho pudesse fazer tanta meleca e com um cheiro tão desagradável.

— Céus... — murmurei chocado. — Tem certeza de que você só toma leite, garoto?

Ele passou a debater as perninhas, sujando tudo em volta, inclusive o lençol da cama. Naquele momento, senti que Beatriz iria arrancar as minhas bolas quando saísse do banho.

— Quietos, Edu, deixa o papai te limpar — falei, segurando suas perninhas no ar, e retirei um lenço umedecido do recipiente.

Passei o lenço pelo seu bumbum, mas não pareceu adiantar muita coisa. Aquela meleca grudava. Retirei outro e mais outro. Por fim, eu já estava com uma pilha enorme de lenços sujos sobre a cama, mas o bumbum continuava melecado. Depois de muito esforço e tempo, consegui deixá-lo limpo. Terminei de retirar seu macacão, que já estava todo enfeitado com sua traquinagem, e o levei para o outro lado da cama.

Dudu parou de chorar, e eu suspirei de alívio. Peguei uma fralda limpa e a abri para colocar nele.

— Isso, garoto, fica quietinho.

Estava preparando-me para erguer suas perninhas novamente quando um jato quente me acertou no rosto. Grunhi surpreso e fechei os olhos. Porra, eu havia acabado de ganhar um banho de xixi. Tentei secar um pouco do estrago com a mão e voltei a abrir os olhos. Foi então que senti o gosto salgado na boca.

— Porra, Edu. Controla essa torneirinha, rapaz.

Terminei de colocar a fralda nele e me levantei para pegar outro macacão, quando vi Beatriz escorada na parede, próximo à porta que dava acesso ao banheiro, coberta com um roupão e os braços cruzados na frente do abdômen. Ela estava vermelha de tanto sorrir.

— Querido... — Caminhou na direção da cama, sorrindo. — Me lembre de nunca mais permitir que troque as fraldas do Dudu. Você fez mais sujeira que ele.

Ela olhou em volta, analisando as manchas amarelas no lençol branco e o macacão embolado em um canto. Seus olhos passaram pela montanha de lenços sujos e pararam no meu rosto. Voltou a gargalhar.

— Por que não pegou o trocador e colocou uma fralda de pano em cima do piu piu dele? Teria evitado tudo isso.

— Não pensei que precisaria de tudo isso para trocar uma fralda — respondi sério, arqueando uma sobrancelha. — Como

vocês conseguem fazer isso?

Beatriz sorriu novamente e passou por mim. Pegou o bebê, agasalhando-o no seu peito, e me fitou.

— Tome um banho, amor. Assumo daqui.

Puxei o ar para os meus pulmões e soltei lentamente, um pouco frustrado.

— Certo. Eu volto logo.

Saí apressadamente e entrei no chuveiro quente, demorando muito mais do que havia planejado. A água morna me ajudou a relaxar, levando embora um pouco do cansaço do dia. Só não levou a necessidade de ter a minha mulher nua, debaixo do meu corpo. Saí do chuveiro, sequei-me e enrolei a toalha em volta da minha cintura, planejando fazer amor com Beatriz. Queria amá-la, beijar todo o seu corpo e depois penetrá-la bem lentamente para sentir cada detalhe.

Retornei ao quarto, ansioso, mas a encontrei dormindo ao lado do nosso filho.

O bebê estava deitado com a barriga para cima, envolvido com um macacão verde água. As perninhas e os bracinhos estavam abertos, ocupando bastante espaço na cama.

Que bela dupla... Pensei, enquanto me aproximava dos dois.

O desapontamento que senti ao vê-la dormindo deu lugar a sorrisos orgulhosos. Naquela noite, eu iria dormir com as bolas e o pau doendo novamente, mas não tinha importância. Tudo o que precisava para ser um homem feliz e realizado estavam ali na minha frente: minha mulher e o nosso presente.

Beijei o topo da cabeça de Beatriz e, em seguida, fiz o mesmo com o bebê. Cobri-os e me deitei. Logo, peguei no sono também.

Acordei com o sol iluminando o quarto e me sentei. Olhei para o lado, em busca de Beatriz e do bebê, mas eles não estavam ali. Afastei o lençol que cobria os meus quadris, fui até o guarda-roupa para pegar uma calça de moletom e me vesti.

Cinco minutos mais tarde, eu estava descendo as escadas com as mãos nos bolsos da calça. Ali dentro continha algo que eu pretendia presentear a minha esposa. Escolhi aquela manhã ensolarada de sábado para tirar alguns sorrisos da sua boca, mas, antes, iria falar sobre a Vivian.

Ouvi a voz de Beatriz vindo da cozinha e apressei o passo. Ela falava em um tom baixo e carinhoso, e logo concluí que conversava com nosso filho. Entrei devagar, tomando cuidado para não fazer barulhos, e sorri ao vê-la agachada em frente ao carrinho de bebê.

— Bom dia. — Ela abriu um lindo sorriso ao me olhar e se levantou.

— Bom dia, meu amor.

— Dormiu bem? — perguntei quando a abracei e encostei os meus lábios nos seus.

— Maravilhosamente bem. O bebê só acordou agora pela manhã.

Afastei-me dela e me agachei para olhar os incríveis olhos brilhantes. Dudu brincava com um cachorrinho macio, colocando-o na boca. Aqueles barulhinhos que ele fazia me arrancava sorrisos bobos.

— Bom dia, filhão. Parabéns pelo seu *mêsversário*.

Toquei suas bochechas gorduchas, acariciando-as suavemente. Estava maravilhado. Meu coração dava saltos de felicidade só em olhar para aquela coisinha, embora ele desse um trabalho absurdo.

Levantei-me e voltei minha atenção para Beatriz. Minha esposa sorria, enquanto tirava o avental. No entanto, havia chegado o momento de termos uma conversa séria. Confesso que eu estava receoso com a reação dela.

— Bia, precisamos conversar. Sei que você pode ficar chateada, mas antes, quero que ouça tudo o que tenho para dizer.

O sorriso sumiu do seu rosto, mas ela assentiu. Empurrou o carrinho do bebê até a mesa posta com o café da manhã e se sentou.

— Diga, Cadu.

Também puxei uma cadeira e me sentei de frente para ela. Não era fácil começar aquela conversa. Não porque era difícil falar sobre o passado, mas porque eu tinha medo de que nós dois brigássemos. Beatriz era tudo para mim.

— Há alguns meses, Vivian me procurou na empresa.

Beatriz me encarou um pouco surpresa, mas eu não vi raiva em seu olhar. Isso era bom.

— Vivian? Sua ex-noiva? — questionou.

— Sim, querida — respondi e fiz uma pausa sem tirar os olhos dela. Sentia-me incomodado por ter omitido essa informação. — Sinto muito não ter te contado antes, mas você estava grávida e eu não queria preocupá-la. E depois que nosso filho nasceu, fiquei tão envolvido com tudo isso que me esqueci completamente da visita dela.

— E o que essa mulher queria? — Percebi que seu olhar vacilou e senti uma ponta de aflição em sua voz. — Eu sei que você a amou muito no passado.

— Bia... — Segurei sua mão com cuidado. — Aquela mulher não tem nenhum significado para mim. Só estou te contando isso porque sempre fomos cúmplices um do outro. Jamais esconderei algo de você, princesa.

Ela sorriu e balançou a cabeça em concordância.

— Ontem, Vivian voltou a me procurar, mas eu a cortei e deixei claro que não permitirei que se aproxime outra vez. — Em seguida, contei a ela a breve conversa que tive com Vivian, enquanto analisava suas reações.

Beatriz xingou a mulher algumas vezes, mas em nenhum momento desconfiou da minha palavra. Agradei aos céus por isso.

— Eu tive medo de que ela tentasse entrar em contato com você e nos prejudicasse de alguma forma. Não suportaria perder você, Beatriz. Por Deus, mataria aquela mulher se ela tentasse algo — concluí, aliviado por jogar toda aquela merda para fora.

— Obrigada por me dizer, Cadu. Não sabe o quanto isso significa para mim.

Dei a volta na mesa e a puxei para os meus braços. O coração batia forte dentro do meu peito.

— Eu ainda não terminei — falei, curvando os lábios em um sorriso, e enfiei as mãos no bolso, retirando o molho de chaves. Coloquei-as em sua mão.

— O que é isso, Cadu? — questionou com os olhos arregalados.

— Uma casa de praia em Búzios.

Sorri quando ela me fitou incrédula.

— Você está brincando?

— É claro que não.

Beatriz pulou no meu pescoço e enganchou as pernas nas minhas, quase derrubando nós dois no chão.

— Vai com calma, moça — falei e me firmei na mesa. Logo depois, caminhei com ela até o balcão.

— Estou tão feliz. Mal posso esperar para passar alguns dias na nossa nova casa.

Encostei minha boca na sua e roubei um beijo, deixando nós dois sem fôlego.

— E eu mal posso esperar para fazer amor com você. — Voltei a beijá-la, faminto, e deslizei uma mão até um seio, apertando a carne macia. — Tira a roupa para mim, amor.

Ela sorriu e colocou a mão no meu peito.

— Cadu, o bebê... — disse, apontando na direção do carrinho. — Ele está acordado.

— Ele não vai ver, Bia. O Dudu é só um bebezinho. Você só precisa abrir as pernas, amor — sussurrei e comecei a lamber seu pescoço, gemendo. Meu pau já estava melando a calça de tanto tesão. — Faz isso para o seu homem.

Subi para o queixo e cobri sua boca com a minha, a mão serpenteando por sua coxa. Estava quase alcançando a calcinha quando a campainha tocou e eu bufei, irritado.

— Porra! — grunhi e cravei os dedos na carne da sua coxa. — Eu te quero tanto que está doendo.

— Amor... — Arfou. — Vou atender a porta. Quando as visitas forem embora, irei pôr o bebê para dormir e teremos um tempo só nosso.

Não tive alternativa a não ser assentir e me afastar. Coloquei Beatriz no chão e ela seguiu até a porta. Peguei o Dudu em meus braços e fiquei brincando com ele, acariciando seus cabelos cheirosos até ouvir um movimento incomum vindo da sala.

Caminhei com o bebê até lá e me surpreendi ao ver minha mãe, Felipe, Karine e um carrinho duplo com os dois bebês.

— Surpresa! — disse minha mãe, estendendo um pequeno bolo na minha direção.

Felipe empurrava o carrinho com as crianças, e Karine carregava outro bolo nas mãos.

— Viemos comemorar o *mêsversário* dos nossos pequenos e passar o dia com vocês — disse a mulher, sorridente.

Putá que pariu.

Por um momento, não soube se sorria, feliz pela visita da família, ou se chorava devido à frustração sexual. Beatriz olhou na minha direção e piscou, sorridente. Eu ainda estava um pouco pálido pela surpresa, mas, pouco a pouco, senti os meus músculos relaxarem.

Eu estava com a minha mulher, nosso filho e as pessoas que mais eram importantes em nossas vidas. O sol brilhava com toda a sua força lá fora, a manhã estava agradável. O sexo poderia esperar um pouco mais.

Caminhei até eles com meu pequeno garoto embalado em meus braços e os cumprimentei, dando as boas-vindas, contente por estarem conosco.

Beatriz abraçou a minha cintura forte e deu um beijo estalado na bochecha do nosso filho. Minha mãe abriu um sorriso radiante, orgulhosa pelo netinho que havia ganhado. Felipe e Karine pegaram os bebês no carrinho, tão felizes como nunca. Poderia ser apenas mais um sábado normal, apenas um dia qualquer, mas o importante é que estávamos juntos.

O que mais eu poderia querer?

Eu já tinha tudo.

E o mais importante: tinha a minha esposa e meu herdeiro. Meu presente perfeito em meus braços.

EPÍLOGO



EDUARDO FELIPE

Vinte e dois anos depois...

Minhas mãos tremiam quando segurei o papel que Valentina havia me entregado. As batidas do meu coração estavam descompassadas, minha testa suave e eu fui obrigado a me sentar na orla da praia para não perder o equilíbrio das pernas e cair.

A palavra escrita no topo da folha deixava tudo muito claro para mim.

Positivo.

Iria ser pai aos vinte e dois anos de idade. Porra, eu era um cara morto naquele momento.

Levantei a minha cabeça após ler o resultado do exame um milhão de vezes e foquei a minha atenção no rosto molhado pelas lágrimas da linda garota à minha frente, no auge dos seus dezoito anos.

— Como isso é possível, Val? Só fizemos uma vez — questionei incrédulo.

— Eu não sei... — Suas íris cor de mel se dilataram um pouco enquanto me fitava, e as lágrimas abundantes não paravam de descer pela pele pálida. — Talvez a camisinha estivesse furada e

nós não percebemos. Além disso, foi a única vez em que fui tão longe com alguém. Eu... era virgem, Edu, você sabe.

— Eu sei, Val. Não estou te contestando, mas é que... — Fiz uma pausa, passando a mão por meus cabelos escuros, e continuei: — Porra, ainda estou em choque.

Fazia sentido o que ela dizia. Na noite em que transamos, estávamos um pouco bêbados também, mas ainda era difícil ter que assimilar e me conformar com os acontecimentos. Minha vida estava prestes a ter uma reviravolta, e o medo do desconhecido me assolava.

Valentina era a irmã mais nova do Matheus, meu melhor amigo. Éramos amigos desde a infância e agora estávamos na faculdade de Engenharia Civil. Enquanto eu me preparava para trabalhar ao lado do meu pai na Ferraz Engenharia, Matheus seguia todos os meus passos, afinal, éramos uma dupla formidável no mundo dos cálculos matemáticos.

— O Matheus já sabe? — perguntei, sabendo que, independentemente se ele já soubesse ou não, nossa amizade estava com os dias contados. Ele jamais me perdoaria por ter engravidado a sua tão amada irmãzinha. Valentina era proibida para mim.

A mulher balançou a cabeça em negativa e colocou uma mecha do cabelo curto e castanho atrás da orelha. Suspirei com pesar, imaginando o quanto ela estava sofrendo com aquela situação. Meu peito se apertou.

— Vem aqui, Val — chamei, abrindo os meus braços para abrigar o seu corpo.

Ela caminhou na minha direção e se sentou ao meu lado, receosa. O vento suave balançava e brincava com os seus cabelos, deixando-a ainda mais bonita e rebelde. Puxei o seu corpo para o meu e a ergui o suficiente para que se sentasse no meu colo. Ouvi um suspiro surpreso escapar da sua boca, mas ela não disse nada, apenas descansou a cabeça no meu peito e se aconchegou.

— Vai ficar tudo bem, OK? Eu não vou te abandonar. —
Acariciei os seus cabelos e inalei o cheiro doce dos fios, relembrando o quanto aquela noite havia significado para mim.

Valentina me enlouquecia e amava me provocar sempre que eu ia em sua casa. Comecei a evitá-la com o passar do tempo, quando percebi que não a tirava da minha cabeça. O Matheus sempre deixou claro que não permitiria que nenhum dos seus amigos se envolvesse com a sua irmã, e eu respeitava isso, afinal, tinha duas irmãs gêmeas três anos mais novas que eu. Eu entendia o seu ciúme e a sua proteção.

No entanto, há dois meses, quando o próprio Matheus fez uma festa na sua casa enquanto seus pais viajavam, não consegui resistir àquela mulher. Valentina dançava, rebolando com um copo de tequila na mão, e não fazia questão de esconder o quanto me queria.

Eu havia bebido além da conta e, quando dei por mim, já estávamos nos agarrando no seu quarto como se não houvesse amanhã. Eu a beijei, toquei e provei da forma que sempre quis. Tirei a sua virgindade e não me arrependi por isso, mas agora estávamos pagando o preço pelas consequências daquela noite.

— O que faremos, Edu? — murmurou em um sussurro.

Queria poder dizer que tudo daria certo, mas eu sabia que nada seria tão simples. No entanto, não desistiria dela e nem daquela criança. Não me importaria com o que acontecesse, nem com quantas pessoas saíam magoadas.

— Nós daremos um jeito... — Acariciei a sua nuca e beijei o topo da sua cabeça. — Apenas confie em mim.

Duas horas depois, entrei no escritório do meu pai, na sede da Ferraz Engenharia. Eu tinha uma tarde quente e repleta de

trabalho pela frente, mas não conseguia me concentrar em nada. Minha cabeça ainda fervilhava com a última descoberta.

O homem estava sentado em sua mesa de frente para o computador e nem ao menos levantou os olhos quando entrei. Imagino que nem tenha percebido a minha presença. Ele vivia e respirava trabalho.

— Pai? — chamei quando não aguentei mais ficar calado. Precisava desabafar com alguém.

— Oi, filho... — Digitou mais algumas vezes e levantou o olhar idêntico ao meu para me encarar. Nossa semelhança era inacreditável, exceto pelas marcas do tempo que ele carregava no rosto. — Está tudo bem?

Passei a mão pelos meus cabelos, nervoso, e me aproximei da sua mesa. Eu não sabia nem por onde começar, mas sabia que ele era o único que podia me entender naquele momento.

— Pai, eu... engravidei uma garota — falei direto, sem rodeios.

Seus olhos azuis se fixaram no meu rosto, mas nada disse. Entendi isso como um aviso para que eu continuasse, e foi exatamente o que fiz.

— É a Val. A irmã do Matheus... — Caminhei pela sala de um lado a outro antes de voltar a fitá-lo. — Eu estraguei tudo, pai. Ele era o meu melhor amigo. Nunca irá me perdoar.

Meu pai se levantou da sua cadeira e deu a volta na mesa. Por um momento, pensei que ele fosse me repreender ou até me deserdar, mas o que vi em seu olhar se parecia mais com divertimento.

— Isso me lembra alguém, Eduardo. — Ajeitou o terno escuro e caminhou até a vidraça, olhando o tráfego de carros. — Nunca se perguntou se o Felipe já me odiou algum dia?

Aquela pergunta me surpreendeu, e eu arregalei os olhos. O que ele estava dizendo?

— O que quer dizer?

Ele virou-se na minha direção, sorrindo.

— Sua mãe é vinte anos mais jovem que eu, filho. Isso não te diz nada?

Meu queixo caiu quando, de repente, tudo começou a fazer sentido. Meu pai e meu avô eram velhos amigos, mas eu nunca tinha parado para pensar por este lado até aquele momento.

Era óbvio que meu avô não teria aceitado o relacionamento da sua filha e do melhor amigo no começo, mas isso não impediu os dois de continuarem juntos até os dias atuais.

— Acho que você já tem a sua resposta, Edu. — Agora, sua expressão era séria, mas o brilho de satisfação não abandonou os seus olhos. — Sei que pode estar com medo agora. Nem foi preciso você me dizer para que eu percebesse a aflição e o receio em sua voz. Mas, independentemente de tudo, filho, seja forte. A raiva do seu amigo não irá durar para sempre, mas o que você sente por essa garota, e o que sentirá pela sua criança, isso sim é eterno. Se lembre disso antes de tomar qualquer decisão.

— Obrigado, pai. — Minha voz falhou quando agradei.

Estava surpreso pela sua reação. O senhor e a senhora Ferraz eram um verdadeiro exemplo de um casal que se amava. O mais importante é que, naquele momento, eu estava mais que disposto e decidido a trazer Valentina para a minha vida.

Por mais que fosse cedo demais, por mais que tivéssemos toda uma vida de batalhas pela frente, eu a amava.

Fim...

OUTRAS OBRAS



SINOPSE

Ele jurou nunca mais amar alguém.

Carlos Eduardo é frio e calculista, mas deliciosamente sedutor. CEO de uma das maiores empresas do Brasil, também é o alvo de um amor proibido. Beatriz, a filha do seu melhor amigo, nutre por ele um amor secreto e um desejo ardente.

Ele carrega lembranças amargas que o fizeram criar uma aversão a relacionamentos sérios. Ela o anseia e fará tudo para tê-lo, mesmo que tenha que jogar um jogo arriscado, testando o juízo e o bom senso do homem.

Nesse jogo de sentimentos e desejos opostos, de prazeres e consciência, haverá apenas um resultado. Você consegue adivinhar

qual é?

PRÓLOGO

CARLOS EDUARDO

Anos antes...

Era fim de tarde naquele dia. O relógio na parede branca do meu escritório marcava quatro e trinta e três da tarde, jogando na minha cara que mais um dia exaustivo estava próximo do fim. Desliguei meu computador, após checar todo o trabalho do dia, e me espreguicei para trás na cadeira de couro, colocando as mãos atrás da minha cabeça.

Trabalhava como diretor-executivo de uma empresa de marketing, localizada no centro de Curitiba. Era meu orgulho. Tudo que construí foi por meus próprios méritos, e não havia mais nada no mundo que me desse tanta satisfação quanto saber que não cresci na sombra do meu pai, CEO e dono majoritário de uma das maiores empresas de construção civil do país, com escritório principal localizado no Rio de Janeiro.

Não nos falávamos há muitos anos. Mais precisamente, desde que me recusei a seguir seus passos dentro da Ferraz Engenharia. Provei a mim mesmo que eu não era apenas mais um riquinho mimado herdeiro de um império. Eu poderia caminhar com os meus próprios pés, e foi o que fiz.

Vivia e respirava trabalho, mas também tinha a minha válvula de escape. Só em pensar nela toda nua para mim, meu pau já ficava ativo. Vivian era minha noiva, confidente e melhor amiga. Começamos a sair no último ano da faculdade de administração e, desde então, não nos desgradamos mais.

Pensar na bela loira esperando-me em casa me deixava aceso e revigorado. Eu estava pronto para uma dura e suada noite de sexo bruto.

Respirei fundo e afrouxei o nó da gravata preta em volta do meu pescoço. Liguei para minha secretária para confirmar a agenda do dia seguinte, em seguida, dispensei-a. Peguei minha pasta preta sobre a mesa e saí da minha sala em direção ao elevador.

Naquela noite, faria uma bela surpresa para a minha mulher. Eu iria compensá-la um pouco pela minha ausência por causa do trabalho, que me consumia todos os dias. Foi pensando nisso que não liguei para avisá-la que estava saindo da empresa como eu fazia todos os dias. Queria surpreendê-la.

Durante o percurso, parei o sedã em frente a uma loja de vinhos exclusivos, comprei uma garrafa de Chianti Clássico, uma das bebidas que ela mais apreciava. Mais à frente, completei o presente com um elegante buquê de rosas vermelhas.

Cheguei ao apartamento que dividia com ela uma hora e meia mais cedo que o meu costume. Saí do carro, deixando a minha pasta no interior do veículo, e corri em direção ao elevador, segurando os presentes em minhas mãos. Ao chegar na sala, coloquei o vinho sobre a mesa e o buquê de rosas em cima do sofá, para então começar a tirar o terno quente que estava me sufocando.

Arregacei as mangas da camisa branca e abri alguns botões, enquanto andava. Meus nervos relaxaram instantaneamente e um sorriso lascivo surgiu em meus lábios assim que ouvi a música baixinha que vinha do nosso quarto, misturando-se ao som do chuveiro ligado.

Abri a porta devagar e entrei, tomando cuidado para não fazer barulho, maravilhando-me ao som de *Secrets*, do OneRepublic, uma das minhas músicas favoritas. Retirei o relógio do pulso e o coloquei sobre o criado-mudo. Logo depois, dei o mesmo tratamento ao meu cinto.

Abri mais alguns botões da camisa e andei em direção ao banheiro, na intenção de surpreendê-la, já imaginando tudo o que faria daquele momento em diante. Minhas mãos já tremiam em ânsia de tocar o corpo macio. No entanto, um som abafado, lamuriante e tão conhecido por mim, me fez parar no meio do caminho. Congelei. Era um gemido deslambido.

Senti o sangue sumir do meu corpo, dando lugar a uma mistura de confusão e raiva imensurável. Não... Não poderia ser o que eu estava pensando. Eu perderia o meu senso, seria capaz de fazer uma besteira. A passos firmes, segui até o banheiro e empurrei a porta usando toda a força que tinha, fazendo o objeto se chocar contra a parede, causando um barulho retumbante. Então, eu os vi. Minha noiva e o seu *personal trainer*, traindo-me descaradamente dentro da minha própria casa. No quarto em que eu dormia.

Vi o homem se encolher covardemente atrás da vagabunda. Nem ao menos teve a decência de me enfrentar. Um verdadeiro covarde, miserável.

Vivian me encarou alarmada, o peito subindo e descendo nervosamente, enquanto tentava tapar a sua vergonha com as mãos.

Fora de mim, segurei-a pelo braço bruscamente e a arrastei para fora do banheiro.

— Saia, agora! — ordenei com ódio. — Saia!

— Cadu. Meu amor... Me deixe explicar.

— Cala a boca, porra! Sua puta descarada. Eu te dei tudo, e olha como me agradece. Exijo que você saia agora mesmo, você e esse escroto covarde.

— Eduardo, não pode fazer isso — o imbecil falou, vindo logo atrás.

Virei-me e cravei minha atenção em sua fisionomia, com sangue nos olhos. Parecia que o demônio havia me possuído, era a

definição mais próxima de mim naquele momento.

Avancei em sua direção e o atingi com rajadas de socos no rosto. Logo depois, empurrei-o para cima da vadia. Seu queixo sangrava. Meu desejo era fazer isso a ela, mas seria covardia. Não bateria em mulher.

— Cadu, amor, me ouça. Eu...

— Saia! — eu disse, possesso. Voltando a segurá-la pelo braço, puxei-a na direção da sala.

— Por favor, espere, eu me preciso me vestir.

— Tá com vergonha agora, sua puta? Pois quero que o prédio inteiro saiba a vadia que você é!

Sem cerimônia e um pingo de remorso, abri a porta que dava acesso ao corredor e enxotei os dois para fora, da forma na qual vieram ao mundo. Eu queria humilhá-los, da mesma maneira que haviam feito comigo.

Naquele momento, prometi a mim mesmo que aquela fora a primeira e última vez que eu havia sido feito de idiota. Naquele momento, prometi a mim mesmo que nenhuma mulher teria lugar na minha vida, a não ser em cima da minha cama.



Dias atuais...

Deixo o copo de uísque em cima do suporte prateado, próximo à banheira, e começo a abrir os botões da camisa social. Minha boca ainda lateja, ardendo devido ao soco que recebi daquele desgraçado. No entanto, sorrio. Adorei provocar a filha de Andrew no dia do seu casamento. De certa forma, aquilo me deixou erigido. Sou mesmo um cretino, confesso. Gostei de ser desafiado.

Contudo, agora, estou muito mais interessado em descarregar as energias que acumulei durante o período de estadia aqui em Nova Iorque. O trabalho é, e sempre será, a minha maior prioridade.

Enquanto fito a ruiva de lábios carnudos deliciosos, completamente nua dentro da banheira, permito que um gemido escape da minha garganta. Com o olhar fixo nos meus, ela torce uma mecha de cabelo acobreado entre os dedos e fica de joelhos dentro da banheira, deixando os seios túrgidos ao meu deleite.

Descaso os botões da minha calça e a desço junto com a cueca, fazendo meu pau saltar para fora, grande, grosso e majestoso, completamente melado com o pré-goço.

— Gosta de chupar, querida? — provoco quando a vejo passar a língua pelos lábios e mordiscá-los, ansiosa.

— Adoro, Edward! — responde com ousadia, chamando-me com o sotaque carregado.

— Boa garota. Mostre-me o que sabe fazer. — Acaricio a pele do seu rosto, branca como porcelana, e deslizo as minhas mãos até os fios dos seus cabelos, puxando-os, direcionando a sua boca até o meu pau.

Fecho os meus olhos e trinco os dentes quando sinto a língua quente me experimentar. Logo, sou abocanhado por inteiro.

Os lábios experientes me sugam com vontade, dando beijos e lambidas estaladas deliciosas. A ruivinha sabe o que está fazendo e nada mais poderia me agradar tanto no momento. Quem diria que uma noite tão desafiadora acabaria assim, comigo em uma suíte de um hotel cinco estrelas, comendo uma mulher linda e experiente que acabei de conhecer. Do jeito que gosto.

Quando minhas bolas se tencionam e sinto a força do goço aproximando-se, seguro seu cabelo com mais força e enfio meu caralho com vontade até a sua garganta, deixando-a entalada. Pisco descaradamente na sua direção, vendo o rosto pálido tornar-se

vermelho, e então descarrego toda a minha porra dentro da sua garganta, fazendo a moça engolir cada gota.

— Isso, querida, toma tudo. Putinha, safada! — digo, satisfeito com a gula com que ela me toma.

Quando termino, deixo os meus ombros caírem, relaxados, e suspiro. Esta noite, irei me esbaldar em cada buraco que ela tem no corpo, mas, amanhã, quando o dia raiar, nem sequer lembrarei o seu nome, e então ela será só mais um número na lista de conquistas de uma noite que coleciono. Para falar a verdade, é apenas disso que preciso.

CAPÍTULO 01

CARLOS EDUARDO

O som do toque do meu celular soa fraco sobre o criado-mudo, ao lado da cabeceira da cama onde estou deitado, relaxado. Pego o telefone, sem prestar atenção no visor. Olho para o lado e vejo que a ruiva ainda dorme enrolada no lençol branco.

Antes de atender à chamada, retiro rapidamente o pano que cobre a sua bunda e deslizo minha mão pela pele macia e muito clara. Passo meus dedos pelas curvas do seu traseiro e acerto um tapa, deixando o local avermelhado.

— Alô. — Levanto-me da cama, pelado, atendo à chamada, e sigo até as vidraças.

— *Bom dia, Carlos!* — cumprimenta Andrew com a voz seca — *Que merda foi aquela ontem na minha casa?* — questiona, indo direto ao ponto.

Franzo a testa e suspiro. Para falar a verdade, nem eu mesmo sei por que me meti justamente com a noiva e, pior, filha de um antigo amigo da minha família. Contudo, ser desafiado me instiga, principalmente porque nunca tive quaisquer problemas para ficar com alguma mulher. Aquela gracinha de olhos verdes tentadores fez justamente o contrário: me ignorou. O problema é que não imaginei que o pitbull do marido fosse me flagrar.

— Peço desculpas pela indiscrição, Andrew. Acabei confundindo a sua filha com... — Pauso por alguns segundos, pensando em alguma desculpa qualquer. — Com outra mulher que conheci esses dias. Elas têm o mesmo perfil — minto.

— *Não tente me fazer de bobo, Carlos. Te conheço há anos. Conheço a sua fama também* — diz, austero.

Gargalho, sem conseguir me conter. Realmente, conheço Andrew há muitos anos, fomos apresentados pelo meu pai em uma das nossas muitas viagens a Nova Iorque. Apesar de ser um federal rigoroso e respeitado, ele é também frequentador de grandes eventos importantes entre as pessoas mais requisitadas do país.

— Vamos esquecer o passado e focar no presente, parceiro — sugiro. — Que tal um *drink* mais tarde? Pegarei o voo daqui a algumas horas e não tenho muito o que fazer durante este tempo.

Paro de observar o circular de pessoas no Central Park pelos vidros da suíte, e me viro na direção da cama. A ruivinha, que acabou de acordar, me olha sonolenta e sorri. Algumas mechas avermelhadas de cabelo deslizam pela sua testa, emoldurando o rosto bem desenhado, salpicado de minúsculas sardas.

— *Hoje não posso, estou morto depois da noite de ontem, mas podemos marcar algo daqui a uma semana no Brasil. Pegarei alguns dias de férias e pretendo fazer um passeio em família. Aproveito para fazer uma visita ao seu pai.* — diz, um pouco mais calmo.

— Sem problemas — respondo, analisando o corpo nu da mulher na cama. — Tenha um bom dia, Andrew — digo e caminho na direção dela.

Deixo o celular sobre o criado-mudo e me aproximo mais. Apesar de a noite ter sido suada e deliciosa, está chegando a parte menos interessante do dia. A parte em que dispenso a mulher sem deixar tão evidente que eu só queria comê-la e nada mais. Essa tática serve para evitar possíveis ataques logo pela manhã, coisa que não tenho muita paciência para aturar.

Fico de frente para ela e pisco descaradamente, como somente eu sei fazer. A moça praticamente se derrete, enquanto me analisa dos pés até o último fio de cabelo, focando no meu pau que

ainda exhibe a ereção matinal. Ela deve estar pensando em quanta sorte teve noite passada, mas não posso tirar sua razão. Não é qualquer homem que tem pique para dar a uma mulher dois orgasmos seguidos, e isso porque ela nem imagina a extensão da minha conta bancária.

— Dormiu bem, querida? — pergunto assim que ela sai da cama e me agarra pelo pescoço, colando o seu corpo ao meu.

— Maravilhosamente bem — responde, animada, com um sorriso estampado no rosto.

— Ótimo. Então apronte-se, está na hora de ir embora.

Seu sorriso morre instantaneamente, dando lugar a uma expressão de incredulidade.

— Como assim? Pensei que... Não sei... Que fôssemos nos divertir um pouco mais.

Encaro a mulher com seriedade e seguro seu pulso com certa firmeza, sem comprimir demasiadamente, apenas o suficiente para que ela entenda que não estou lhe dando liberdade para me tocar desta maneira. Em seguida, retiro suas mãos do meu pescoço e afasto-a.

— É uma pena. Mas tenho muito o que fazer, então você precisa ir.

— Mas hoje é sábado. Podemos fazer tantas coisas — diz, desapontada.

Toco o seu queixo de leve e faço com que ela me encare. Sorrio com cinismo, já impaciente.

— Tão linda, mas tão ingênua — digo e me viro. Cato as minhas roupas espalhadas pelo chão e começo a me vestir. — O que foi? — questiono ao ver que a moça segura o lençol com força contra o seu corpo esguio. Ela me encara com frieza no olhar, a testa franzida de raiva.

— Eu já conheci homens imbecis, mas você certamente ganhou o título de honra — diz sarcástica.

— Fico feliz que você tenha compreendido o recado... — Termino de vestir a camisa e paro, pensativo, tentando relembrar o nome dela. Contudo, é em vão. Não me lembro nem se ela tinha me dito. — Como se chama mesmo? — pergunto na cara de pau.

A mulher arregala os olhos e abre a boca, incrédula, mas eu apenas dou de ombros, até porque aqui não tem nenhuma criança. Somos dois adultos que estavam com tesão, só isso.

— Vou embora e espero nunca mais precisar olhar para essa sua cara, ridículo! — rebate.

— Obrigado! — Sorrio e respondo calmamente. Ela está me poupando de uma enorme dor de cabeça.

Já vestido, encosto-me na parede e, sem que ela se dê conta, observo-a se vestir, irritada. Apesar da indiferença, me delicio com a visão do corpo nu, no qual fiz um banquete a noite inteira.

Quando ela termina, pega a bolsa e passa por mim, soltando fogo pelas ventas, fazendo questão de empinar o nariz.

— Adeus, querida. Foi um prazer comer você! — provoco ainda mais.

A mulher parece transformar-se em um felino raivoso, pois dá meia volta e marcha na minha direção.

— Querida é sua vó, seu imbecil. — Levanta o braço e faz menção a me acertar com um tapa no rosto, mas, para seu azar, sou mais rápido. Seguro sua mão com força e a impeço.

— Não ouse levantar a mão para mim. Agora, saia! — ordeno, cerrando os dentes.

— Seu maldito... — vocifera com o olhar cheio de ódio. — Algum dia você vai se arrepender por tratar uma mulher desta maneira, seu grosso.

Balanço a cabeça e sorrio ainda mais, quase que gargalhando. Ah... Se ela soubesse que esse dia nunca irá chegar, com certeza não estaria me fazendo perder tempo. Já gastei a minha cota de trouxa para nunca mais repetir. Para falar a verdade, tenho pena da criatura que tentar entrar no meu caminho com terceiras intenções que não sejam apenas me dar a boceta. Não tenho pena de pisar nos cacos dos pobres corações feridos, afinal, não tenho culpa delas serem tão vulgares e descaradas. Além disso, não sou responsável por suas ilusões infantis, nunca ofereço mais do que sexo.

Lembrar de vulgaridade faz meus pensamentos voarem para anos atrás, e isso faz uma ira insana despertar em mim. Fecho os meus punhos, ainda mais irritado.

Assim que a mulher sai da suíte, batendo a porta com ira, sigo até o bar e sirvo-me de uma dose de uísque. Ainda que esteja cedo e o sol mal tenha acabado de raiar, sinto a necessidade de relaxar um pouco antes de embarcar de volta para o Brasil. Lá, deixarei a pose de conquistador irresistível e voltarei à velha e boa rotina como o CEO respeitado que sou, dentro do meu império na Ferraz Engenharia.

Tomo o líquido amargo e coloco o copo sobre a bancada. Vou ao banheiro e faço uma breve higiene pessoal. Pego minha carteira, o celular e me preparo para sair. Contudo, assim que sigo até a porta, lembro de olhar o meu WhatsApp para conferir se há algum recado importante.

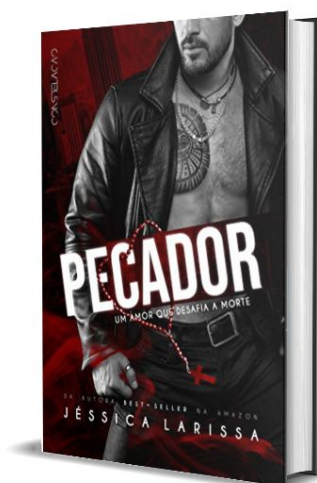
Respondo a algumas mensagens da minha secretária particular e outras de Felipe, meu advogado e melhor amigo. Quando estou prestes a bloquear o visor, vejo que há uma mensagem de alguém que não está nos meus contatos.

Saudades de você, meu amor. Quando retorna?

Analiso o número de telefone, confirmando que é do Brasil e que se trata da mesma pessoa que vem me atormentando durante toda a semana com mensagens descabidas e bobas como essas. Franzo a testa, impaciente com esse joguinho adolescente, e simplesmente ignoro, como das outras vezes. Se houver mais alguma mensagem dessas, precisarei bloquear o número.

LEIA OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS CLICANDO AQUI:

<https://amzn.to/2TyWxek>



SINOPSE

No coração de Manhattan, tudo pode acontecer.

Alexander Roussel é um homem ferido, que só sabe ferir, que desliza caminhando sua sombra perigosa e sedutora na noite. Um anjo caído da morte.

Ele tira vidas. É um mercenário, um assassino de aluguel. Sem escrúpulos, sem pena, sem medo. Sem coração.

Mas o destino quis que ele cruzasse com aquela que se dedica a salvar vidas: a filha protegida de um dos chefões da Máfia.

Ela é o seu contrário. Angelina Lucky é a luz da vida, é a inocência. É o coração pulsante. Ela é a ternura que ele nunca conheceu.

Ela é o anjo de luz que talvez ele precise para iluminar seus passos cheios de sangue.

Alexander se vê diante de talvez o seu maior pecado: tirar a pureza da mulher que abala todas as suas estruturas, fazendo-a

conhecer todas as tentações da carne ao lado de um homem corrompido por natureza.

Angelina se vê no dilema entre o amor proibido e tão carnal e suas inclinações religiosas.

Eles são o maior pecado um do outro. Mas também podem ser a salvação que eles precisam.

Romance dark e hot contemporâneo (+18)

Aviso: Este livro contém linguagem crua, cenas de violência e sexo explícito. Respeite seus limites de leitura.

LINK: <https://amzn.to/2Zyj0w1>



SINOPSE

Diferença de idade, polêmico e proibido.

O que acontece quando a razão e a emoção se desejam? Quando a atração e a realidade se chocam em um romance sensual e envolvente?

Sebastian é razão e tempestade. Um fuzileiro naval que é pura testosterona, mas que guarda mágoas profundas em seus olhos cinzas e que busca sua cura ao sair da marinha e voltar a um lugar do seu passado. Ele quer se reconstruir com suas próprias mãos.

No seu caminho, conhece Eliza, uma jovem rica, emotiva e inconsequente que vai ver seus sonhos sendo confrontados pela realidade deliciosa de Sebastian e sua atração máscula implacável.

Eles não apenas se desejam, mas se confrontam. Será que ambos poderão construir uma vida juntos? Eles serão a luz um do outro? Podem superar a poderosa volúpia que os consomem?

Emoções envolventes desabrocham em Yellow, como girassóis procurando o sol.

LINK: <https://amzn.to/3c8LdfG>



SINOPSE

Pode existir um milagre de natal?

Para o Bilionário Vincent Blackwell, sim.

No passado, o sorriso de uma menina no natal lhe deu forças quando ele mais precisava.

De forma inesperada, um anjo doce o salvou de todas formas que um homem pode ser salvo.

Agora, um homem duro de negócios, ele nunca deixou de se lembrar de quando era um garoto ferido que uma certa menina encantou.

Até que um novo milagre de natal acontece, e aquela menina agora em forma de uma linda mulher novamente reaparece em seu caminho, e ele não vai descansar até conquistá-la.

Escrito por Mellody Ryu, Christine King e Jéssica Larissa

LINK: <https://amzn.to/3d270H9>

SOBRE A AUTORA



Aos 24 anos, JÉSSICA LARISSA é uma escritora baiana, fascinada pela literatura, principalmente pelos gêneros de romance hot e dark, aos quais tem dedicado sua escrita. Mãe, esposa e dona de casa, atualmente cursa Engenharia Civil e fez da escrita seu mais feliz passatempo. Recentemente, publicou seus romances em plataformas on-line que, juntos, alcançaram mais de 20 milhões de leituras.

REDES SOCIAIS:

Perfil do Facebook:

<https://www.facebook.com/lara.packer.9>

Grupo do Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/221932408436790/>

Instagram:

<https://instagram.com/jessicalarissa59?igshid=4gmavwgygw4w>